



Das Pedreiras às Torres e Carrancas Uma Nova Catedral para Porto Alegre



C198p Campos, Vanessa Gomes de

Das pedreiras às torres e carrancas: uma nova Catedral para Porto Alegre [recurso eletrônico] / Vanessa Gomes de Campos, Caroline Zuchetti, Lucas Bernardo Volpatto. - Dados eletrônicos. Porto Alegre: Outubro, 2021.

Modo de acesso:

<https://www.catedralpoa.com.br/>

ISBN: 978-65-00-27743-2

1. Arquitetura. 2. Catedral Metropolitana de Porto Alegre: História: Construção. 3. Religião. I. Campos, Vanessa Gomes de. II. Zuchetti, Caroline. III. Volpatto, Lucas Bernardes. IV. Título.

Bibliotecária: Márcia Piva Radtke.

CDU 72

CRB 10/1557

PROJETO GRÁFICO: **OUTUBRO** - Elina Tasca, Pedro Mietlicki, Telma A. Mota

DESIGN EDITORIAL: **OUTUBRO** - Elina Tasca, Telma A. Mota

CAPA: **OUTUBRO** - Elina Tasca, Telma A. Mota

REVISÃO LINGUÍSTICA: Greice Anzolin

Caroline Zuchetti
Lucas Bernardes Volpatto
Vanessa Gomes de Campos

Das Pedreiras às Torres e Carrancas Uma Nova Catedral para Porto Alegre



À Irmandade São Miguel e Almas, cujo apoio possibilitou a execução gráfica desta edição.

Ao diácono Dr. Alexandre Gruszynski que gentil e competentemente traduziu para o português as correspondências em italiano do arquiteto Giovanni Battista Giovenale.

A Dom Jaime Spengler, Arcebispo Metropolitano, e ao Pe. Rogério Luís Flôres, pároco da Mãe de Deus – Catedral Metropolitana, pelo incentivo e reconhecimento do nosso trabalho.

A Catedral: Sonho e Realidade

Sete de agosto de 1921: data em que um sonho começou a tornar-se realidade. Data do lançamento da pedra fundamental da Catedral de Porto Alegre, dedicada à Mãe de Deus. Foram necessárias quase sete décadas de trabalho intenso para que o sonho ganhasse contornos definitivos.

O sonho do arcebispo Dom João Becker transformou-se em realidade devido ao empenho, determinação e entusiasmo de Monsenhor João Maria Balem. Empreendedor, corajoso e culto, soube ele com maestria conduzir os trabalhos de construção da Sé de Porto Alegre.

A Catedral não é somente local de reunião de uma determinada comunidade de fé. Seu interior é marcado pela luminosidade e sobriedade. Das paredes nascem linhas de força, da construção colhe-se solidez e harmonia. Ela é também exemplo simbólico da totalidade da humanidade que anseia por uma nova e bela ordem. Sua cúpula é imagem da abóbada celestial, sob a qual se encontra todo ser vivente.

Se num primeiro instante o sonho de construção da Catedral foi marcado por contradições, depressão e desânimo, o sonho tomou contornos de realidade “ao redor de uma mesa para um café da tarde”, entre Dom João Becker, Monsenhor Balem e Monsenhor Mariano, em Gravataí. Enquanto fora o sonho de uma só pessoa, o projeto não se tornou possível. Mas quando várias pessoas começaram a sonhar o mesmo sonho, este sonho se tornou realidade.

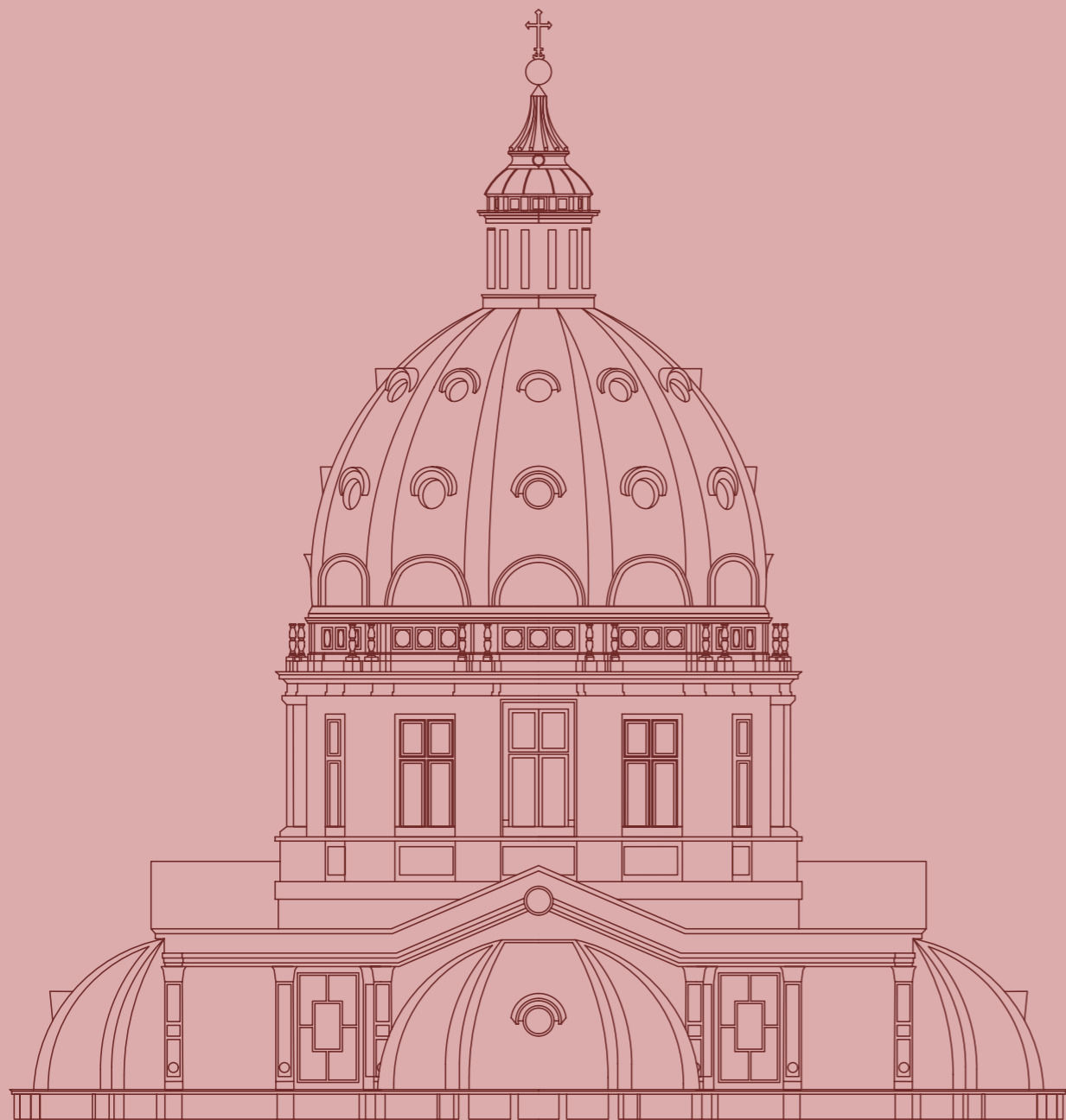
O presente livro pretende oferecer à comunidade porto-alegrense a memória visual, juntamente com documentos e elementos marcantes do itinerário de construção deste monumento arquitetônico da cidade: a Catedral Metropolitana.

Dom Jaime Spengler
Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre



SUMÁRIO

8	APRESENTAÇÃO	78	CAPÍTULO III Tramas dos alicerces
14	INTRODUÇÃO	114	CAPÍTULO IV Ergue-se a catedral
38	CAPÍTULO I Do pó vieste e ao pó voltaste	166	CAPÍTULO V Granito e mármore, carrancas e capitéis
52	CAPÍTULO II Nas pedreiras, lavrando blocos de granito	184	CAPÍTULO VI Nem só de pedra se constrói uma catedral



UMA
NOVA
CATEDRAL
PARA
PORTO
ALEGRE

*A fotografia não busca gostar e
sugerir, mas sim oferecer uma
experiência e ensinamento.*

Walter Benjamin, 1931

História de um livro ou um livro de história?

Desde os primórdios do Cristianismo, *catedral* significa a sede do bispo e insere-se em uma realidade arquitetônica precisa: assume múltiplas formas ao longo do tempo, lega um emblema à cidade e é visível à distância. Isso posto, é importante salientarmos que o Bispado do Rio Grande de São Pedro foi criado em 1848, e, no período, a matriz existente se tornou, provisoriamente, a Catedral, até que outra igreja, mais apropriada e digna, pudesse ser construída.²

Nessa perspectiva, sucederam os pastores: Dom Feliciano José Rodrigues de Araújo Prates (1853-1858); Dom Sebastião Dias Laranjeira (1861-1888); Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão (1890-1912); Dom João Becker (1912-1946) – que, em 1921, deu início ao longo percurso de construção da Nova Catedral –; Dom Vicente Scherer (1947-1981) – assumiu a operação da obra após a morte de seu antecessor –; e Dom Cláudio Colling (1981-1991) – sob o seu governo, em 1986, as obras foram finalizadas.

Em retrospectiva, a primeira igreja de Porto Alegre, a matriz Nossa Senhora Madre de Deus, recebeu o status de Catedral com a criação do Bispado. Situada em um local icônico da cidade, a matriz nomeou por muitos anos a praça à sua frente³. Ressaltamos que o privilégio da localização na praça acentuou a integração com outros edifícios que a fizeram emergir como representação identitária de Porto Alegre, desde o início da organização do espaço urbano da capital. À vista disso, podemos dizer que o prédio da Catedral é capaz de produzir, ainda hoje, um vínculo simbólico com a população⁴, indo muito além da apropriação religiosa. Enquanto lugar, os prédios localizados no entorno da praça foram sendo modificados e/ou gradativamente substituídos⁵, evidenciando o valor arquitetônico que testemunhou a historicidade da cidade.

No final do século XIX, com o governo de republicanos reformadores convictos, o espaço urbano mergulhou em um novo contexto de modernização, higiene, beleza, progresso e industriabilidade⁶. O crescimento populacional⁷, impulsionado pelas correntes migratórias e pela instalação de imigrantes, e o aporte monetário possibilitaram que as atividades industrial e comercial da capital gaúcha se intensificassem. A dinamização da economia propiciou a emergência de grupos sociais ansiosos por exibirem símbolos de modernização. Assim sendo, paulatinamente, o cenário urbano sofria profundas modificações, sobretudo na área central, com edifícios que representavam a pujança econômica e financeira desta crescente elite⁸.

Nesse ínterim, vislumbrava-se a nova linguagem arquitetônica através dos diversos prédios públicos, conseqüentemente, Porto Alegre era revestida de praças urbanizadas e de amplas avenidas, encarregando-se de apresentar uma apropriada “sala de visitas” para o estado sul-rio-grandense. Segundo Célia Ferraz (2010), estava em curso uma reforma arquitetônica e urbanística, com a qual se pretendia abandonar os traços coloniais e imperiais da cidade de outrora.

Por conseguinte, a proposta para a construção de outro prédio para a Catedral de Porto Alegre dialoga com a realidade de seu tempo. Renato Fiore (2006), observando o campo das ideias, comenta que, enquanto os republicanos inspiravam-se na vanguarda europeia da Arquitetura francesa, a Arquidiocese buscou – tendo como agente Mons. João Maria Balem – um projeto de inspiração Renascentista, cujos padrões estéticos baseavam-se na “crença da universalidade e eternidade dos princípios clássicos” alocados em Roma.

A ancoragem da Igreja fundamentou-se na potencialidade do estilo histórico, remetendo ao esplendor que a instituição alcançara em outros tempos e invocando sua permanência no mundo moderno⁹. Paradoxalmente, a expressão nostálgica e a resistência diante das transformações sociais situava a Igreja naqueles novos contextos, mas com referências a passados bem mais distantes.

No cenário arquidiocesano, desde 1912, era o arcebispo Dom João Becker quem pastoreava as suas ovelhas. Ao assumir, a sua primeira providência foi organizar o Seminário, transferindo-o de Porto Alegre para São Leopoldo. É preciso compreender que a época de Dom João Becker foi marcada por grandes rupturas, sobretudo nas relações entre Igreja e Estado com o fim do Padroado Imperial, o que levou a Igreja a combater a laicização e posicionar-se como instituição necessária à vida funcional da sociedade. Logo, foi grande a preocupação por parte da Igreja em formar um clero disciplinado, hierárquico e nos moldes preconizados pelo Concílio de Trento¹⁰.

Portanto, o pastor precisava estar perto de suas comunidades, impulsionando-o a realizar diversas visitas pastorais nas paróquias de seu extenso território¹¹. Também, ao longo dos 34 anos de seu governo, produziu 34 cartas pastorais, vistas como um meio eficaz de ensinamento e de instrução do clero (e da sociedade) sobre a posição arquidiocesana diante da realidade vigente.

Dito isso, o desafio de construir uma Nova Catedral foi assumido por Dom João Becker, que, mesmo delegando autoridade à Comissão das Obras, acompanhava de perto e priorizava o empreendimento, tanto que a pedra fundamental foi lançada em 7 de agosto de 1921 para integrar a programação das comemorações jubilares de seu sacerdócio¹².

Após o início das obras, tudo parecia transcorrer bem e, em 1935, junto às festividades do centenário da Revolução Farroupilha, parte do frontispício, o arco triunfal neorrenascentista, já estava concluído. Vale dizer que devido à magnitude da obra, sua construção transcorria vagarosamente, sobretudo após o falecimento de Dom João Becker, em 1946, quando o tempo pareceu se arrastar mais ainda.

Dom Vicente Scherer, ao substituir seu antecessor, anunciou que seus primeiros desafios seriam a conclusão da Catedral, o V Congresso Eucarístico Nacional (agendado para 1948) e a construção de um Seminário. Nesse sentido, mediante a contratação de empréstimos e sob a coordenação do Pe. Cláudio Colling, a Catedral foi parcialmente inaugurada para receber o Congresso Eucarístico. Entretanto, depois de findado o Congresso, a construção da nave, das torres e da cúpula prolongou-se por 38 anos. Afinal, além da busca pelos recursos financeiros, outras prioridades retiraram a exclusividade da Catedral, como observamos na fala de Dom Vicente Scherer¹³: “Desde que assumi a direção do arcebispado, em 1947, outras obras, que não a Catedral, mereceram interesse prioritário”.

Mesmo com lentidão, as obras continuaram equilibrando recursos e precedências. Foi assim que, capitaneadas por Dom Vicente Scherer, lançaram-se as Campanhas Pró-Cúpula (1953) e Pró-Conclusão da Catedral (1956); ambas ajudaram, mas não foram suficientes. Como consequência, na década de 1960, as obras estiveram praticamente paralisadas. Somente em 1968 um novo fôlego ressurgiu, com a iminência da comemoração do bicentenário da fundação da matriz em 1972. A meta – que foi alcançada – era concluir a parte externa, as torres e a cúpula. Além disso, a última intervenção mais evidente foi a inauguração dos mosaicos¹⁴, em 1973, pois tudo ficou suspenso até 1982.

O comando da Arquidiocese, desde o final de 1981 cabia ao novo arcebispo, Dom Cláudio Colling. As obras da Catedral não eram novidade para ele, pois enquanto padre, em 1947, havia sido encarregado de acelerá-las, em vista do Congresso Eucarístico (1948). Em sua administração, as oficinas de cantaria¹⁵ foram reconstruídas e, sob a coordenação do mestre de obras José Pedro Ott, a Catedral pôde ser solenemente sagrada em 10 de agosto de 1986.

De forma bastante breve, buscamos salientar aspectos históricos para compor um cenário no qual a protagonista será a construção da Nova Catedral. É neste ponto que chegamos à história do livro.

No Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre (AHCMPA) existe uma inestimável coleção fotográfica que retrata a construção da Catedral Metropolitana de Porto Alegre, desde a demolição da antiga matriz até imagens do início da década de 1970. As fotografias – algumas conhecidas e outras tantas inéditas – geraram bastante interesse entre 2005 e 2006, quando a cúpula de mármore foi substituída por cobre¹⁶. À época, a coleção foi parcialmente organizada, revelando grande potencial narrativo, tanto do processo construtivo quanto de detalhes arquitetônicos, urbanos e sociais de um período de intensa transformação da Porto Alegre da primeira metade do século XX.

Na ocasião, nasceu em Vanessa Gomes de Campos, arquivista e historiadora no AHCMPA, a ideia de um livro que contasse a história da construção através das fotografias. No entanto, apesar de algumas tentativas, anos se passaram sem que a narrativa fosse contada. Somente em 2017, através da aproximação da historiadora e da recém-chegada museóloga da Catedral e da Cúria Metropolitana, Caroline Zuchetti, o antigo projeto foi elevado a outro patamar. Acessando com frequência o AHCMPA para suas

pesquisas sobre o acervo de obras sacras, e consultando os livros de Atas e das relações de Receitas e Despesas das antigas paróquias de Porto Alegre, foi apresentado à museóloga o acervo pessoal do Mons. João Maria Balem (1887-1978), consagrado historiador eclesial¹⁷ e diretor das Obras da Nova Catedral entre 1920 e 1950. Nesse momento, a arquivista e historiadora revisitou não só aquele acervo fotográfico que lhe despertara muito interesse há quase dez anos, mas também os documentos do Mons. Balem e, em parceria com a museóloga, emergiu-se um novo olhar, uma nova experiência, propiciado pelo novo contexto.

O cruzamento das imagens e dos documentos do acervo de Mons. Balem introduziram outros sentidos às fotografias, que iam além da estética e revelavam trajetórias únicas, contextualizadas, evidenciando vividos sociais. Convém dizer que, a partir desses vestígios históricos, foi possível acessar, sob outra perspectiva, a construção da Nova Catedral de Porto Alegre. Consequentemente, ao aprofundarmos a relação entre os personagens envolvidos na obra, sua conexão com a sociedade eclesial e civil, entendemos que era o momento de retomar o projeto do livro com as fotografias.

Assim, para integrar a equipe, convidamos o arquiteto Lucas Volpato, a fim de que contribuísse com seu conhecimento técnico sobre saberes, materiais e tecnologias construtivas da primeira metade do século XX, o que agregaria, efetivamente, valor informacional às imagens.

O impulso final ficou por conta da memória que foi acionada com uma rememoração, como nos ensina Ricoeur¹⁸. Estávamos em 2019 e o centenário da pedra fundamental aconteceria em 7 de agosto de 2021. Dessa forma, a comemoração da efeméride desencadeou o reconhecimento do vivido como modo de reflexão para uma nova

narrativa: a narrativa a partir das imagens. Portanto, a proposta desta publicação é trazer à tona registros fotográficos e documentais do processo de construção da Nova Catedral de Porto Alegre, no período entre 1920 e 1970, proporcionando uma experiência visual de outros tempos e possibilitando que novos conhecimentos sejam produzidos.

Mons. João Maria Balem ¹⁹

Em 1921, com o início das obras, Mons. João Maria Balem registrou através de imagens, documentos e anotações o processo que ele próprio coordenou como diretor. Em suas palavras, a Nova Catedral era a *menina de seus olhos* ²⁰, o que é evidenciado por meio dos rastros que deixou sobre trabalhadores, materiais de construção, correspondência com o arquiteto do projeto, o italiano Giovanni Battista Giovenale ²¹ (1849-1934), entre outros. E o que podemos dizer sobre João Maria Balem? Filho de imigrantes italianos que se fixaram em Caxias do Sul (RS), foi o primeiro de dez irmãos. Saiu da casa paterna aos 12 anos, a fim de iniciar a carreira eclesiástica: ingressou, inicialmente, no Colégio São José (Parei Novo/RS); em 1905, mudou-se para o Seminário N. Sra. Madre de Deus (Porto Alegre) ²²; e três anos depois, partiu para Roma, para concluir Teologia e estudar Direito Canônico no Colégio Pio Latino Americano.

Aliás, Roma, onde também foi ordenado sacerdote (1911), trazia-lhe boas lembranças, como deixou registrado em *Reminiscências – A Nova Catedral de Porto Alegre* ²³, ao reproduzir o diálogo com o amigo Mons. Luiz Mariano da Rocha: “Sempre foi meu sonho construir uma bela igreja, desde que voltei de Roma, onde fomos

Para compreender a arquitetura de Giovenale é preciso buscar o embasamento teórico e as discussões arquitetônicas de sua época. Dos tantos referências, destaca-se a Teoria da Restauração, que começou a ser entendida como disciplina a partir do século XIX, através de experimentações teórico-práticas desenvolvidas principalmente por Viollet Le Duc, John Ruskin e Willian Morris. Defensores desde a restauração estilística ao fatalismo da morte dos edifícios, a dicotomia só seria quebrada anos mais tarde com as percepções e teorias dos italianos Camillo Boito e Gustavo Giovannoni. Ao serem aprimoradas as teorias dos pioneiros, o destaque recaiu sobre Giovannoni, devido ao conceito do restauro científico, que teve relevante papel na elaboração da primeira carta de restauro, a Carta de Atenas (1931).

Foi nessa atmosfera cultural que o arquiteto Giovanni Battista Giovenale, nascido em Roma, em 1849, formou-se engenheiro, arquiteto e restaurador, destacando-se como profícuo estudioso da Arqueologia Medieval. Presente por mais de 50 anos no cenário político e cultural de Roma, seu nome é lembrado como um dos responsáveis pela transformação arquitetônica da cidade após a unificação italiana. Atento a minuciosos detalhes construtivos e decorativos, tanto nas obras novas como nas restaurações, era considerado um arquiteto eclético com predileção da linguagem Neobarroca.

Foi contemporâneo e amigo de Giovannoni, publicou trabalhos sobre as restaurações dos edifícios em que atuou, além de ser contumaz defensor da classe profissional dos arquitetos no campo da Arquitetura e do Urbanismo. Participou de concursos para edificações públicas e foi restaurador de diversas edificações quinhentistas, sendo premiado pelo restauro da Basílica de Santa Maria de Comedini e notoriamente reconhecido por projetar o Museu de São Pedro (demolido posteriormente para a construção da atual sala de audiências do Vaticano). Sua única obra edificada fora da Itália é a Catedral de Porto Alegre, já que a de Patrasso, na Grécia, não saiu do papel.

Conforme pesquisadores italianos, o arquiteto aproveitou a oportunidade de projetar na América uma obra que fizesse menção aos ameríndios, pois estava em voga a recente descoberta das ruínas de Machu Picchu (1911). Embora a Catedral de Porto Alegre tenha sido inspirada no projeto Quinhentista da Basílica de São Pedro, na cripta o arquiteto valeu-se da imagem folclórica e pitoresca dos povos pré-colombianos, dedicando-se aos detalhes decorativos que fariam tal referência.

Giovenale nunca esteve em Porto Alegre, por isso acompanhou a execução de seu projeto através das fotografias despachadas pelo correio pelo Mons. Balem. Faleceu aos 23 de setembro de 1934, em Roma, após longa dedicação à profissão e aos estudos histórico-artísticos.

juntos estudar... quantas magníficas igrejas vimos, te lembrás? Eu ia ver os templos, enquanto o amigo gostava mais de ir ver as galerias de arte”.

De volta a Porto Alegre, foi nomeado subsecretário (1912) e depois secretário (1914) do arcebispo Dom João Becker, função que exerceu por pouco tempo, pois foi designado à paróquia N. Sra. da Glória, na qual teve a incumbência de construir o prédio sacro. Em 1916, no mesmo ano que integrou o Cabido Metropolitano como cônego catedralício, recebeu a notícia que seu irmão, que se encontrava na guerra, na Itália, havia sido capturado e feito prisioneiro na Áustria²⁴. Entre 1919 e 1949, foi cura (pároco) da Catedral, sendo nomeado, a partir de fevereiro de 1920, como diretor das Obras da Catedral²⁵. As obras estiveram sob sua direção até 1950 e durante a sua atuação, em 17 de setembro de 1927, foi-lhe conferido o tão significativo título de “Monsenhor”.

Ao longo de sua trajetória teve diversos interesses, dentre os quais, além da Catedral, estavam a história de sua terra natal e temas ligados à história da Igreja Católica. À vista disso, suas primeiras publicações teriam sido²⁶ feitas na Revista do IHGRGS²⁷, instituição que ingressou como membro em 1949. Em 1941, publicou pela católica Tipografia do Centro²⁸ o livro *A primeira paróquia de Porto Alegre: Nossa Senhora Madre de Deus*²⁹; já em 1952, Mons. Balem



lançou a célebre pesquisa *A paróquia de São José de Taquari*. Em toda a década de 1950, publicou no jornal *A Nação* a coluna diária intitulada “Efemérides Religiosas”, repleta de eventos religiosos, assim como, entre 1957 e 1958, escreveu para o *Jornal do Dia* a coluna “A Nota Histórica”, que tratava de pequena biografia de algum personagem histórico.

Entretanto, a partir do governo de Dom Vicente Scherer, além da mudança do pastor, mudariam também as estruturas, com reformas em todos os níveis, desde pastorais a gerenciais. Mons. Balem passou a ter outras funções – que vigoraram até quase sua morte – na Cúria Metropolitana: arcediogo, capelão do convento N. Sra. do Carmo e da Irmandade São Miguel e Almas³⁰, defensor do vínculo e, como já mencionado, historiador eclesiástico.

O acervo deste eminente sujeito pautou a configuração de nossa narrativa, pois o entendemos como agente central, não só enquanto fonte material, mas do próprio processo da Nova Catedral. Tendo o olhar do Mons. Balem como um tipo de alavanca, o *design* editorial e a identidade visual foram sendo refinados como resultado dos atributos, comportamentos e finalidades acertados entre a equipe.

Durante todo o desenvolvimento de nosso trabalho, estabelecemos como missão principal oferecer à sociedade elementos capazes de fortalecer sua identidade coletiva, uma vez que a preservação de documentos, nos seus variados suportes, cumpre o seu propósito à medida que possam ser acessados e que contribuam para a elaboração da memória da cidade, contextualizando as sociedades de outrora e dando sentido à realidade patrimonial e cultural que construímos na atualidade.

As fotografias

Como nos ensinou Walter Benjamin (1892-1940), a fotografia oferece experiência e ensinamento, pois não é um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. A fotografia é um rastro, um traço visual do tempo ³¹, assim como é a expressão visual da realidade social ³².

Nesse sentido, a fotografia jamais será mero reflexo do real. Em outras palavras, ao optarmos pela fotografia como elemento de nossa narrativa, realizamos uma opção metodológica que passa a fazer sentido à proporção que conseguimos aprender com as imagens e formar um conjunto orgânico capaz de promover múltiplas experiências. Cada indivíduo, com suas próprias vivências, apropriar-se-á da narrativa e a transformará em novas experiências.

Em 2012 foi publicado, postumamente, o livro *Catedral Metropolitana de Porto Alegre: Guia Histórico-Artístico*, de autoria de Dom Antônio Cheuiche. Profundo estudioso da história da arte, o objeto de estudo de Dom Antônio foi o resultado artístico da obra, ou seja, a magnitude arquitetônica e simbólica da Catedral.

Isso posto, justificamos que esta proposta difere da obra de Cheuiche, pois nosso foco é o processo de construção, conduzido pelo material à nossa disposição. Nasce, assim, um livro de caráter documental, composto por registros históricos fotográficos – símbolos imagéticos, artísticos e humanos – e por textos que lhe são complementares.

Mons. Balem tinha o hábito de colecionar fotografias. É possível identificar em seu acervo uma notável variedade de temas, porém não há como saber – até o momento – se ele próprio tinha o hábito de fotografar. Grande parte das fotografias tem identificação do fotógrafo, em contrapartida, diversas não possuem a autoria e outras tantas são reconhecidamente cópias, dada a quanti-

dade de repetições que existe (sabe-se que Balem gostava de distribuí-las aos conhecidos).

No caso da “Coleção Catedral Metropolitana de Porto Alegre” nos aproximamos com maior clareza de informações a respeito da sua produção e constituição, haja vista que Mons. Balem, no texto *Reminiscências*, escreveu, por volta de 1920: “Pedi ao meu amigo José Antônio Porcello, fotógrafo, que me preparasse umas cópias e que remeti ao comendador G. B. Giovenale, a fim de que as apreciasse”. De fato, são de João Antônio Porcello a maioria das fotos que contêm identificação ³³.

Da mesma forma, nas cartas enviadas por Giovenale há inúmeras referências às fotografias recebidas, como se lê na correspondência de 13 de dezembro de 1920, ao informar: “hoje recebi a pasta contendo desenhos e fotografias”. Isto é, enquanto o terreno era preparado, mesmo de longe, as imagens integravam-no ao local da futura obra.

Mas foi no rascunho da carta que Balem mandou para Giovenale, datada de 22 de junho de 1922, que se confirmou o objetivo da formação deste incrível acervo imagético: “Estou expedindo hoje um novo pacote postal com diversas fotografias do local da nova Catedral **para que possa acompanhar os trabalhos e ter uma ideia do que se está fazendo**”. Ao que provavelmente Giovenale respondeu, em 1º de agosto de 1922: “Recebi o pacote das belíssimas fotografias que Vossa Reverendíssima teve o prazer de enviar-me, **e por elas consegui formar uma ideia do progresso dos trabalhos**” (grifos nossos).

Sendo assim, da escolha das imagens dependia a nossa proposta. Inicialmente, estabelecemos os seguintes critérios, não necessaria-

mente nessa ordem, para nortear a seleção: qualidade da imagem, representatividade, contextualização e ineditismo. Dentre as cerca de 1.500 imagens da “Coleção Catedral Metropolitana de Porto Alegre” existentes no acervo do AHCMPE, a partir da estrutura previamente delimitada, tomamos as imagens como fonte de pesquisa e analisamos cada uma. Deste estágio inicial, resultaram alguns ajustes na estrutura e, após inúmeras reflexões e debates entre a equipe, chegamos a um total de 143 fotografias que constroem a presente narrativa.

A nível técnico, decidimos que as fotografias seriam apresentadas em preto e branco, pois na perspectiva do visual, confeririam harmonia ao livro, já no viés da originalidade, manteriam o recurso fotográfico da época. No final do livro, como último recurso explicativo, lançamos os créditos das imagens fotográficas, separando-as por coleção e autor. Vale dizer que as informações dos documentos e desenhos arquitetônicos são apresentadas da mesma forma.

As fontes

As imagens foram ordenadas de modo cronológico e temático, assim, constatamos que o acervo formado pelo Mons. Balem registrava as obras da Nova Catedral entre as décadas de 1920 e 1970³⁴. A partir disso, percebemos que nossa baliza temporal estava marcada pelo período referido, então, buscamos fontes que contextualizassem o processo construtivo e gerassem conteúdo para as legendas. Para isso, contamos com a participação do historiador Matheus Kern Vargas ³⁵, que, durante dois meses, fez o levantamento e a análise inicial do acervo pessoal do Mons. Balem a partir da narrativa pensada pela equipe.

Com as descobertas cada vez mais significativas no acervo, a construção e organização da publicação apresentou novas dimensões, acarretando a ampliação da pesquisa e a inclusão de um texto descritivo e cronológico no início de cada capítulo, a fim de facilitar a compreensão da fase abordada. Foi nesta etapa do projeto que a equipe realizou o maior cruzamento de dados entre os documentos e bibliografias.

Nesse sentido, merece especial menção a correspondência que Giovenale ³⁶ enviou a Balem e que foi gentilmente traduzida do italiano para o português pelo diácono Dr. Alexandre Gruzinski. Salientamos que esta foi uma das principais fontes, pois nos forneceu elementos para a análise técnica e conceitual do projeto arquitetônico, assim como esclareceu a relação entre o arquiteto Giovenale e Mons. Balem, idealizadores do projeto executivo.

Outro material essencial foram as Atas da Comissão de Obras, todas numeradas e registradas entre 1916 e 1948 (data da última reunião oficial desta Comissão). A partir dessas materialidades, identificamos o papel da organização civil nas relações, ações promocionais e financeiras que viabilizaram as obras até aquele momento.

Além disso, os escritos e anotações de Mons. Balem contribuíram de modo peculiar, uma vez que neste tipo de documentação a personalidade e os eventos da vida do indivíduo interagem, ou seja, entrecruza-se o lado pessoal e o lado social ³⁷. Nos documentos encontrados em um acervo pessoal é possível observar o “impacto de visões pessoais, experiências, crenças e consciência social”³⁸. Cientes de tal perspectiva da fonte, procuramos encontrar o equilíbrio entre o indivíduo e sua atuação como agente social, inserido naquele contexto e dele testemunha.

A partir do texto *Reminiscências – A Nova Catedral de Porto Alegre* ³⁹, dos registros diários sobre a construção, tal como de seus desabaços, temos noção do trabalho de Mons. Balem enquanto diretor, de sua relação com os operários e demais colaboradores do projeto, além de informações técnicas e do dia a dia na obra.

Também, é importante dizer que nos valemos do livro *Tombo da Paróquia Madre de Deus (1928-1951)*, da *Revista Unitas* ⁴⁰ (1916-1986), de periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira (Biblioteca Nacional) e de publicações das áreas da História e da Arquitetura.

O livro

Pensar em etapas construtivas significava também pensar na melhor forma de representá-las. Desde o início, estabelecemos um diálogo franco e aberto com a equipe da OUTUBRO para a criação da identidade visual do projeto. Este estúdio de *design* aceitou o desafio de combinar elementos contemporâneos e elegância visual na conjugação entre imagem e texto, assim, juntos, idealizamos o livro que ora se concretiza.

As etapas foram divididas em capítulos, que ostentam diferentes cores, todas inspiradas no pó, terra, tijolo, pedra, céu e elevação. Na mesma linha, foram incorporados ícones que simbolizam e identificam a edificação, como a cúpula (memória e religião), a janela paladiana (arquitetura e construção) e as cabeças antropomórficas (identidade e pessoas).

O resultado do nosso intenso – e emocionante – trabalho revela-se em seis capítulos.

Do primeiro ao quarto capítulo tratamos sobre as etapas construtivas da Nova Catedral, partindo da demolição da antiga matriz, ocorrida, em um primeiro momento, em 1920, a fim de dar espaço à cripta e, em um segundo, em 1929 ⁴¹. No capítulo seguinte, protagonizamos as três pedreiras, de onde se extraíram o granito rosa, material que imprimiu identidade ao enorme templo. Aliás, as pedreiras da Piedade, de Teresópolis e da Aberta dos Morros têm uma história própria para contar.

No terceiro capítulo, os alicerces são erguidos, resultando na cripta, expressão fiel do projeto de Giovenale. Será a cripta, aquele local pensado para o descanso eterno dos bispos e arcebispos da Arquidiocese, que sustentará a enorme cúpula, a abóbada terrestre que se encontra com os céus. Construída entre 1921 e 1929, teve função de

Catedral até 1948, enquanto se empreendia a nave do novo templo, etapa contada no quarto capítulo.

O lento transcurso que se seguiu entre 1929 e 1986, quando as obras foram definitivamente concluídas, refletiu as dificuldades, sobretudo financeiras, para a realização deste tipo de empreendimento. Além das mudanças históricas ocorridas na cidade e no país, como a ascensão de Getúlio Vargas, no âmbito arquidiocesano, a transição do arcebispo que aceitara o desafio de construir uma Nova Catedral para o que recebeu de herança em 1946 uma obra em andamento provocou alterações na constância do próprio projeto⁴². No quarto capítulo as fotografias atingem até os primeiros anos da década de 1970, baliza do acervo constituído por Mons. Balem.

Os capítulos finais apresentam ao leitor duas questões importantes: as técnicas e as pessoas. Com muita satisfação e sinceridade, homenageamos a concepção artística e a execução das colunas, capitéis e mísulas antropomórficas no quinto capítulo. A profunda pesquisa que desenvolvemos no acervo do Mons. Balem nos conduziu à descoberta da inspiração das *carrancas*, nomeadas por Giovenale “mísulas antropomórficas de caráter étnico”. Seu nome era Francisco Cogogn Topp, pertencia ao povo Xokleng, sendo uma de tantas crianças indígenas que fizeram parte das “adoções civilizatórias” que ocorreram no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, no final do século XIX ⁴³. Adotado pelo Pe. Francisco Topp, sacerdote alemão que atuou em Tubarão e Florianópolis, e que lhe conferiu o próprio nome, Francisco chegou a ser colega de Seminário de Mons. Balem, mas retirou-se em 1911 e casou-se no ano seguinte. Balem e Francisco chegaram a se reencontrar por volta de 1915, quando este, residente em Passo Fundo, esteve em Porto Alegre. Nesse sentido, especulamos que Francisco nunca soube o que provocou em Balem.

O sexto e último capítulo reflete no título o nosso propósito: “nem só de pedra se constrói uma Catedral”. Afinal, foi o esforço coletivo de sujeitos que permitiu a execução da obra e, por isso, tratamos de apresentar alguns nomes como representantes de um conjunto de operários e de artífices. Do mesmo modo, os donativos foram outra engrenagem fundamental para que a Catedral existisse, pois desde o início, juntamente com a Comissão Diretora das Obras, havia uma subcomissão responsável pelo angariamento de doações. Os primeiros anos foram marcados pela arrecadação de donativos que provinham de particulares, das paróquias, principalmente da Arquidiocese, das tómbolas (loteria beneficente, com prêmios em objetos), além da devolução de impostos sobre materiais de construção, legados e juros bancários. Por todos os cantos havia alguém delegado a realizar peditórios. Por parte do poder público estadual, os incentivos vieram da cessão de subvenções, isenção de impostos alfandegários dos materiais importados e dispensa das taxas testamentárias incidentes sobre legados feitos. À medida que transcorriam os anos, era necessário garantir a continuidade do crescimento das receitas. Diante disso, nasceu a campanha “Legião dos 10.000 construtores da Catedral” (1927), idealizada por Arquimedes Fortini e capitaneada pelo Mons. José de Nadal, que consistia no pagamento imediato ou contribuição de 5\$000, 10\$000, 20\$000 ou 50\$000 réis, até inteirar a quantia de um conto de réis. Quando o legionário completava o valor, o benefício era ter o nome gravado nas placas de mármore instaladas na cripta da Catedral.

Por fim, antes de o leitor passar à leitura e à contemplação deste nosso esforço coletivo, é importante mencionar que este tema está muito longe de se esgotar. Acreditamos que ficarão em evidência muitas fontes que provocarão novos problemas de pesquisa. Afinal de contas, este emblema da cidade, visível à distância, não se restringe

à sua forma física. As possibilidades de estudos que podem derivar dos elementos aqui mencionados ultrapassam o sentido material da Catedral e agregam ainda mais valor ao edifício que chega ao século XXI como obra interpretada com novos significados, fortemente ligados à história e à paisagem de Porto Alegre, confirmando-se como um monumento singular a ser preservado.

¹ O processo histórico do conceito de catedral pode ser acompanhado em: ERLANDE-BRANDEMBURG, Alain. Catedral. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Coord.). Dicionário temático do ocidente medieval. Bauru/São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 173-184.

² A respeito dos antecedentes históricos da construção, a partir de 1916, consultar: CHEUICHE, Antônio do Carmo. Catedral Metropolitana de Porto Alegre: guia histórico-artístico. Porto Alegre: Diagramme Produções, 2012.

³ A praça, “coração cívico da cidade”, é conhecida até os dias atuais como praça da Matriz, embora em 1865 passou a denominar-se Praça Dom Pedro II e, a partir de 11 de dezembro de 1889, a denominação oficial do logradouro tornou-se Praça Marechal Deodoro (FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: guia histórico. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1998.).

⁴ ZANOTTO, Gizele. A Igreja Catedral de Passo Fundo: de semióforo a patrimônio. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). Patrimônio, memória e poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural de Passo Fundo (RS). Passo Fundo: Méritos, 2011. p. 211-232. Embora a autora trate da Catedral de Passo Fundo, as reflexões que desenvolve também são pertinentes em nosso contexto.

⁵ FIORE, Renato Holmer. O caráter histórico da Praça da Matriz em Porto Alegre: significados de lugar, permanência e mudança. Arqtexto, Porto Alegre, n. 9, p. 92-109, 2006.

⁶ SOUZA, Célia Ferraz de. Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre: o plano que orientou a modernização da cidade. Porto Alegre: Armazém Digital, 2010.

⁷ No início do século XX, Porto Alegre contava com cerca de 74 mil habitantes, saltando para mais de 205 mil em 1920. (UEDA, Vanda. A construção, a destruição e a reconstrução do espaço urbano na cidade de Porto Alegre do início do século XX. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, n. 19, p. 141-150, 2006.).

⁸ UEDA, 2006, p. 143.

⁹ SILVEIRA, Marcus Marciano Gonçalves da. Templos modernos, templos ao chão: a trajetória da arquitetura religiosa modernista e a demolição de antigos templos católicos no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

¹⁰ ISAIA, Artur Cesar. Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

¹¹ Em 1912, o território da Arquidiocese era vasto, abarcando, além do território atual, os das Dioceses de Santa Cruz do Sul, Osório, Novo Hamburgo, Montenegro, Caxias do Sul e Vacaria. Alterações aconteceram apenas em 1934, quando foram criadas a Diocese de Caxias do Sul e a Prelazia de Vacaria.

¹² A data do jubileu era 2 de agosto de 1921 e, para a ocasião, lançou a Carta Pastoral “O sacerdócio e o templo”.

¹³ Obras da Catedral: alocação proferida pelo arcebispo metropolitano, de outubro, no programa radiofônico da VOZ DO PASTOR. Revista Unitas, p. 224-227, 1968.

¹⁴ Em 1973, foi encomendado o conjunto de painéis em mosaico que ocuparam a área de 144 m² da fachada, tendo sido confeccionados nos estúdios do Vaticano, pagos com verbas dos governos estadual e municipal, assim como pela Irmandade São Miguel e Almas. Os mosaicos foram inaugurados em 5 de novembro de 1973.

¹⁵ Àquelas alturas, o serviço de cantaria se mostrava cada vez mais difícil e moroso devido à dificuldade em se encontrar mão de obra especializada. Faltavam ainda trabalhos de granito, ou seja, “uns 240 balaústres e cimalkas, arremate final de todas as paredes externas da Catedral”. Além disso, faltava a impermeabilização dos 800 m² da cobertura da Catedral. “O revestimento do transepto direito da Catedral, com um trabalho delicadíssimo de frisos e capitéis” encontrava-se praticamente pronto em 1984, faltando ainda as janelas e vitrais. Trabalhando por sobre a nave esquerda, desde 1982, estava o sr. Arjonas, confeccionando os capitéis, frisos e molduras necessários (UNITAS, 1984, p. 171-172).

¹⁶ DI BENEDETTI, Verônica. Estudos das alterações ocorridas nas rochas ornamentais utilizadas em monumentos arquitetônicos: Museu Julio de Castilhos e cúpula da Catedral Metropolitana de Porto Alegre. 2006. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Programa de Pós-Graduação em Geociências, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

¹⁷ Nomeado em 1950 pelo arcebispo Dom Vicente Scherer. Oficialmente, a função de historiador eclesiástico foi criada e desempenhada apenas por ele e o acompanhou até seu falecimento (UNITAS, 1950, p. 5).

¹⁸ RICOEUR Paul. Memória, história, esquecimento. Haunting memories? History in Europe after authoritarianism. Budapeste, mar. 2003. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia. Acesso em: 02 nov. 2020.

¹⁹ Chamamos a atenção que o patronímico “Balem”, originalmente, em italiano, grafa-se Balén, como consta na documentação familiar em seu acervo. Com o passar do tempo, distinguiram-se outras grafias: Balém e Balem. Optamos pela forma Balem por constatarmos ter sido a mais usual.

²⁰ “À Catedral dediquei o melhor de minhas energias, e boa parte de minha vida. Tem razão quando dizem que ela é a menina de meus olhos e o orgulho de meus velhos dias”. Extraído do discurso proferido por Balem, em 28 de março de 1972, ao receber o título de Cidadão de Porto Alegre, conforme Lei Municipal n. 3606 de 27 de dezembro de 1971 (NEIS, Ruben. Centenário de nascimento de mons. João Maria Balem. Revista Unitas, fasc. 1-4, jan./abr. 1987, p. 41-45).

²¹ As informações sobre Giovenale foram coletadas em: CATINI, R. Giovenale. Giovan Battista Giovenale. In: DIZIONARIO BIOGRAFICO DEGLI ITALIANI, vol. LVI, Roma: Istituto della Enciclopedia italiana, 2001; BISPO, A. A. Restauração litúrgico-cultural e romanizações na história eclesiástica dos países do Cone Sul Catedral de Porto Alegre e Giovanni Battista Giovenale. Revista BRASIL-EUROPA, n. 113, 2008; RICHIELLO, Maria. Giovan Battista Giovenale (1849-1934): architetto e teorico. Roma: Società Editrice Dante Alighieri, s/d.

²² Atual prédio da Cúria Metropolitana.

²³ Trataremos deste texto mais adiante, fornecendo a referência completa.

²⁴ Tratava-se de José Donato Balem, conforme consta no obituário: faleceu em 1970, na idade de 82 anos, veterano da Primeira Guerra Mundial. Capturado logo que chegou à Europa, foi levado a um campo de concentração, local em que permaneceu até o fim do conflito, já que falava alemão (Obituário publicado no jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 11/07/1979, p. 5).

²⁵ À exceção dos anos 1936 e 1937, quando foi novamente nomeado para a igreja N. Sra. da Glória.

²⁶ O levantamento da publicação bibliográfica baseou-se nas informações disponíveis em: MARTINS, Ari. Escritores do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. UFRGS/IEL, 1978.

²⁷ Foram três artigos publicados em 1932: “Jurisdição eclesiástica sobre o Rio Grande do Sul” (n. 47), “Prelados e bispos do Brasil” (n. 48) e “A imprensa de Santa Maria” (n. 48).

²⁸ Pela mesma Tipografia do Centro, Balem lançou alguns opúsculos: “A capela São Francisco do Porto dos Casais” (1946), “O Seminário de Nossa Senhora da Madre de Deus” (1947), “Frei Germano de Saint Six Ofm Capuchinho” (1947) e “Capuchinho” (1949).

²⁹ No ano anterior integrou a publicação que celebrava o bicentenário de Porto Alegre: FRANCO, Álvaro; COUTO E SILVA, Morency; SCHIDROWITZ, Léo Jerônimo (Orgs.). Porto Alegre: Biografia duma cidade. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1940. p. 379-401.

³⁰ Função que desempenhava desde 1932.

³¹ DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. Pós, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204-219, nov. 2012.

³² MARTINS, José de Souza. A fotografia e a vida cotidiana: ocultações e revelações. In: MARTINS, J. de S. Sociologia da fotografia e da imagem. São Paulo: Contexto, 2008. p. 33-62.

³³ Em outras três ocasiões no ano de 1934 Balem menciona o mesmo fotógrafo, conforme suas anotações: em 11 de junho, quando visitou as oficinas de Lonardi, Teixeira & Cia. e de De Angeli registrou “foto de José Ant. Porcello”; em 9 de julho, quando apenas escreveu “tirei 2 fotografias (Porcello)”; e em 24 de julho mencionou “Porcello tirou duas fotografias” da chegada do fuste e da coluna de caminhão.

³⁴ Embora as obras tenham ficado mais lentas a partir dos anos 1950, o que justificaria a menor quantidade de fotografias após essa época, somada à saída de Mons. Balem da Diretoria, é possível identificar imagens até o início da década de 1970, balizando nossa proposta.

³⁵ Queremos registrar nosso agradecimento ao Matheus, pois foi além da empreitada que recebeu e contribuiu com sugestões relevantes.

³⁶ Somam-se 31 cartas e um telegrama. No mesmo conjunto, mantido – e provavelmente organizado – pelo Mons. Balem, há também três rascunhos de carta que foram remetidas a Giovenale, inclusive a “carta inaugural”, datada de 12 de março de 1920, na qual Balem estabeleceu o primeiro contato com o arquiteto.

³⁷ CAMPOS, Vanessa Gomes de. Arquivos Pessoais: sujeito, contexto e organicidade. In: SEMINÁRIO REGIONAL DE ARQUIVOS, 7, 2020, Santa Maria (RS). Anais [...]. Santa Maria (RS): AARS/UFMS, 2020. Disponível em: <https://www.event3.com.br/anais/aars7sra/326766-arquivos-pessoais---sujeito-contexto-e-organicidade>. Acesso em: 22 jun. 2021.

³⁸ HOBBS, Catherine. Vislumbrando o pessoal: reconstruindo traços de vida individual. In: EASTWOOD, Terry; MACNEIL, Heather (Orgs.). Correntes atuais do pensamento arquivístico. Belo Horizonte: UFMG, 2016. p. 303-341.

³⁹ Trata-se de uma narração linear, composta pelos indivíduos que se envolveram desde a idealização do projeto da Nova Catedral, passando por eventos e testemunhos do que Balem vivenciou durante os 30 anos à frente do projeto. Apesar de o título ser o mesmo, somente parte do “texto original” foi publicado no jornal Correio do Povo do dia 5 de setembro de 1976. Em 1987, pouco depois da inauguração total da nova Catedral de Porto Alegre, ocorrida em 10 de agosto de 1986, a Revista Unitas, editada pela Arquidiocese de Porto Alegre, homenageou Mons. Balem, “que durante 30 anos dirigiu as obras e cujo centenário de nascimento transcorrerá em 10-4-1987”, transcrevendo a publicação do jornal, somente suprimindo do título a palavra “Reminiscências” (UNITAS, fasc. 1 a 3, jan./mar. 1987, p. 37-40). Dois anos depois, com o título completo, foi novamente transcrita a publicação do jornal na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, na seção “Matéria de Arquivo” (RIHGRGS, n. 125, 1989, p. 134-139). O texto integralmente, como se encontra em seu arquivo, nunca teria sido publicado.

⁴⁰ Periódico criado em 1913 pelo arcebispo Dom João Becker, a fim de informar e orientar o clero (e o laicato) sobre os acontecimentos religiosos e administrativos da Arquidiocese de Porto Alegre. Distribuída nas paróquias, continha textos eclesiais, despachos da cúria e informações diversas da atuação da Igreja no Brasil e no mundo. Embora com inúmeras modificações a partir da década de 1980, vigorou até 1993.

⁴¹ Não podemos deixar de mencionar que na época ainda não havia órgãos – em qualquer esfera pública – que se preocupassem com o patrimônio da forma que temos atualmente. A sociedade do século XX teve de cruzar um longo caminho para entender que preservar elementos do passado (embora seja um processo de seleção) é importante para referência histórica. Entre as décadas de 1920-1930, a discussão que se fazia era sobre a escolha de símbolos de identidade nacional, o que resultou, em 1937, na criação do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN). Na época da Fundação do SPHAN, que daria origem ao atual IPHAN, o conceito de patrimônio estava ligado diretamente à arquitetura, à historicidade e ao período artístico dos bens. A transformação do conceito

ocorre à medida que as propostas sociais ampliam o entendimento de que outras manifestações também podem ser consideradas patrimônio, transcendendo-se às coisas materiais, surgindo o Patrimônio Cultural. A seleção da Catedral Metropolitana de Porto Alegre como patrimônio tombado ocorreu somente, e a nível municipal, em 2009 e em conjunto com o edifício da Cúria Metropolitana, fechando um quadrilátero de edificações protegidas. Ao mesmo tempo, soma-se à praça da Matriz, sítio urbano tombado pelo IPHAN.

⁴² Dom Vicente Scherer registrou na Voz do Pastor de 30 de outubro de 1972, referindo-se à mudança de mentalidade dos tempos: “Repetidamente já declarei em público que hoje não se iniciaria mais entre nós uma obra grandiosa como a da Catedral Metropolitana, começada em 1921” (UNITAS, 1972, p. 292).

⁴³ WITTMANN, Luisa Tombini. Atos do contato: histórias do povo indígena Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926). 2005. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.



I.
DO PÓ
VIESTE
E AO PÓ
VOLTASTE

A velha matriz de pedra, barro e cal vai se reduzindo a pó em meio a picaretas de trabalhadores empoleirados em suas espessas paredes.

Para dar espaço ao novo templo, a antiga matriz foi demolida em duas etapas. A partir de outubro de 1920, foram removidas as sacristias, a capela-mor e a capela do Santíssimo para conformarem a área onde seria erguida a cripta, alicerce da Nova Catedral. Já a segunda etapa aconteceu entre os meses de setembro e outubro de 1929.

Antes disso, no início do ano de 1929, realizou-se o desmonte interno da antiga matriz. Por conseguinte, os altares foram remontados na cripta, local em que, até 1948, ocorreram os serviços religiosos.

A cripta foi inaugurada oficialmente em 20 de março de 1929, quando houve a cerimônia de transladação dos restos mortais dos dois primeiros bispos do Rio Grande do Sul, Dom Feliciano José Rodrigues Prates (+1858) e Dom Sebastião Dias Lorangeira (+1888).



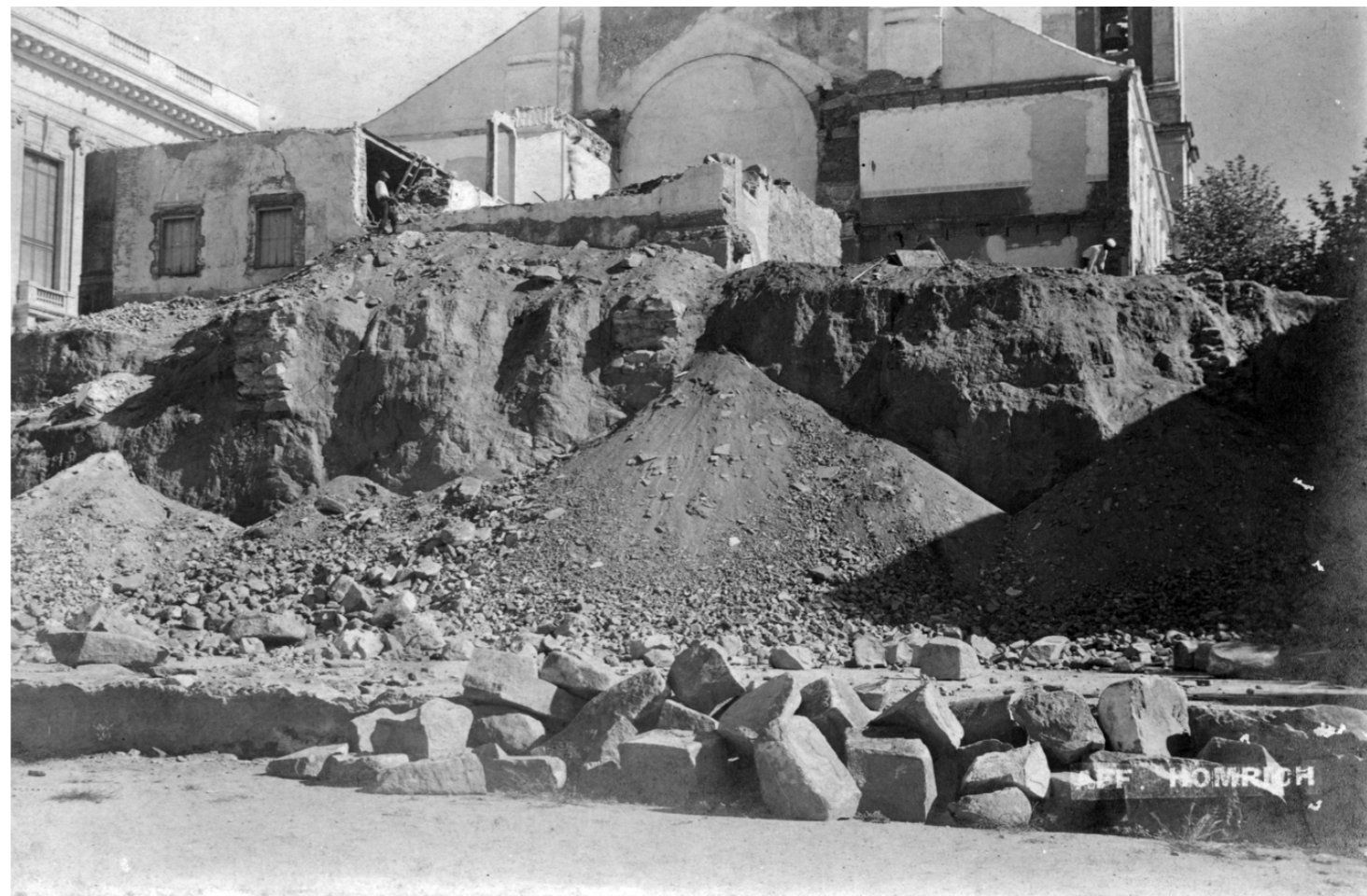
◀ Foto 2. [20/03/1929] Última celebração na antiga matriz. Ao fundo se vê o altar-mor, que desde 1920 estava remontado embaixo do arco do cruzeiro.

▼ Foto 3. [ca. 1919] Interior completo da antiga matriz, com a capela-mor, sacristias e capela da irmandade.





- ▲ ► Foto 4 e 5. [ca. 1919-1920] O muro do antigo cemitério já não existia mais e o antigo templo ainda estava completo. A parte do fundo (últimas três janelas) foi demolida em 1920 e correspondia às sacristias, à capela da irmandade do Santíssimo Sacramento e à capela-mor.



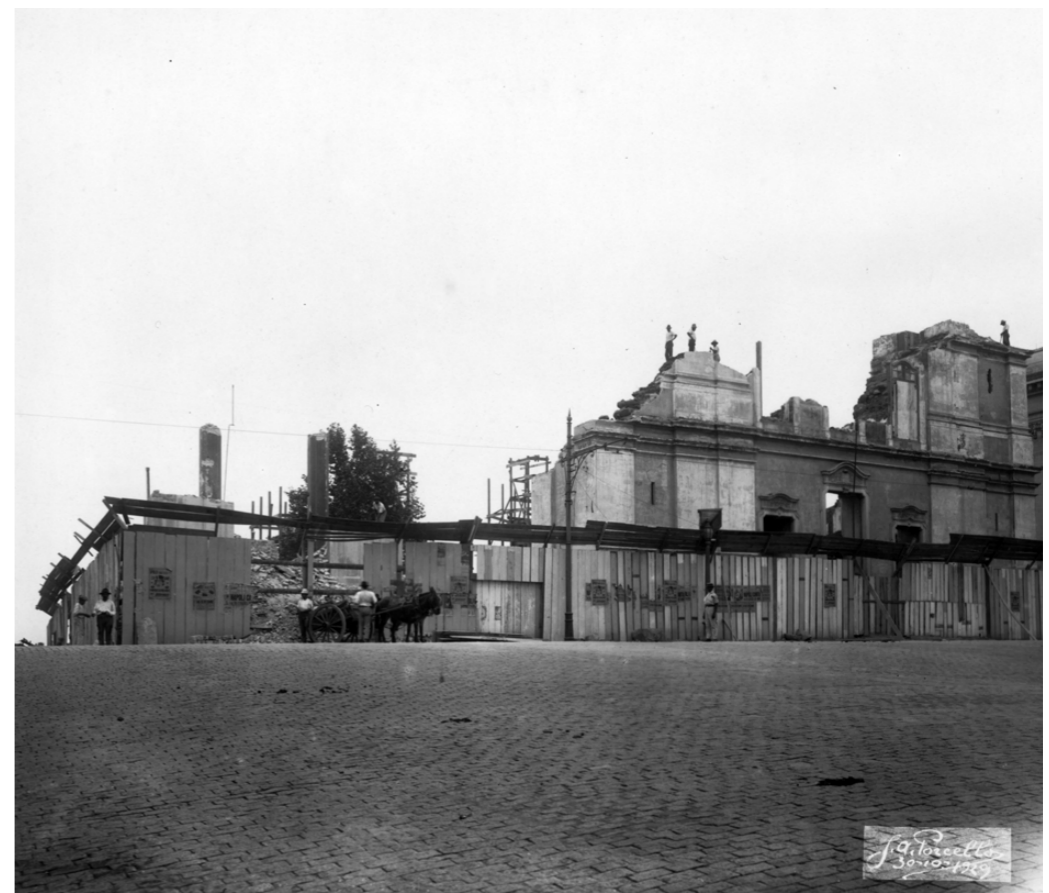
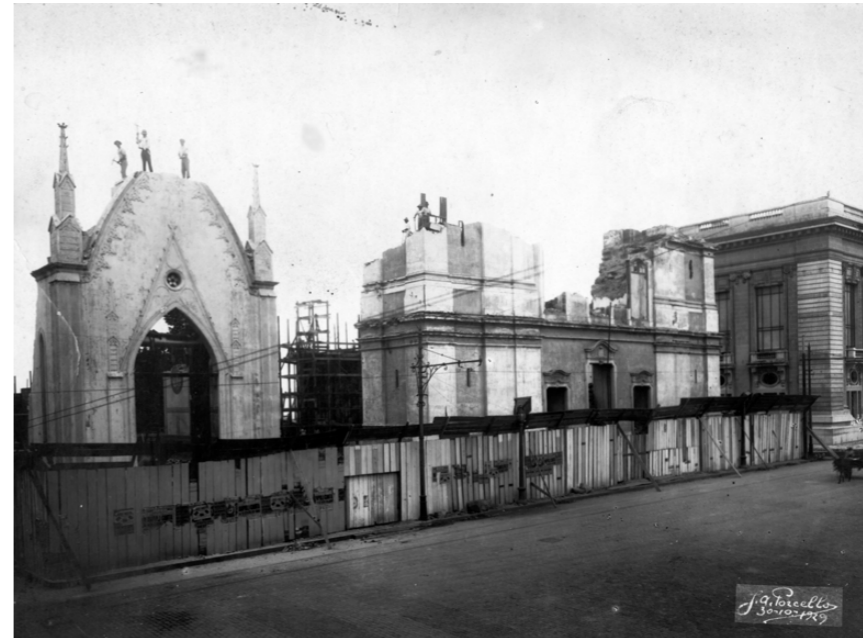
O canteiro de obras foi montado em meio aos escombros de tijolos do recém-demolido consistório, onde serventes retiravam o entulho. Nota-se, à esquerda, a construção da estrutura em pedra ferro da escadaria, localizada na rua Dom Sebastião. E, ao fundo, observa-se a praça Marechal Deodoro e o Theatro São Pedro.

► Foto 6.





▲ ► Foto 7, 8, 9. [10/1929]
Processo de demolição da antiga matriz e da capela do Divino Espírito Santo, coordenado pelo mestre de obras José Brunelli, que deu lugar, em toda sua extensão, à nave e às torres da Nova Catedral.





▲ Foto 10. [1921] Mons. Balem e Julio Lopes dos Santos, gerente da Caixa Econômica Federal de Porto Alegre, no pátio do antigo Seminário após a primeira etapa da demolição. Ao fundo, a rua Dom Sebastião.

► Foto 11. Observa-se a estrutura escalonada da rua Dom Sebastião.



▲ Foto 12. À esquerda na imagem, um dos arcos que estruturavam as rampas escalonadas da rua Dom Sebastião.

Aos 21 de novembro de 1924 visitaram as obras o intendente Otávio Rocha e outras autoridades municipais. Nessa perspectiva, em conjunto com a Comissão de Obras e com o engenheiro Hruby, estudaram um plano de escadas entre o Palácio do Governo e a futura Catedral, tendo sido encarregado o Sr. Pereira Netto, engenheiro da Intendência, para elaborar um projeto e apresentar uma retificação da rua Espírito Santo. Em junho de 1927, Otávio Rocha aprovou as plantas da nova sistematização das ruas Espírito Santo e Dom Sebastião que ladeavam a Nova Catedral, juntamente com o visto do representante da Escola de Engenharia, como fiscal da construção, Duílio Bernardi.

A antiga rua Dom Sebastião, existente entre o Palácio e a Catedral, data do século XIX. Ou seja, foi provavelmente na década de 1910 que recebeu escadas, cuja estrutura ficou a descoberto após as escavações que prepararam o terreno para a cripta.

Em fevereiro de 1929, com projeto do engenheiro Cristiano de la Paix Gelbert, iniciou-se a construção, inaugurada entre setembro e outubro do mesmo ano.

Atualmente, o local atualmente tem acesso restrito por motivos de segurança.

► Figura 1. Mapa da rua Espírito Santo e rua Dom Sebastião.





II. NAS PEDREIRAS, LAVRANDO BLOCOS DE GRANITO

Após terminado o trabalho, o capataz Luiz Tamanini, em nome de todos, veio dizer que era absolutamente impossível esse trabalho dos blocos. Perguntei-lhe:

- O primeiro não foi para o lugar em que queríamos colocar?
- O primeiro e único, respondeu-me.
- Sendo o primeiro, seguir-se-ão o segundo, o terceiro, até o último, porém irão mais ligeiro, porque verão os que já lá está esperando-os!

Mons. Balem

A solidez das pedras faz com que seu uso seja privilegiado nas fundações e alicerces. As primeiras pedras da Nova Catedral vieram da demolição da antiga matriz. No entanto, não seriam suficientes para tamanha empreitada, como a Comissão de Obras já havia previsto em 1921, quando abriram concorrência por meio de editais para o fornecimento de materiais.

Em novembro de 1921, a Diretoria da Comissão iniciou o arrendamento da pedreira da Piedade, na Colônia Africana (atual bairro Rio Branco), que acabou sendo comprada em junho de 1922. Pedro Meneghetti figurou entre os primeiros fornecedores de pedras desta pedreira.

No mesmo mês, iniciaram-se as sondagens na pedreira de Teresópolis, a qual foi explorada durante cerca de dois meses por Mons. Balem e José Brunelli, até finalmente encontrarem o granito rosa adequado. A pedreira situava-se no terreno adquirido por uma comissão caridosa que objetivava construir o Orfanotrófio Rio-grandense para abrigar os órfãos, vítimas da Revolução Federalista de 1893. Como o empreendimento não deu certo, após alguns anos, o terreno foi doado à Mitra da Arquidiocese para que fosse aplicado em benefício do Pão dos Pobres. Conta Mons. Balem: “O Pão dos Pobres, durante muito tempo, alugou o terreno por 50\$000 réis mensais a um agricultor chamado Francisco que, enquanto cuidava de um pequeno tambo, revirava a terra sáfara do chapadão. Só tinha uma perna, e assim mesmo, de muleta, revirava a terra com a enxada.” Após Mons. Balem e José Brunelli visitarem diversas pedreiras em Porto Alegre, decidiram que o terreno do Pão dos Pobres era bastante promissor na qualidade das pedras.

Em 13 de janeiro de 1930, a Mitra da Arquidiocese adquiriu de Albino Pereira Fraga a pedreira da Aberta dos Morros. Conforme Mons. Balem, “esta pedreira fazia divisa de um lado com o atalho que da Vila Nova de Itália, passando por Campo Bom, vai encontrar com a estrada Porto Alegre-Belém Novo, e do outro lado, com o terreno do Sr. Carlos Biazetto”.

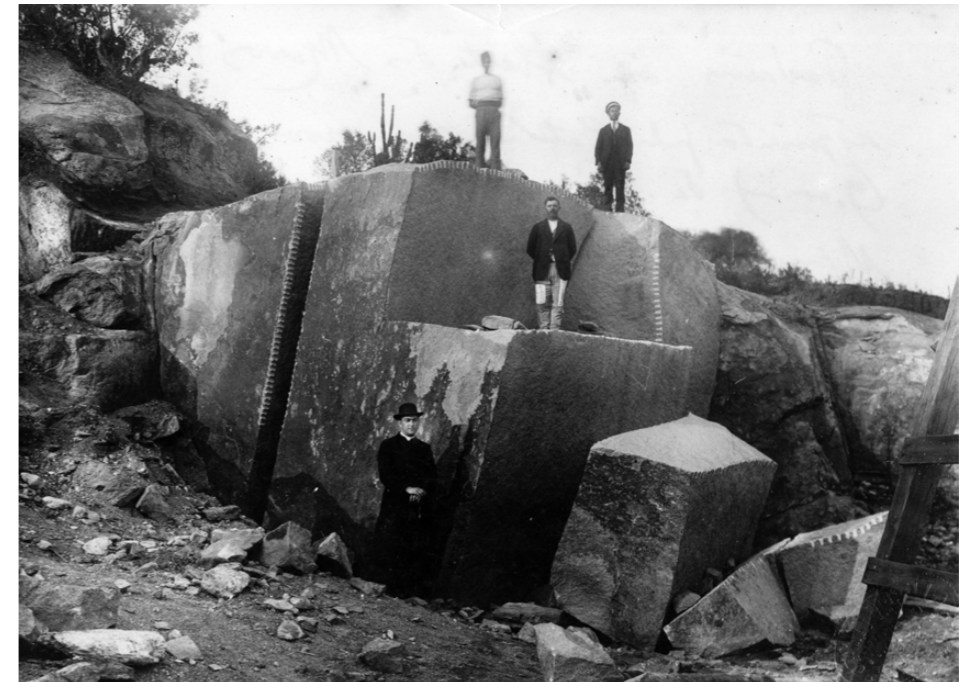
Ainda, convém destacar que entre os gastos com o fornecimento de pedras, encontravam-se os nomes dos provedores João Capra, Angelo Vanzetto, Carlos Björklund e José Moreira da Costa.



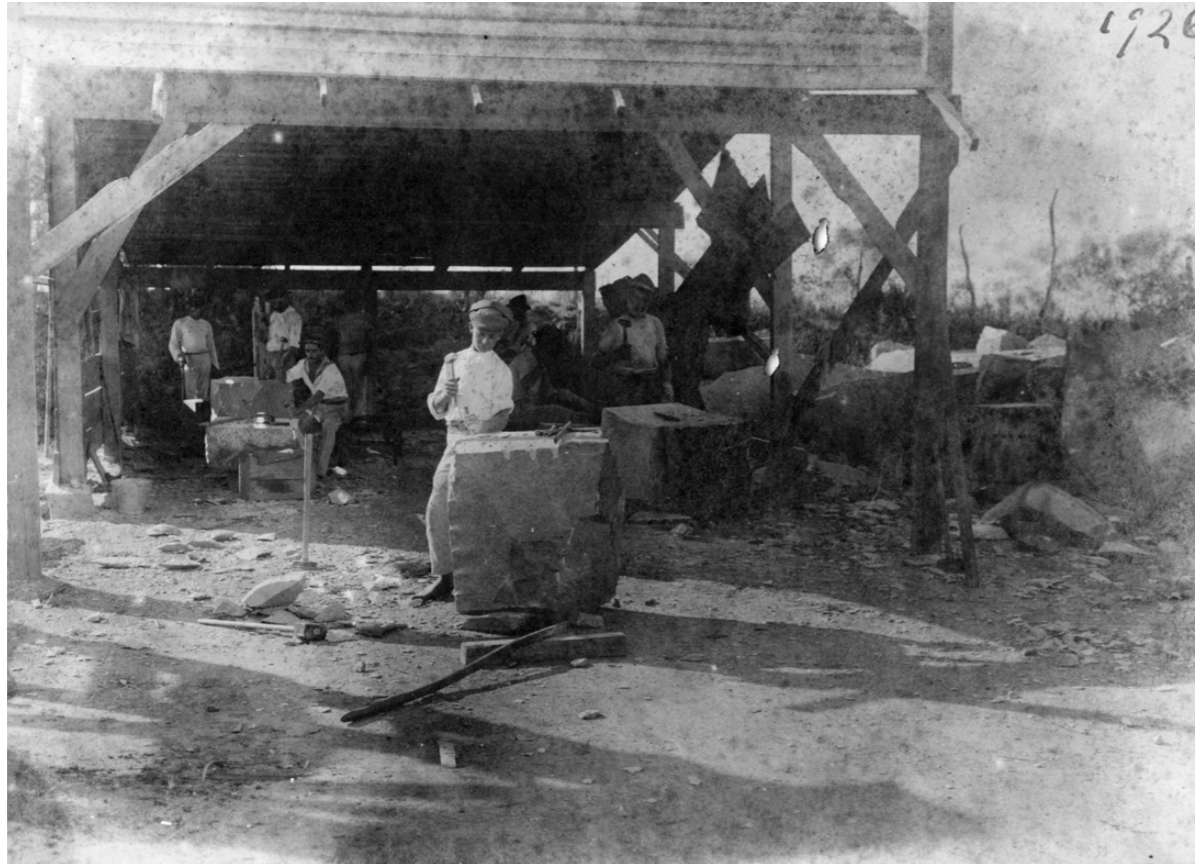
▲ Figura 2.

COMPOSIÇÃO GRANITO ROSA:

Sienogranito rosa a vermelho com textura equigranular média, composto por grandes cristais de quartzo e pequenos de plagiocásio, feldspato alcalino, quartzo e biotita. As pedras da Nova Catedral foram extraídas de três pedreiras abertas nas cristas e morros que circundam e envolvem a cidade.



▲ Foto 14. Pedreira da Aberta dos Morros. Mons. Balem ao pé do matacão de pedra, o capataz Luis Tamanini no recorte intermediário e o chofer Gomes logo acima, com seu quepe característico. (O outro homem não foi identificado).



▲ Foto 15. [1920] Oficina de cantaria sob telheiro de zinco. Canteiro menino usa bujarda e talhadeira para lavar um bloco de granito. Em 1920, Mons. Balem e José Brunelli, antigo morador do arrabalde de Teresópolis, percorreram aquelas imediações e visitaram algumas pedreiras. A fotografia, provavelmente, foi retratada durante a visita a alguma delas.



◀ Foto 16. Pedreira da Piedade, situada entre as ruas Cabral e Vasco da Gama.

▼ Foto 17. [1924] Pedreira de Teresópolis. Mons. Balem ao lado de um menino.





No alto do morro, chamado hoje de Teresópolis, havia um chapadão deserto, porém lugar aprazível pelo panorama que de lá se divisava em derredor. Aos seus pés via-se parte do sul da cidade banhada pelo Guaíba, que a contornava desde o quartel do 2º e 3º da Brigada Militar até a ponte da Cadeia, formando uma península alvacentas de edifícios brancos, que a guisa de escadaria se elevavam acompanhando a colina em que estava edificada a cidade. À direita alvejavam os muros do cemitério, a capelinha de Santo Antônio do Partenon, mais aquém a da Glória e o morro da Polícia; ao longe o quartel da Chácara das Bananeiras e dos Recrutados da Brigada, e bem perto, embaixo, a igreja de Teresópolis com sua torre original. Em frente a cidade e além estendia-se o Guaíba vasto e majestoso, brilhando por entre as ilhas verdejantes, o morro de Menino Deus e o de Santa Teresa tolhiam a vista da praia de Belas. Ao sul, Tristeza, Cristal, Pedras Brancas, alvejavam por entre os arvoredos e a beira do Guaíba.

Mons. Balem

Extração de granito na pedreira da Piedade. Segundo o método tradicional, a extração era feita com ferramentas manuais: picaretas, alavancas ou varetas, cunhas e pesos. O processo se iniciava através da remoção da camada superficial de solo por meio de bicos, picaretas e polias; em seguida, a terra e outros materiais de limpeza eram transportados para fora no intuito de dar lugar a grandes clareiras.

Entretanto, quando começaram a empreender a extração dos grandes blocos de granito, observou-se que se levava quase meio dia para transportá-los da pedreira até o canteiro da cantaria, tal era seu peso. Cabe dizer que a remoção era feita através de macacos manuais e transportada à força de alavancas sobre trilhos moveáveis.

◀ Página anterior: Foto 18.

▼ Foto 19.



▲ Foto 20.

◀ Foto 21.



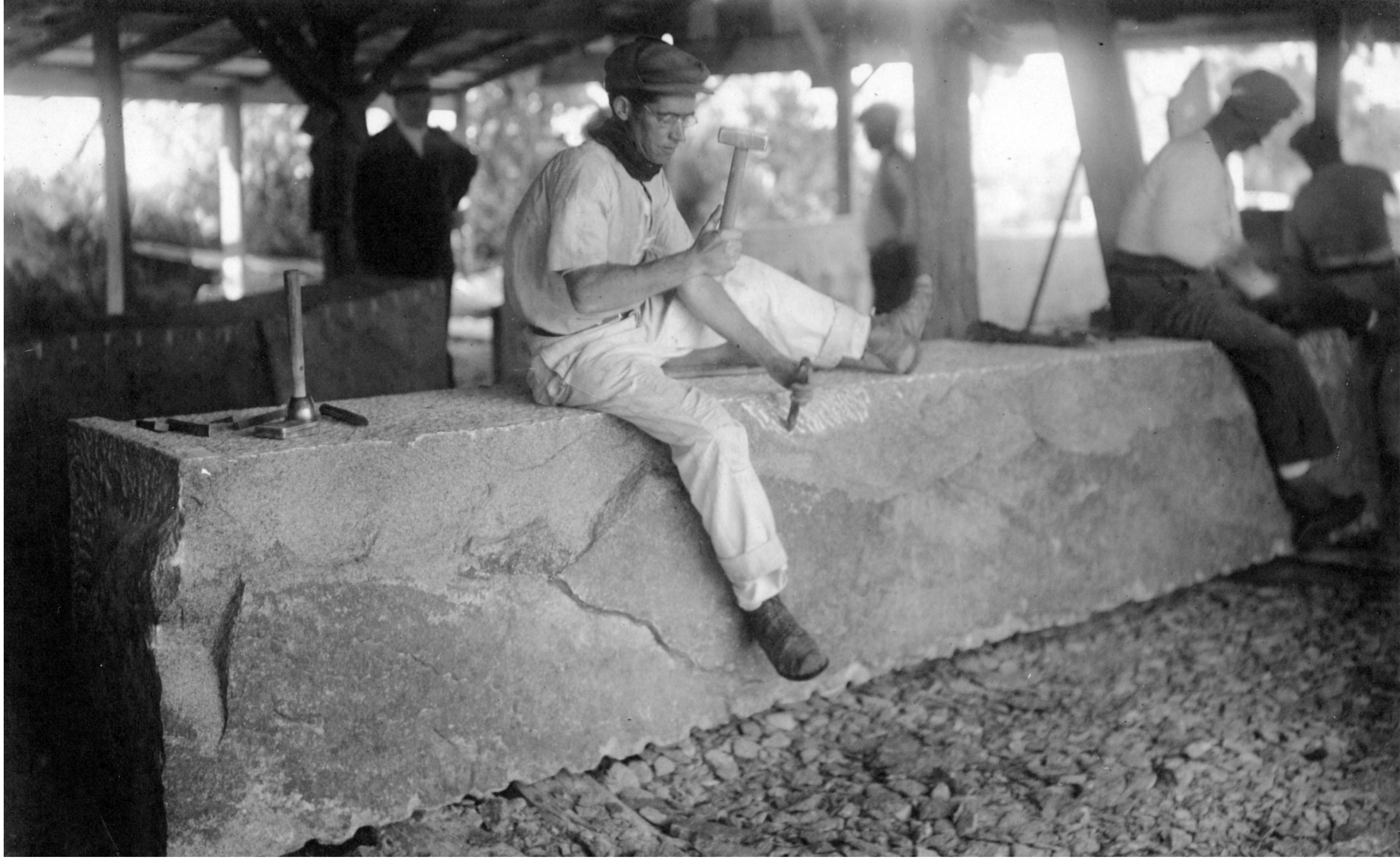
▲ Foto 22. Após verificar a dificuldade do transporte dos grandes blocos de granito, Mons. Balem procurou, em 1925, a Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS) e solicitou o empréstimo de 20 trilhos para poder levar o granito desde a pedreira até o canteiro da cantaria. Assim, os blocos passaram a ser levantados por uma talha-patente instalada em um cavalete móvel de madeira. Depois de erguidos, eram colocados sobre o carrinho puxado por um guincho sobre trilhos. Dessa forma, eram transportados com toda a regularidade para o telheiro da cantaria, onde eram preparados.

► Foto 24. Pedreira de Teresópolis. Depósito de blocos de granito. Ao fundo, o telheiro que servia para a cantaria.



◀ Foto 23. Tragédia em Teresópolis: Mons. Balem registrou que, aos 23 de dezembro de 1934, os meninos Arnaldo Freitas (10 anos) e Adroaldo Rossata (6 anos) afogaram-se em uma das escavações da pedreira que estava cheia d'água.



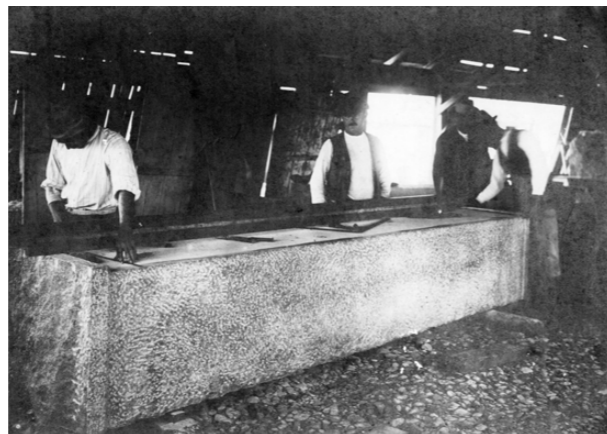




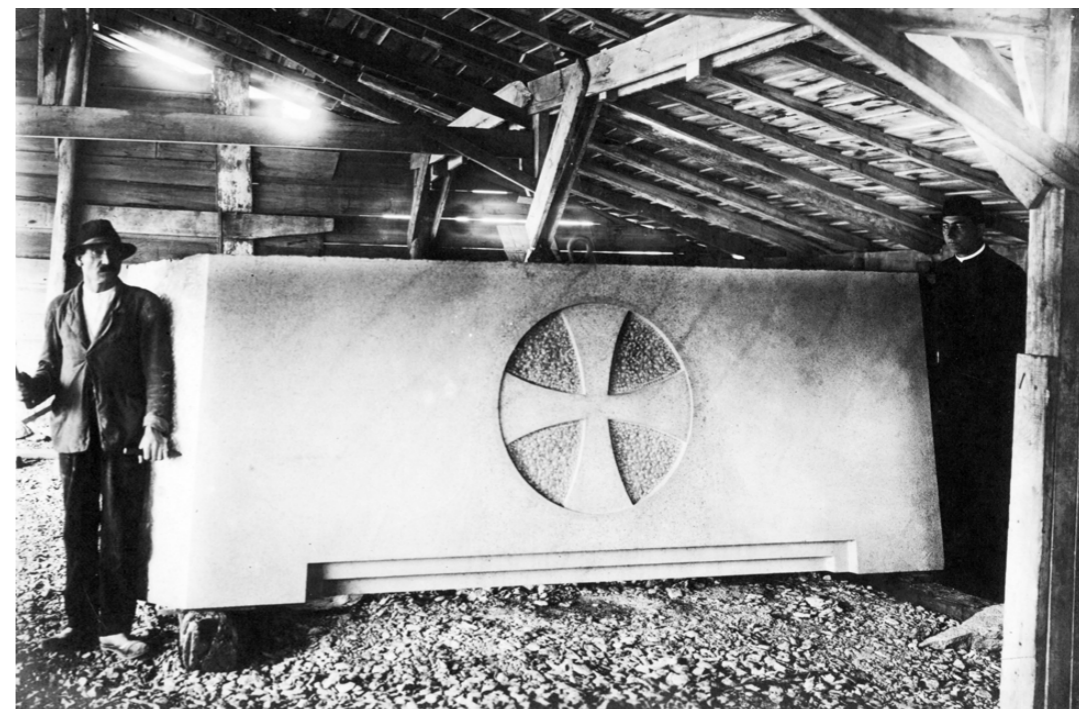
▲ Página anterior:
Foto 25. Contramestre canteiro Jesús Carracedo Paupin lavrando um bloco de granito, portando bujarda e cinzel ponteadado. À sua direita, compartilha o mesmo bloco com outro canteiro e, à esquerda, um malho esférico e diversos cinzéis utilizados para acabamentos. Já na superfície inferior da pedra observa-se a marcação dos pixotes na linha de corte ao ser extraída da rocha.



► Fotos 26, 27 e 28.
Preparação de uma coluna de granito inteiriça de 4 mil quilos, com 3,85 metros de altura por 0,60 metros de espessura.



▼ Foto 29. Verga com 4 metros de comprimento, 1,36 metros de altura e 0,40 metros de espessura.



A segunda das vergas das portas principais da cripta foi tirada da pedreira em outubro de 1924. Depois do corte conveniente foi tombada e elevada por uma talha da força de 16 toneladas, e colocada sobre o trolley (de 12 toneladas) que sobre trilhos foi postada debaixo.

Mons. Balem

De fato, construiu-se um carretão reforçado com umas rodas especiais bem largas na oficina do ferreiro Massa, na rua Santa Ana, e iniciou-se o transporte com tração animal. Quatro juntas de bois puxavam no início o referido carretão, com grande estupefação da cidade, cujos habitantes enchiam as ruas por onde ele passava, pois não era para menos, diversos homens acompanhavam o carretão, os quais deviam auxiliar os trabalhos para desviá-lo de algum “tatu” ou derramar de vez em quando uma lata de água nos eixos das rodas, até mesmo escorar as velhas pontes.

Alguns diziam:

- Este padre está ficando maluco!

Foi necessário recompor a estrada que da Av. Teresópolis (hoje Carlos Barbosa) ia ao terreno da pedreira no alto do morro, passando por detrás do Grêmio Gaúcho.

Mons. Balem, 1923



▲ Foto 30.

Carreto especial das obras da Nova Catedral mandado confeccionar a fim de carregar os grandes cantos de pedra granito de Teresópolis até a praça da Matriz de Porto Alegre.

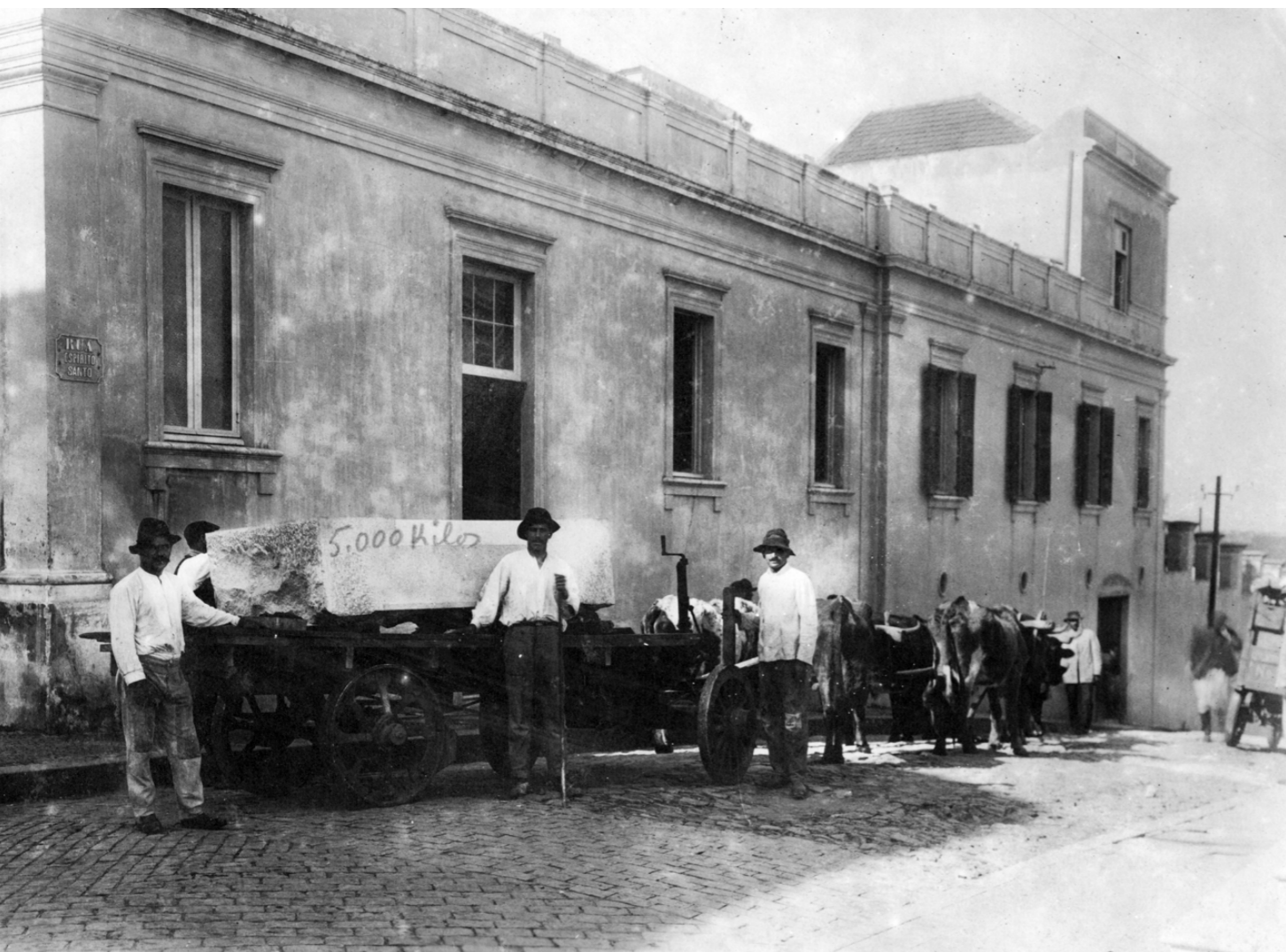
Mons. Balem



Naquele tempo não havia ainda em Porto Alegre os caminhões e nem estradas que davam acesso à pedreira de Teresópolis e nem as estradas eram apropriadas. A Comissão de Obras mandou aparelhar, especialmente, a que pela rua do Orfanotrófio descia atrás do Grêmio Gaúcho até a rua Carlos Barbosa. Foi preciso reforçar as antigas pontes de madeira. A viagem era feita pelas ruas da Azenha, João Pessoa, até a Faculdade de Medicina, e de lá pela rua da Conceição, Independência, Misericórdia, praça do Portão (hoje, Gen. Marques de Souza), rua Duque de Caxias e rua Espírito Santo. Nesta última rua, um pouco abaixo da atual porta principal da cripta, foi levantado um grande aterro, com uma estacada até onde chegavam os transportes de pedras, e de lá entravam para o local da construção. Isso foi no ano de 1923, quando os bondes ainda transitavam pela rua Demétrio Ribeiro e os passageiros, lá de baixo, comentavam: “são as trincheiras do Dr. Borges de Medeiros”. Rompera então no estado a Revolução Assisista.

Mons. Balem

◀ Figura 3. Trajeto da pedreira à catedral.



◀ Foto 31. Carreta de ferro puxada por quatro juntas de bois, guiadas pelo seu proprietário Candinho, da Vila Nova, na Aberta dos Morros. Grupo posa na esquina da rua Espírito Santo com a Duque de Caxias.

▲ Foto 32. Carregando os cantos de granito para a Nova Catedral em carretão puxado por quatro juntas de bois. Identificam-se José Brunelli, de colete e chapéu escuro, e Josias Mascarello, o último à direita.



▲ Foto 33. Içamento do bloco de granito pela talha-patente, enquanto os bois que puxavam o carretão aguardam, com seus guias ao lado. À direita, Mons. Balem e José Brunelli; de pé, e de frente para a foto, Luiz Marques, pedreiro português.

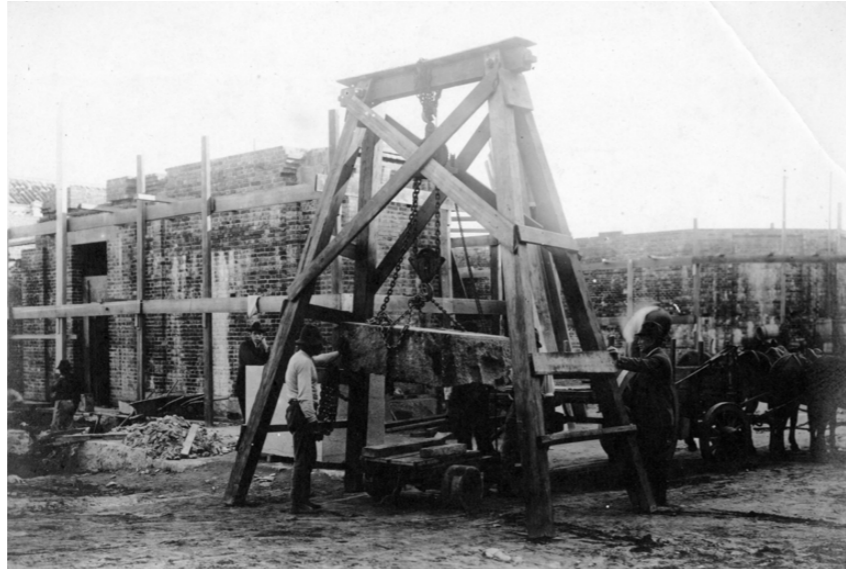
► Foto 34. Foram necessários cinco homens para mover a pedra de granito de 5 mil quilos.



◀ Foto 35. Operários posam atrás da pedra de granito de “5 mil kilos”. À esquerda, membro da Comissão de Obras ou da Escola de Engenharia; no centro, cinco operários; e à direita, Mons. Balem e José Brunelli.



► Fotos 36 e 37. [1923] No local da cripta, carretão puxado por mulas do contramestre José Brunelli.



▲ Foto 38. Pilastra da cripta sendo erguida com o auxílio de cabos e toras de madeira. O serviço é acompanhado por Brunelli.



III. TRAMAS DOS ALICERCES

É o que fundamenta e o que sustenta.
Sem Ele não se vence, não se aguenta.
Vai pedra sobre pedra, em um esforço
de quem não se afugenta, e em sólida
base nasce a Nova Catedral.

Antecedendo os trabalhos de alvenaria, em 22 de novembro de 1921 iniciaram-se as escavações para os pilares da parte posterior da cripta, coordenadas por João Batista Compagnola. Nas fundações dos quatro pilares que sustentam a cúpula, com 32 m² cada, foram utilizadas as pedras da antiga matriz, assentadas em buracos com profundidade de 8 metros, pois o terreno arenoso (granito em decomposição) exigiu muitos esforços. Sobre o respaldo dos alicerces assentou-se uma camada de asfalto a fim de isolar a parte posterior da construção.

O primeiro muro interno de alvenaria foi iniciado em maio de 1922 e dois anos depois já atingia a altura de 4,65 metros. No final de 1923 estava instalado o soco (rodapé externo em granito) e mais três fiadas de pedra rústica, ou seja, até esse momento já haviam sido instaladas 300 m² de cantaria.

Já no ano de 1926 as obras tiveram grande progresso, com a conclusão da construção interna da cripta, e a colocação das grandes arquitraves das janelas e portas, tanto do lado da rua Dom Sebastião como da rua Espírito Santo, assim como das cabeças antropomórficas do lado da rua Dom Sebastião.

Internamente, em meados de 1927, cinco das catorze colunas da cripta encontravam-se em seus lugares e, em novembro do mesmo ano, a cobertura da cripta foi concretada.



▲ Foto 40. [ca. 1921] Terreno já recortado e parcialmente aplainado. Ali os operários trabalhavam na remoção de um patamar de terra. Ao fundo, casas de meia morada, exemplares da arquitetura luso-açoriana do século XVIII.



▲ Foto 41. [1921] Preparação da argamassa, possivelmente para a construção do arrimo, cujo barranco foi escorado com mãos francesas e tábuas de madeira.

Iniciados os trabalhos da demolição e escavação do terreno, estive na então Intendência Municipal, pedir-lhes o auxílio oferecido da remoção dos escombros da terra. Porém, o secretário Dr. Pereira Neto disse que somente faria a remoção prometida, quando a terra estivesse do lado de fora, na rua. Tempo depois tornei à Intendência e declarei que a terra já estava sendo colocada na rua, e já podia ser removida pela Intendência. Respondeu-me o dr. Pereira Neto que a Intendência somente removeria a terra da rua Fernando Machado (Arvoredo). Então começamos a depositar a terra e os entulhos na rua Dom Sebastião e por sobre a terra ali colocada iniciamos um enorme depósito que tomou toda a rua Dom Sebastião e o depósito foi-se alargando cada vez mais, entrando a terra pelos jardins do Palácio do Governo e ameaçando entrar no edifício do antigo Seminário, cujas janelas e portão foram defendidas por paredes improvisadas de madeira. A terra escavada e removida até à rua Fernando Machado chegou a ter uma altura de mais de 10 metros, que 20 ou mais viaturas municipais forcejavam diariamente a diminuir, removendo-a para as margens do rio Guaíba. De vez em quando, os moradores da rua Fernando Machado queixavam-se pela imprensa, quando as enxurradas deixavam a rua intransitável pela terra invadente. Certa vez o então presidente do estado Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, mandando chamar o Diretor das Obras, fez-lhe sentir a necessidade de cessar a invasão dos jardins pelas terras escavadas. Porém, mais tarde, os mesmos jardins se beneficiaram com aquelas terras, que ajudaram a completar as terraplanagens.

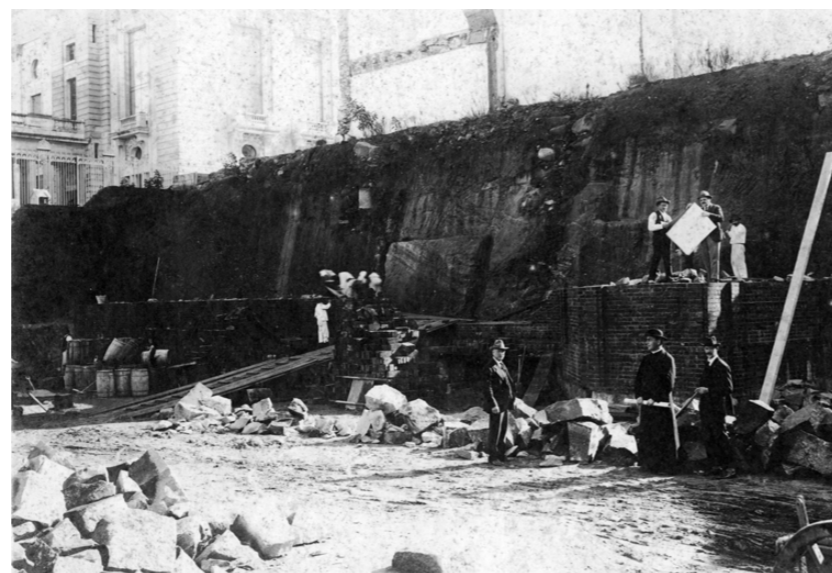
Mons. Balem



◀ DA ESQ. PARA DIR.:
Foto 42. Em primeiro plano, a fundação de um dos pilares já concluída; em segundo plano, a fundação de outro pilar em execução.

Foto 43. Tomada central do canteiro de obras a partir do arrimo da antiga matriz.

Foto 44. Pedras, areia e barricas de cimento no canteiro de obras.



◀ DA ESQ. PARA DIR.:
Foto 45. Crianças sentadas sobre pedras da antiga matriz, que servirão para a fundação dos pilares.

Foto 46. Construção do arrimo e dos pilares. A equipe diretiva da obra analisa as plantas de locação.

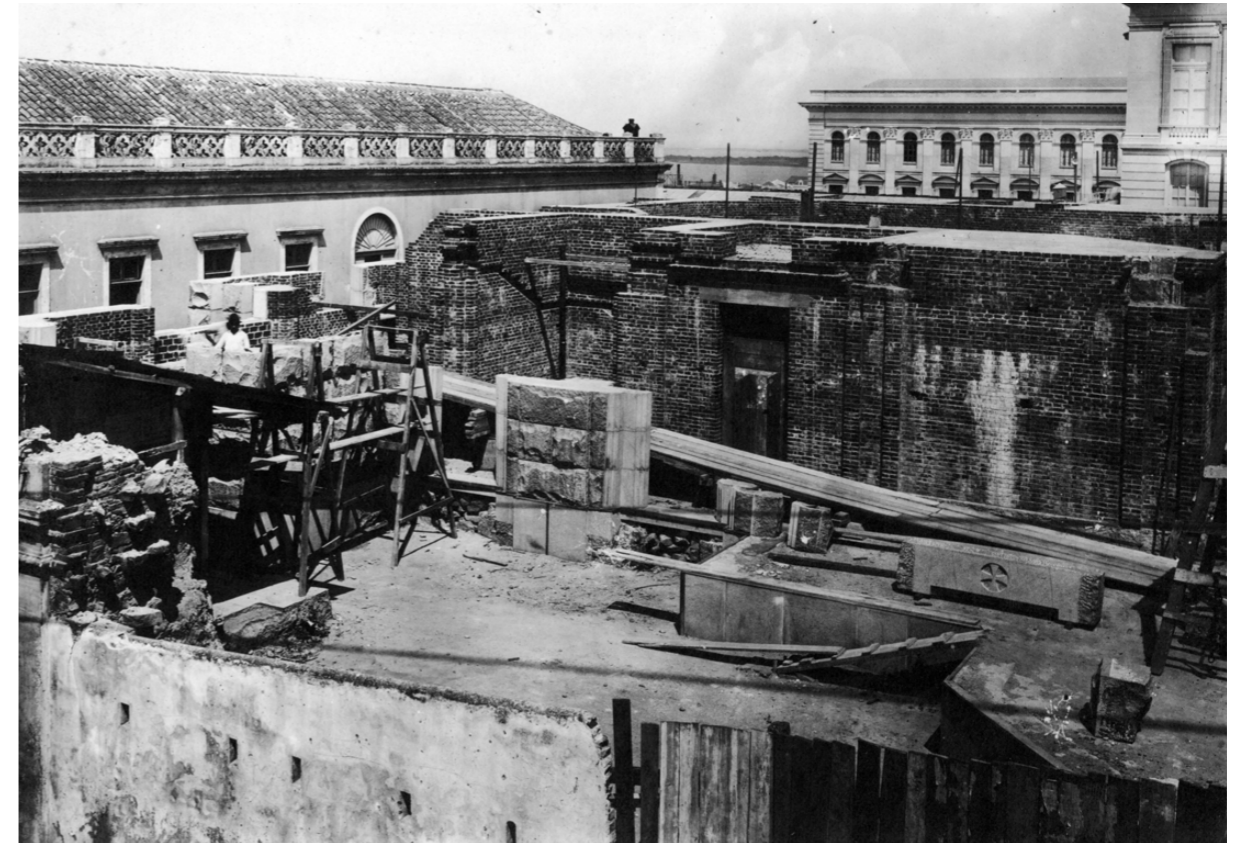
Foto 47. [1921] Dois dos quatro pilares já despontam.



◀ Fotos 48 e 49. Enquanto sobe o arrimo de pedra, as paredes e pilares de alvenaria da cripta são elevados.

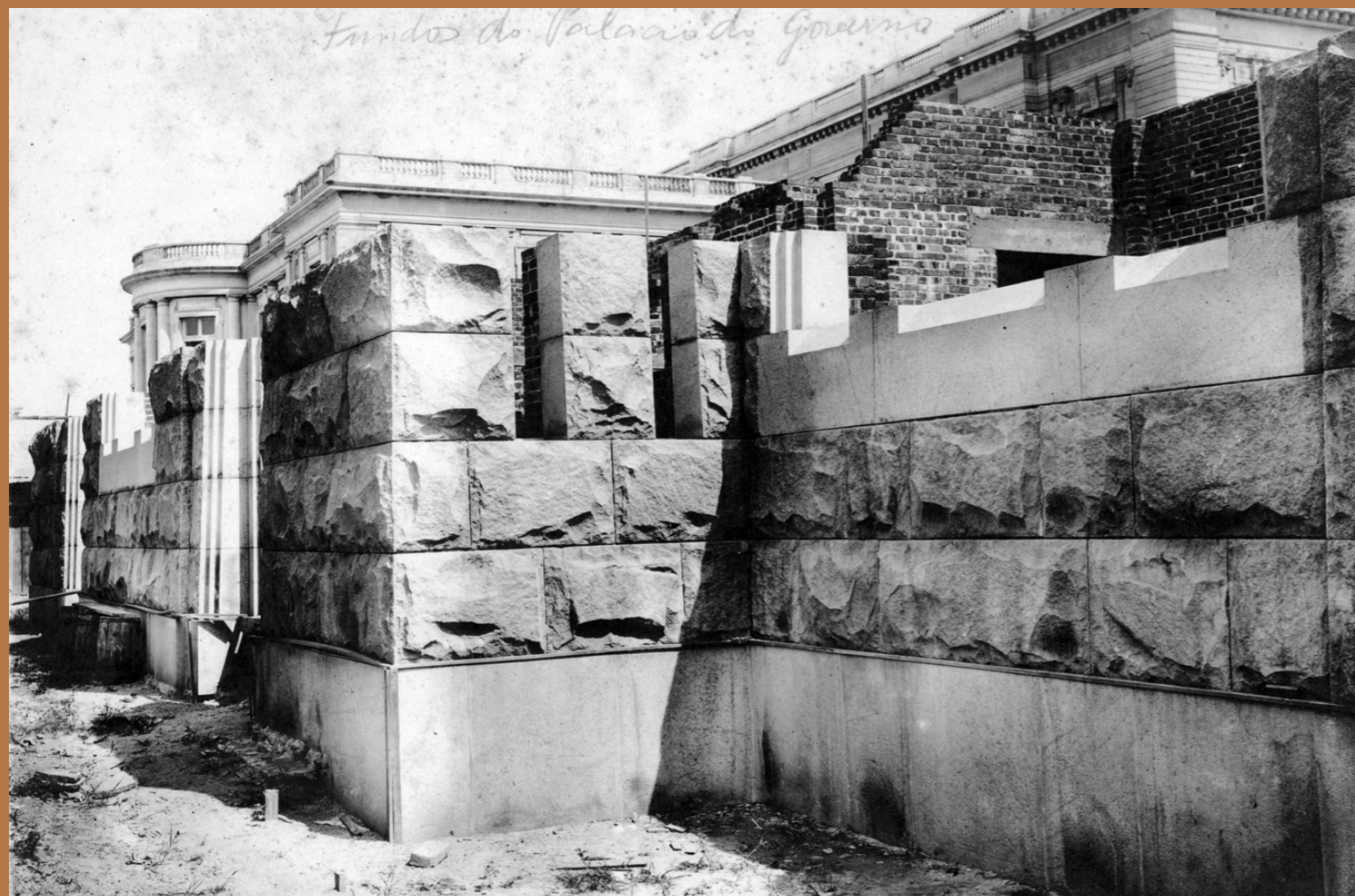


► Foto 50. [1923] Segunda fiada de pedra granítica instalada.



▲ Foto 52. [1924] O muro dos fundos do antigo Seminário se dispõe em primeiro plano. Ao longe, avista-se o Guaíba. As paredes de tijolo conferiam à obra os ares do progresso, enquanto os blocos de pedra já começavam a ocupar seus lugares.

◀ Foto 51. [1924] Pilar que sustentará a cúpula a partir da cripta, lado sul (antigo Seminário); quarta fiada de pedra instalada.



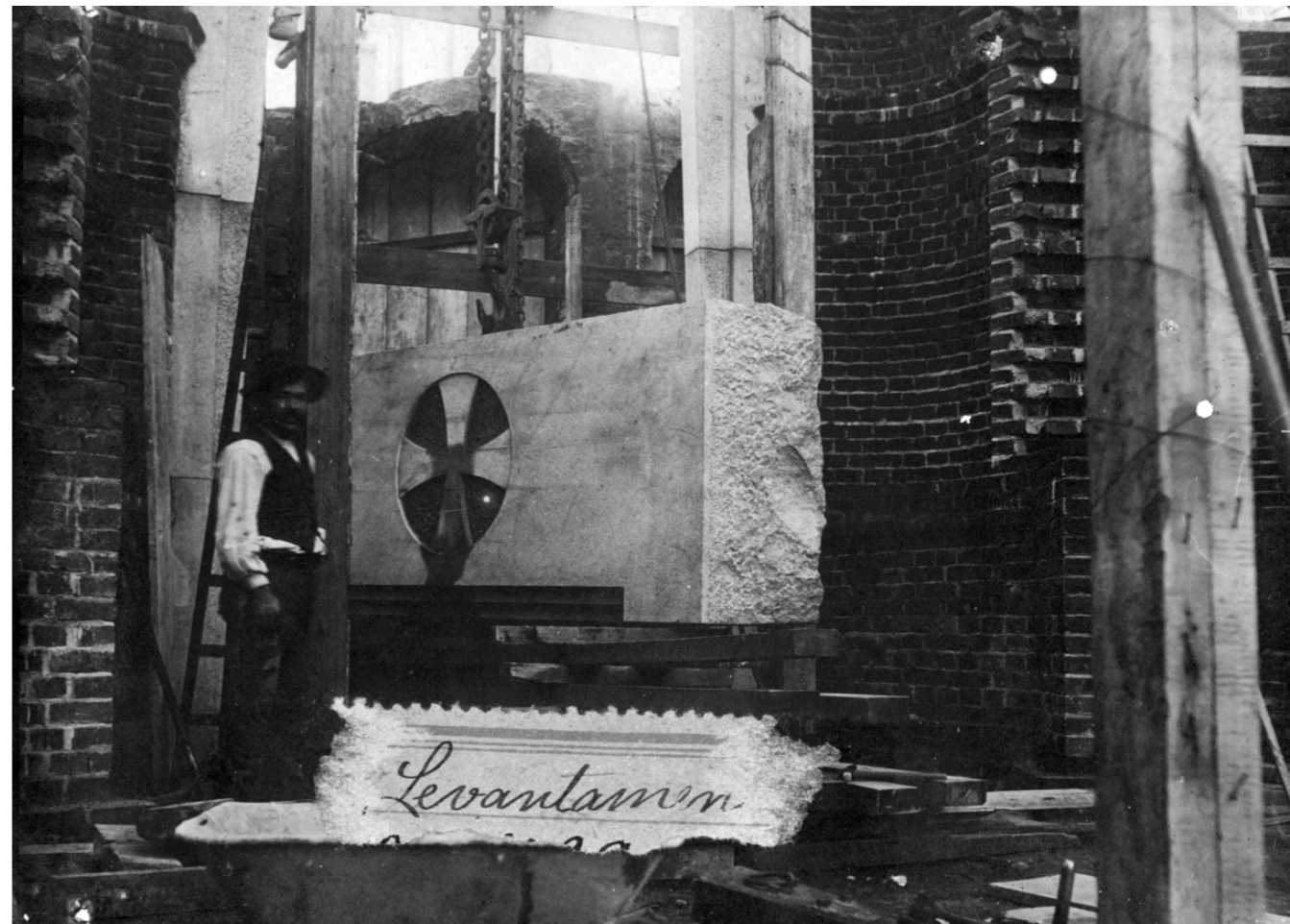
Enquanto eram executados os alicerces, especialmente os quatro grandes pilares, suportes-base da cúpula, tratou-se dos blocos de pedra para as paredes externas, que os engenheiros da Escola de Engenharia queriam que fosse de cimento, pois julgavam impossível obter pedras de grande tamanho.

Mons. Balem

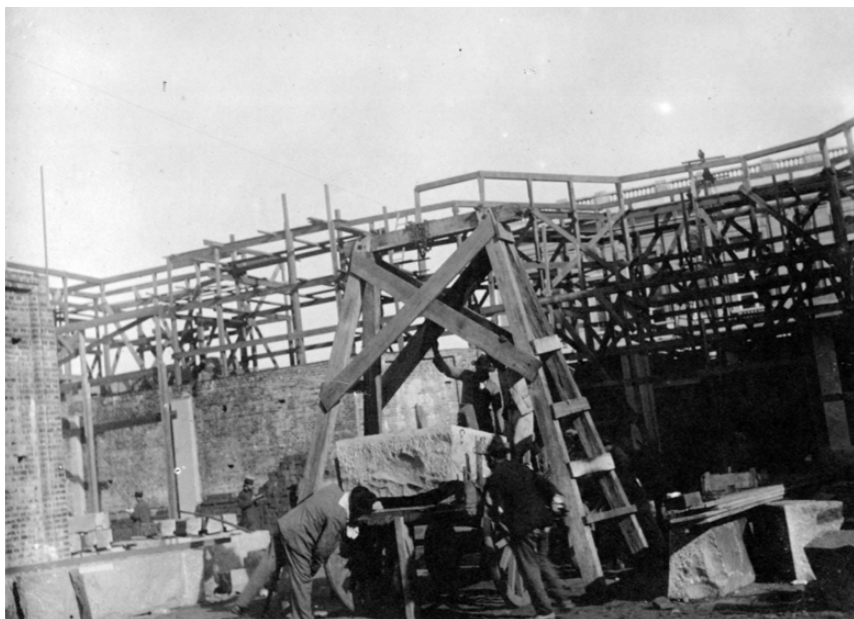
◀ Foto 53.



◀ Fotos 54 e 55. Colocação
▼ das pilastras de grani-
to no interior da cripta
(rua Dom Sebastião).

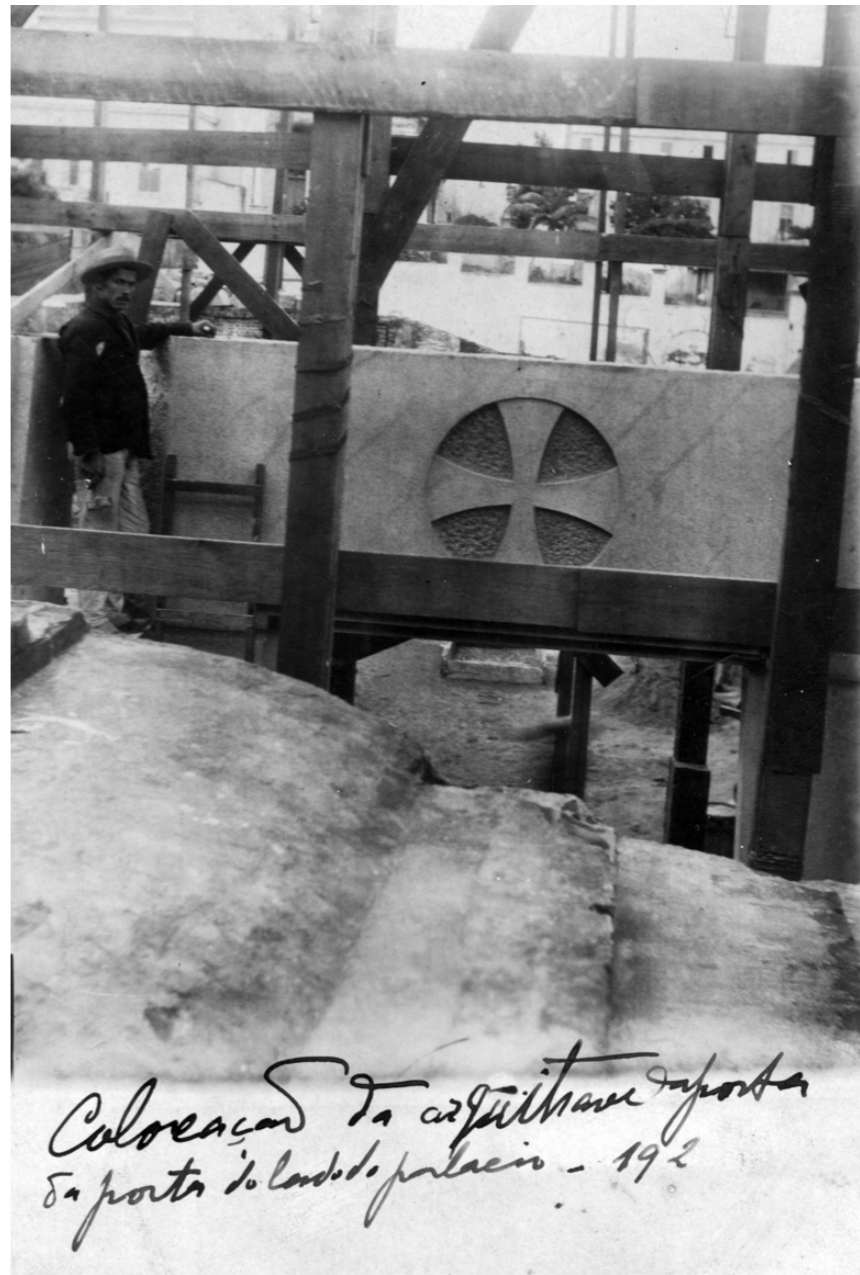


▲ Foto 56. Levantamento
da verga da porta (rua
Dom Sebastião).



▲ Foto 57. [10/1924]
Instalação da verga
(rua Espírito Santo).

Foto 58. Içamento de
um bloco de granito.



▲ Foto 59. Levantamento da
verga da porta (rua Dom
Sebastião).



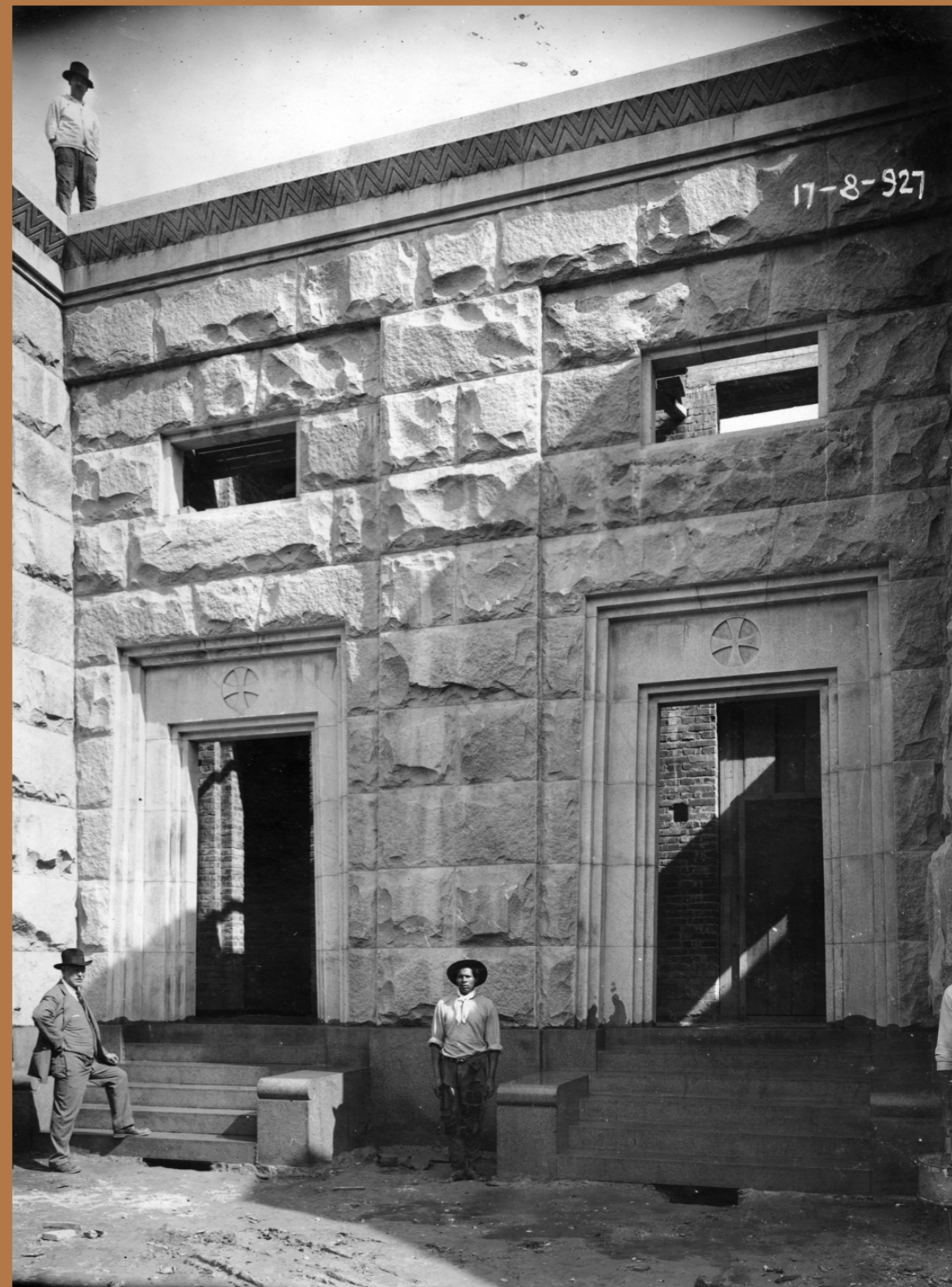
◀ Figura 4. Gabarito dos blocos de pedra com acabamento rusticado da cripta, que compõem abside do lado da rua Espírito Santo. Na escala 1:50, a planta elaborada no ano de 1921, assinada pelo engenheiro Adalberto Rodrigues de Carvalho, em Porto Alegre, serviu para orientar o perfeito assentamento dos blocos.



▲ Foto 60. [27/04/1927]
Mons. Balem e Júlio
Lopes dos Santos junto
às pilastras de pedra que
adornam a cripta.

◀ Foto 61. [26/07/1927]
Porta da cripta, do lado
da rua Espírito Santo. O
operário à direita, em
primeiro plano, chama-
-se Januário.

▶ Foto 62. Entradas das sa-
cristias da cripta (rua
Espírito Santo). José
Brunelli e dois operários
posam para a foto.





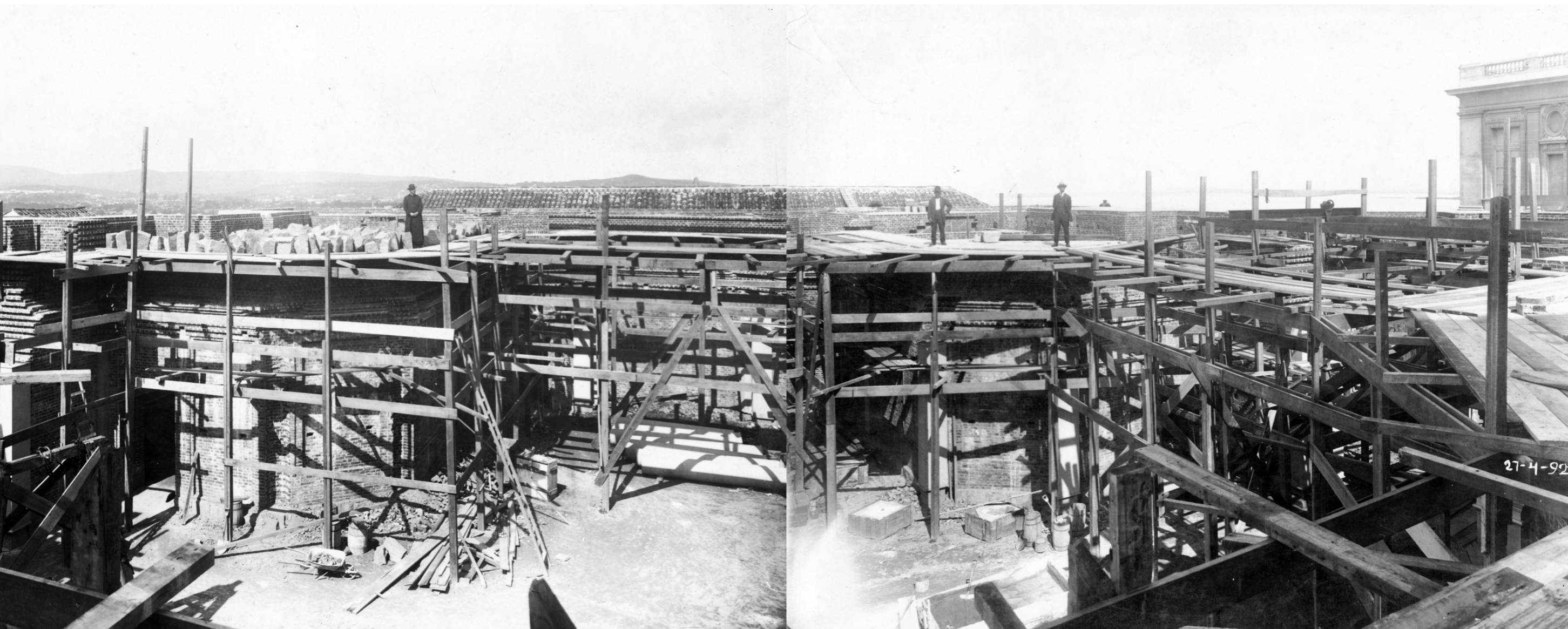
▲ Foto 63. Em uma cidade sem torres de edifícios, do alto da matriz, o lago Guaíba com a enseada de Belas, posteriormente aterrada, era avistado no horizonte. As obras seguiam lentamente, sobre a cripta concluída subiam os pilares da cúpula, em alvenaria de tijolos e concreto.

Todo o acabamento externo em granito deverá ser tratado com grandes golpes de marreta, para que tenha aspecto bastante rude e escabroso, com saliências máximas nas paredes da Cripta propriamente dita.

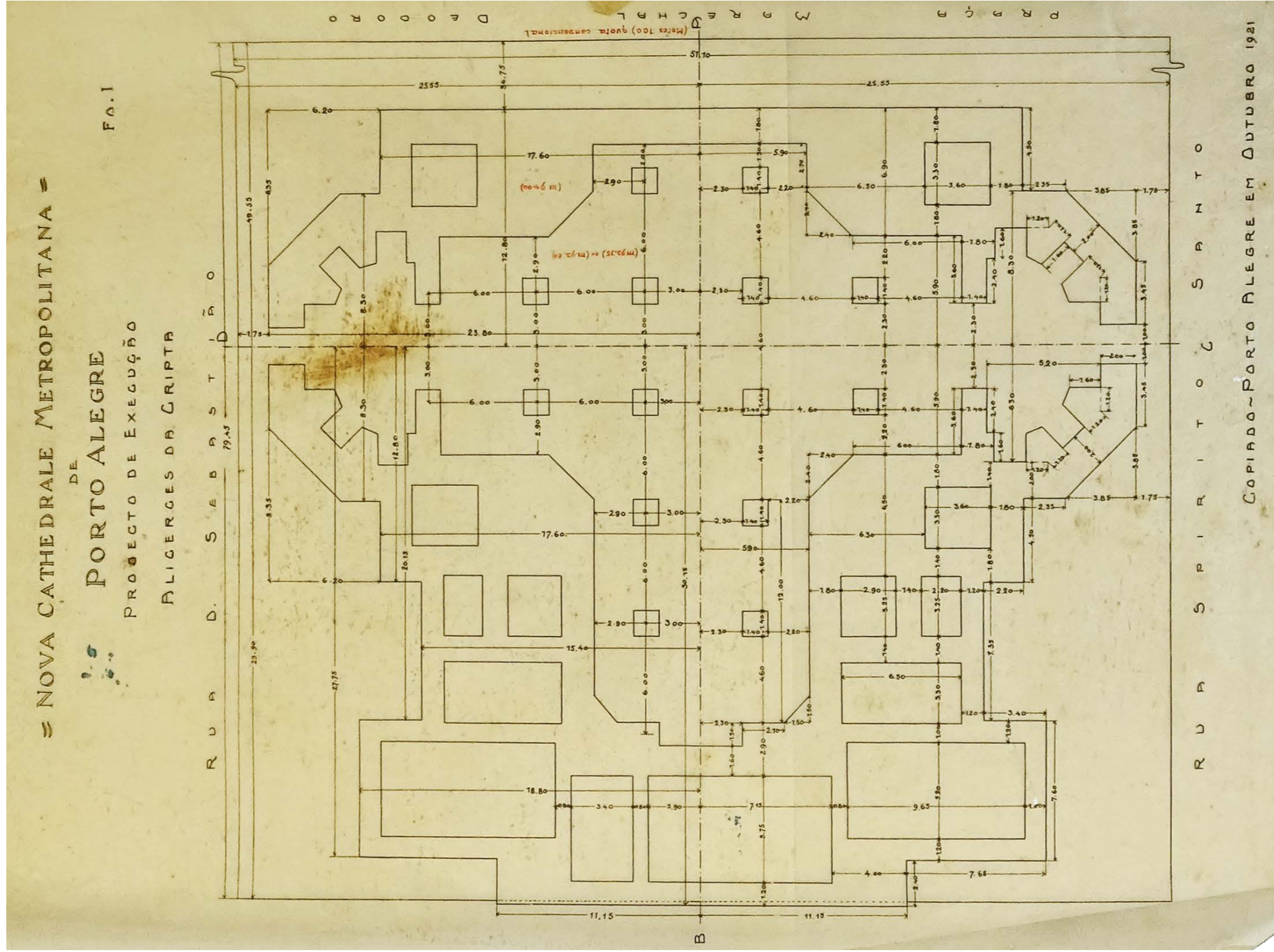
Giovanni Battista Giovenale,
05 de Janeiro de 1922

▼ Foto 64.

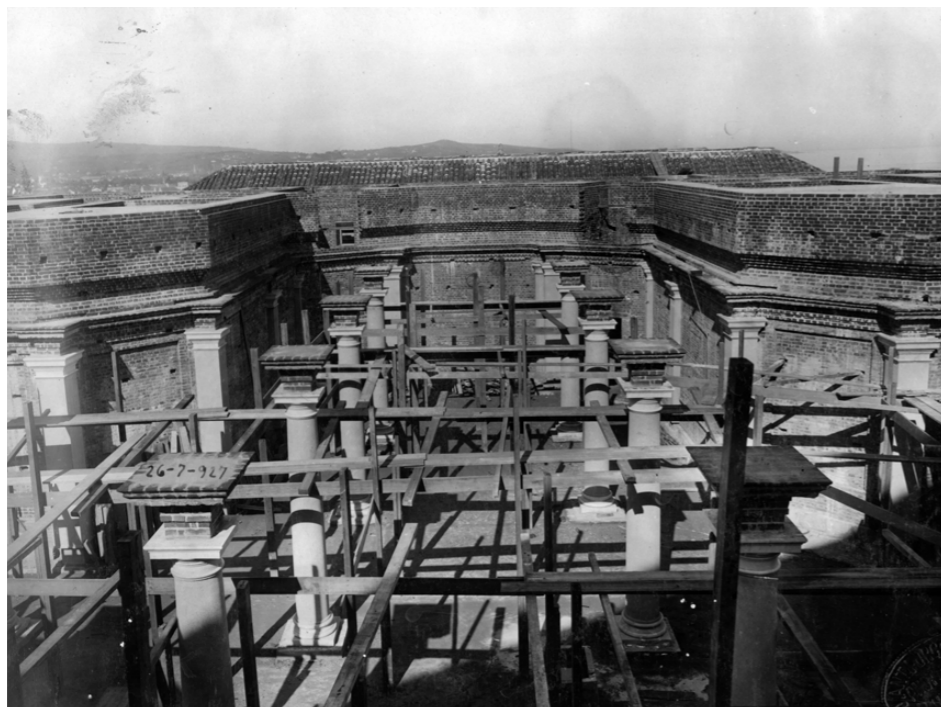




▲ Foto 65. No início de 1927, andaimes de madeira em frente dos pilares, já concluídos, vão sustentar a cúpula a partir da cripta. Os andaimes auxiliam na execução do acabamento das cimbras e no assentamento dos capitéis de mármore carrara sobre as pilastras de granito rosa.

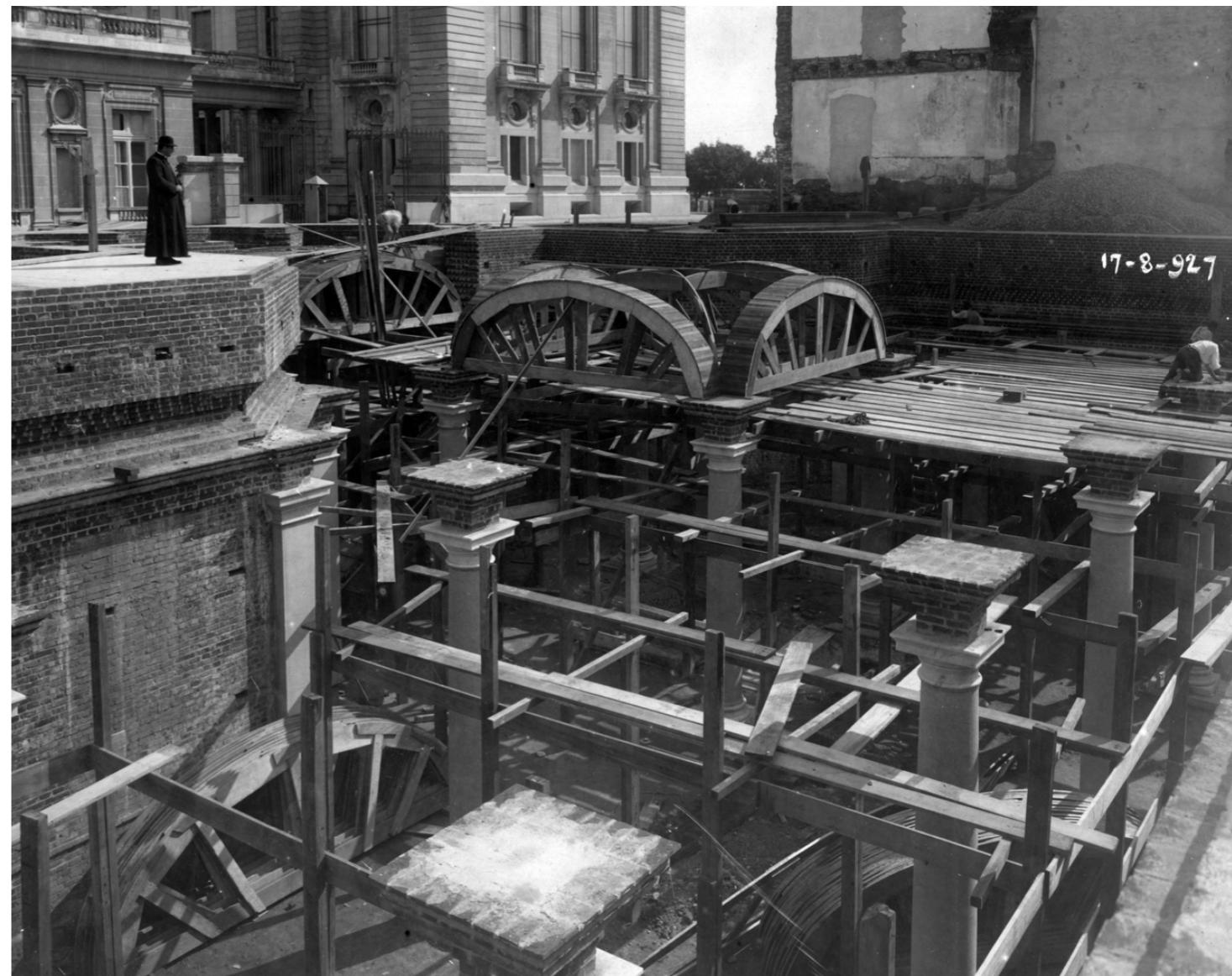


◀ Figura 5. Planta de fundação onde estão locados os alicerces da cripta. É possível notar as espessas paredes portantes no perímetro, e, no centro, a locação da base das colunas monolíticas de granito rosa.



▲ Foto 66. [26/07/1927] Vista desde o arrimo. Ao sul, as paredes externas de pedra maciça totalmente elevadas, assim como as internas em alvenaria de tijolos com as pilastras de pedra endossadas. No centro, a colunata de granito rosa com os capitéis da ordem jônica e embasamentos em mármore carrara, onde parte de sua estrutura é completada com alvenaria. As colunas encontram-se entre escoras de madeira, estrutura essa que comporá a execução das formas da concretagem das abóbadas.

► Foto 67. [17/08/1927] Guias de madeira, colunas monolíticas de granito, frisos e cimalkas em alvenaria de tijolos. Um estrado dá acesso às fôrmas de madeira, montadas sobre as colunas, que moldarão o concreto no formato de abóbada de aresta.





▲ Foto 68. [28/10/1927] Ferragens da estrutura do entrepiso que cobre a cripta. Ao fundo, rente ao que restou de velha matriz, os insumos do concreto que em breve serão espalhados sobre a ferragem. Em primeiro plano, a caixaria de madeira abaixo dos ferros moldará as abóbadas e arcos com caixotões que adornam o teto da cripta.



▼ Foto 69. [13/12/1927] No mês de novembro realizou-se a concretagem do forro e entrepiso da cripta, na qual o concreto da betoneira era derramado com carrinhos, espalhado e adensado manualmente com pilões. O canteiro de obra efervescia com a atividade e, em dezembro, os operários preenchiam com brita os vazios deixados pelas formas das abóbadas do forro.

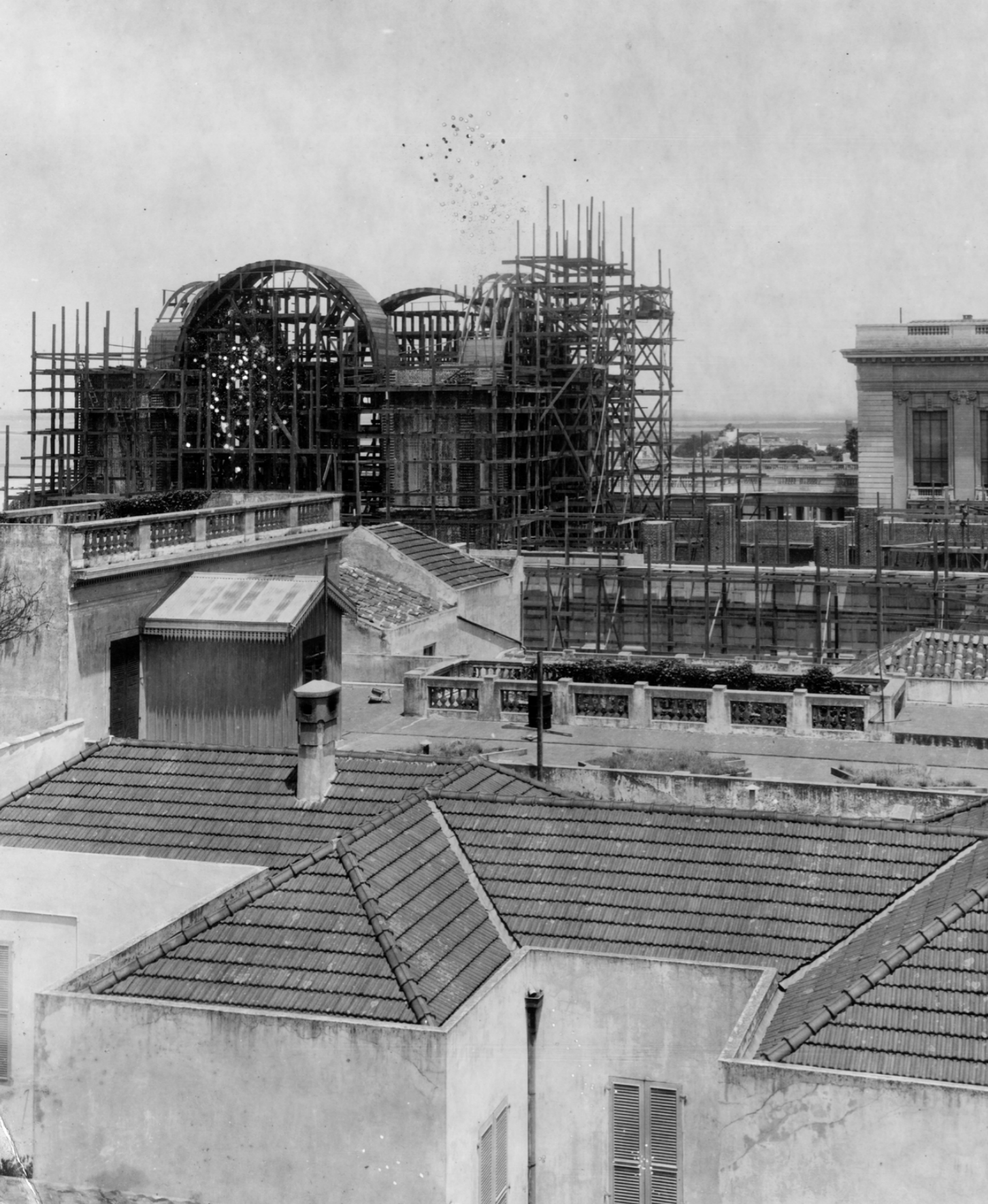


- ▲ Foto 70. [31/12/1937] Cripta com o forro e entrepiso concluídos. Contudo, as paredes de alvenaria de tijolos ainda estão sem o rebo-co, já as pilastras de pedra granítica, sem o sóculo que acompanha o rodapé.
- Foto 71. Abóbadas da cripta recém-desenfor-madas. Percebe-se o aspecto do concreto com a marcação das formas de tábuas de madeira. O forro da cripta é uma sequência de arcos abatidos no sentido longitudinal e transversal, formando abóbadas de arestas no cruzamento dos arcos. A cobertura toda foi moldada “in loco”, destacando-se a decoração dos arcos principais derivada da montagem das formas.





◀ Foto 72. Montagem de parte do altar-mor e retábulos colaterais da Catedral na cripta, para onde foram transferidos os serviços religiosos até 1948. No altar principal, Nossa Senhora Madre de Deus; o altar da esquerda era dedicado ao Divino Espírito Santo e o da direita, a São Miguel Arcanjo.



IV. ERGUE-SE A CATEDRAL

E vai alcançando o céu: pedra a pedra,
entre arcos, texturas, madeiras e
concreto ressurge a Catedral.

O período da construção da nave, torres e cúpula arrastou-se por 58 anos. Além da busca pelos recursos financeiros que uma obra de tal envergadura exigia, mudanças na administração arquidiocesana, com o falecimento de Dom João Becker (1946), fizeram com que novas prioridades retirassem a exclusividade da Catedral. Enquanto se preparavam para demolir a antiga matriz, em abril de 1929, seguia a construção das pilastras das paredes internas e externas da sacristia. A pedra fundamental das torres e fachada foi lançada a 1º de janeiro de 1930, tendo sido colocada a uma profundidade de 4 metros, na torre do lado direito (rua Espírito Santo). No primeiro semestre de 1930 foram feitos os alicerces, chegando à colocação do embasamento do soco no nível da calçada, com pedras de um metro de altura. Em setembro do mesmo ano também se iniciaram as escavações para os pilares da nave central. Apesar da lentidão, entre os anos 1932 e 1933, as paredes foram sendo levantadas de tijolos e revestidas externamente com as pedras retiradas, beneficiadas e transportadas das pedreiras. As obras do tambor da cúpula e da fachada destacaram-se nos anos seguintes, tendo sido inaugurado o arco do pórtico de entrada em 20 de setembro de 1934, com a presença do presidente da República, Getúlio Vargas.

Já em 1935, um impasse no mês de março fez com que as obras da cúpula fossem paralisadas: era necessário decidir se davam prosseguimento, simultaneamente, à edificação das paredes laterais para, então, construir o contraforte da cúpula. A Comissão de Obras, após avaliação técnica de Duílio Bernardi optou, em junho de 1935, que fosse colocado o último pedaço do fuste da terceira fiada das colunas do tambor da cúpula, e que se iniciasse a retirada dos andaimes do mesmo tambor, para não apodrecerem até a retomada dos trabalhos. No mesmo ano, concluiu-se o arco principal da fachada, no qual foi inscrita a data 20-9-1935 em alusão ao primeiro centenário da Guerra dos Farrapos. Contudo, sentia-se o custo de uma obra tão volumosa. Ao longo de 1936 o ritmo ficou praticamente parado, enquanto em 1937 a abside da capela-mor foi sendo terminada. Em dezembro do mesmo ano, após a colocação do capitel quadrado da pilastra do lado da rua Espírito Santo, próximo à sacristia, os poucos operários foram con-

Nas absides laterais foram colocadas oito colunas monolíticas em granito róseo polido, igualmente com base e capitel de mármore branco. Foram feitos ainda todo o piso, as portas e as janelas de madeira em toda a construção, a grade monumental de ferro e os portões de ferro, a escadaria de granito na frente das três portas de entrada. [...] Ficaram, depois, quase suspensos os trabalhos, devido aos empréstimos contraídos, conservando-se somente os operários que tinham estabilidade legal.”

A parada nas obras visava à recuperação financeira. Em 1953, Dom Vicente Scherer lançou a campanha Pró-Cúpula, com a qual foi possível concluir a abside central, sobre o altar-mor. O tambor da cúpula, que já tinha 12 fiadas de pedra, recebeu os pilares e vigas de amarração da base, as pilastras, vergas da janela e, por fim, o restante das oito fiadas de granito. Até esse momento, a cobertura da cúpula seria de bronze. Em 23 de dezembro de 1957, os seis sinos feitos na fábrica alemã Bochumer Vereis foram inaugurados, tendo sido convidados seis paraninfos que, simbolicamente, ligaram a chave elétrica correspondente ao motor de seu sino: 1º sino, dedicado à Mãe de Deus, teve como paraninfo o governador Ildo Meneghetti; o 2º sino, o cônsul alemão Gerhard Wolf e sua esposa; o 3º, a Irmandade do Santíssimo Sacramento; os paraninfos do 4º sino foram os parentes de Dom João Becker; do 5º, o prefeito de Porto Alegre, Leonel Brizola, e esposa; e o 6º, a Irmandade do Divino Espírito Santo.

Nos anos que se seguiram, praticamente nada foi feito. Em setembro de 1968, o arcebispo realizou uma reunião especial, com um grupo formado por mais de 80 pessoas, lançando a meta da conclusão da parte externa, das torres e da cúpula até o ano de 1972, quando se celebraria o bicentenário de criação da matriz. Para angariar os fundos necessários, foi contratada a firma Affonso Passos & Cia. Dessa forma, em 31 de maio de 1971 foram inauguradas as duas torres, de 50 metros de altura.

Para a ocasião do dia 26 de março de 1972, data da fundação da matriz, a cúpula encontrava-se quase pronta recebendo, em seguida, o revestimento de mármore.



▲ Foto 74. Construção das sacristias e paredes do presbitério em alvenaria de tijolos. Em primeiro plano, a elevação de um dos pilares de sustentação da cúpula e o campanário provisoriamente utilizado durante os serviços religiosos na cripta.

▲ Foto 75. Com a conclusão da cripta e do monumento Obras Novas na rua Dom Sebastião, os tapumes de madeira começaram a ser desmanchados. Sobressai, acima da cripta, o levantamento dos pilares de sustentação da cúpula.



▲ Foto 76. Confirmada a solidez do terreno das torres pela Escola de Engenharia, operários trabalhavam na primeira fiada de pedra rústica, que acompanha a cripta, dado o desnível da rua Espírito Santo. Ao fundo está sendo erguido o arco do cruzeiro, que separa a nave das absides. A estrutura em arco será reforçada com arco-botantes que interseccionam as capelas intercomunicantes. É possível notar as esperas na alvenaria, que darão seguimento à estrutura. Também, em agosto de 1930, se iniciaram as escavações dos pilares das naves centrais.

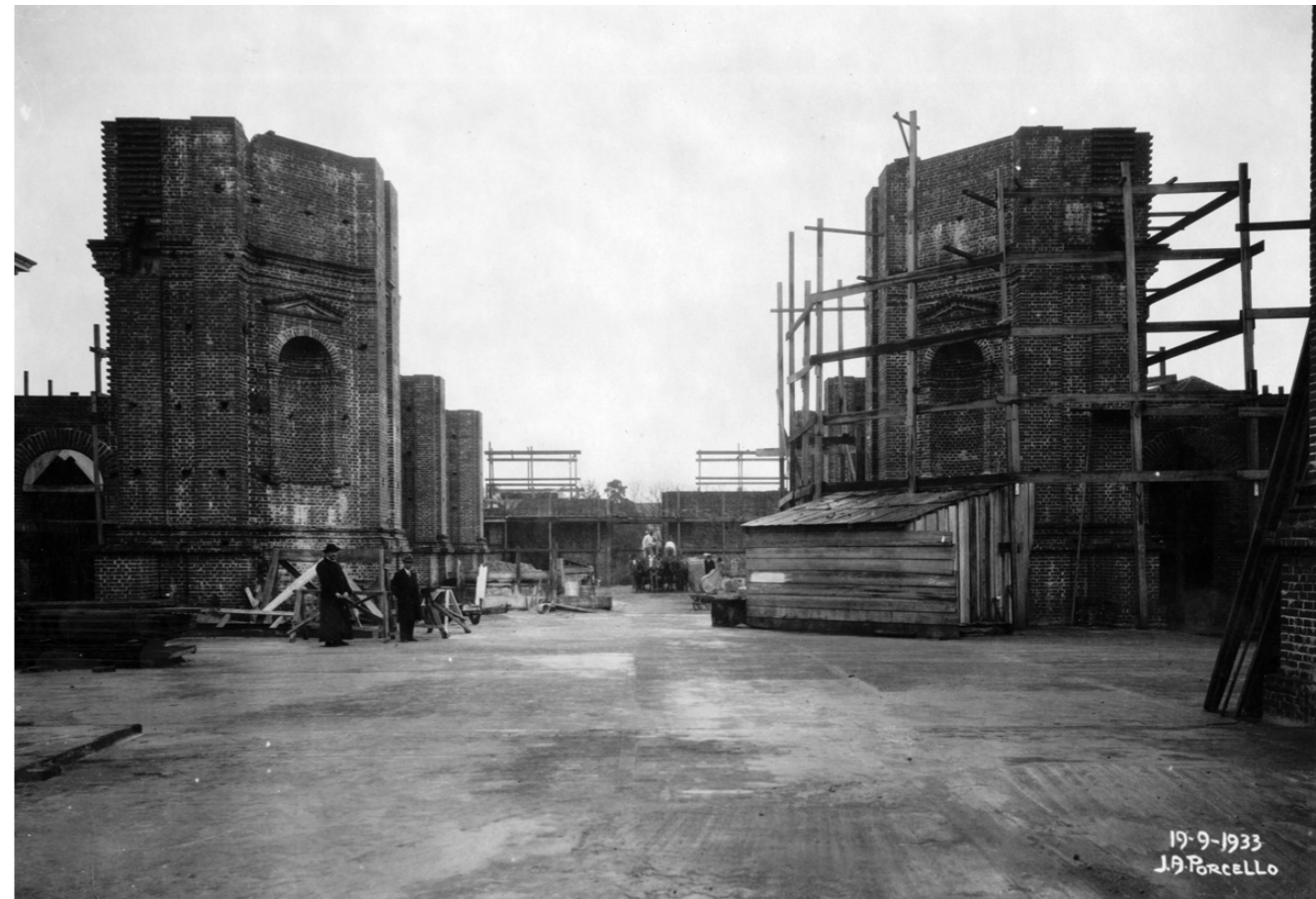


▲ Foto 77. Construção das sacristias e interior da nave. Entre os andaimes, os pilares que sustentarão a grande cúpula.



▲ Foto 78. Mesmo com a redução de operários e as poucas arrecadações, as obras continuaram. Em primeiro plano, a construção da torre oeste, com sistema construtivo misto (alvenaria de tijolos, concreto e placa de pedra), e a espera para o engaste da escadaria em concreto armado, com a função de dar acesso ao compartimento do sino. Em segundo plano, a elevação das capelas intercomunicantes da nave em alvenaria de tijolos.

► Foto 79. Construção do pódio que eleva o átrio em relação à rua Duque de Caxias. Na parte direita, as paredes de alvenaria que dividem o átrio da nave. Sob supervisão do Mons. Balem, pedreiros assentam pedras que servirão de base para as colunas monolíticas e formarão o pórtico principal de acesso.



▲ Foto 80. Pilares edificados com os nichos dos Evangelistas. Com grande parte das paredes erguidas, em setembro de 1933, a Comissão de Obras abriu chamada pública para propostas de fornecimento de oito colunas de granito rosa destinadas ao átrio da Catedral.

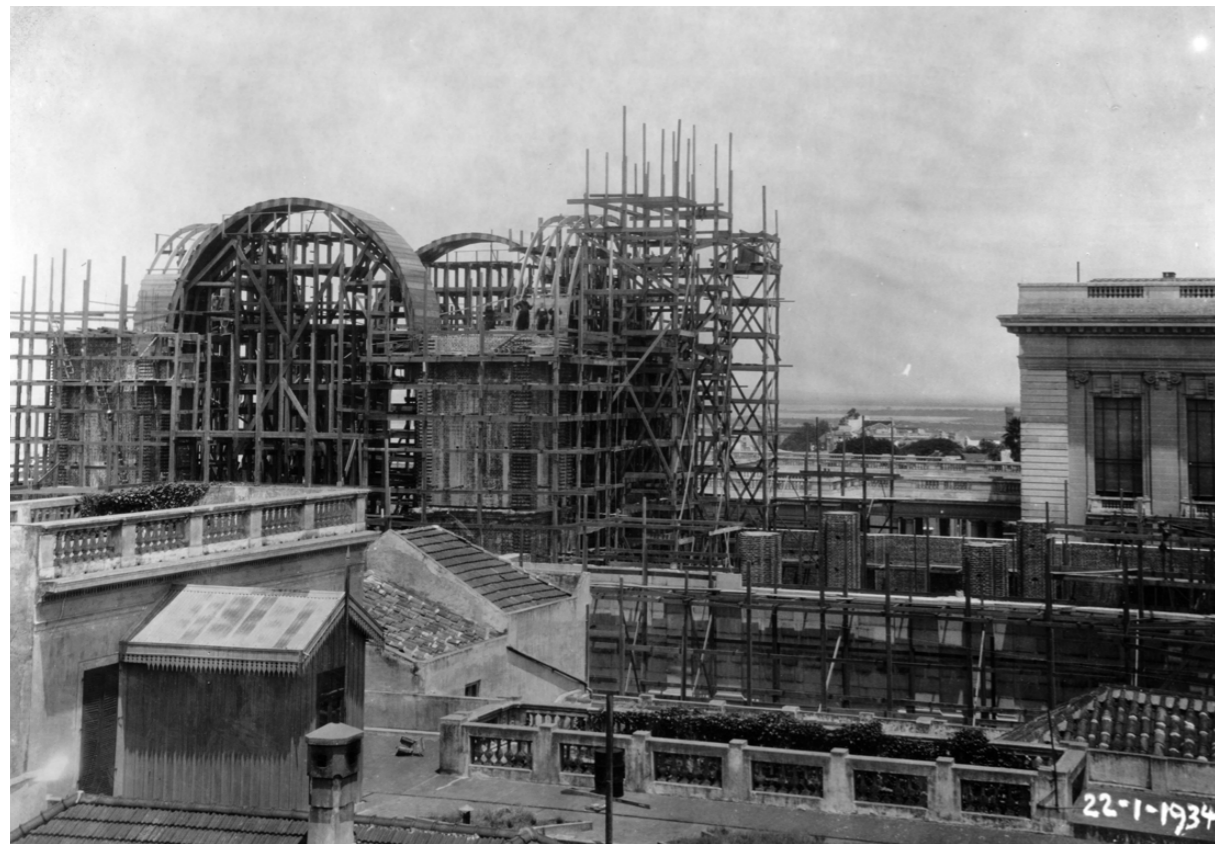
◀ Foto 81. Panorama das obras, em 22 março de 1933. Construção cercada por tapumes e coberta por andaimes de madeira. Na rua Duque de Caxias, a placa diante da obra expunha a perspectiva da Catedral feita pelo arquiteto Giovenale, e convidava a população a visitar as obras.



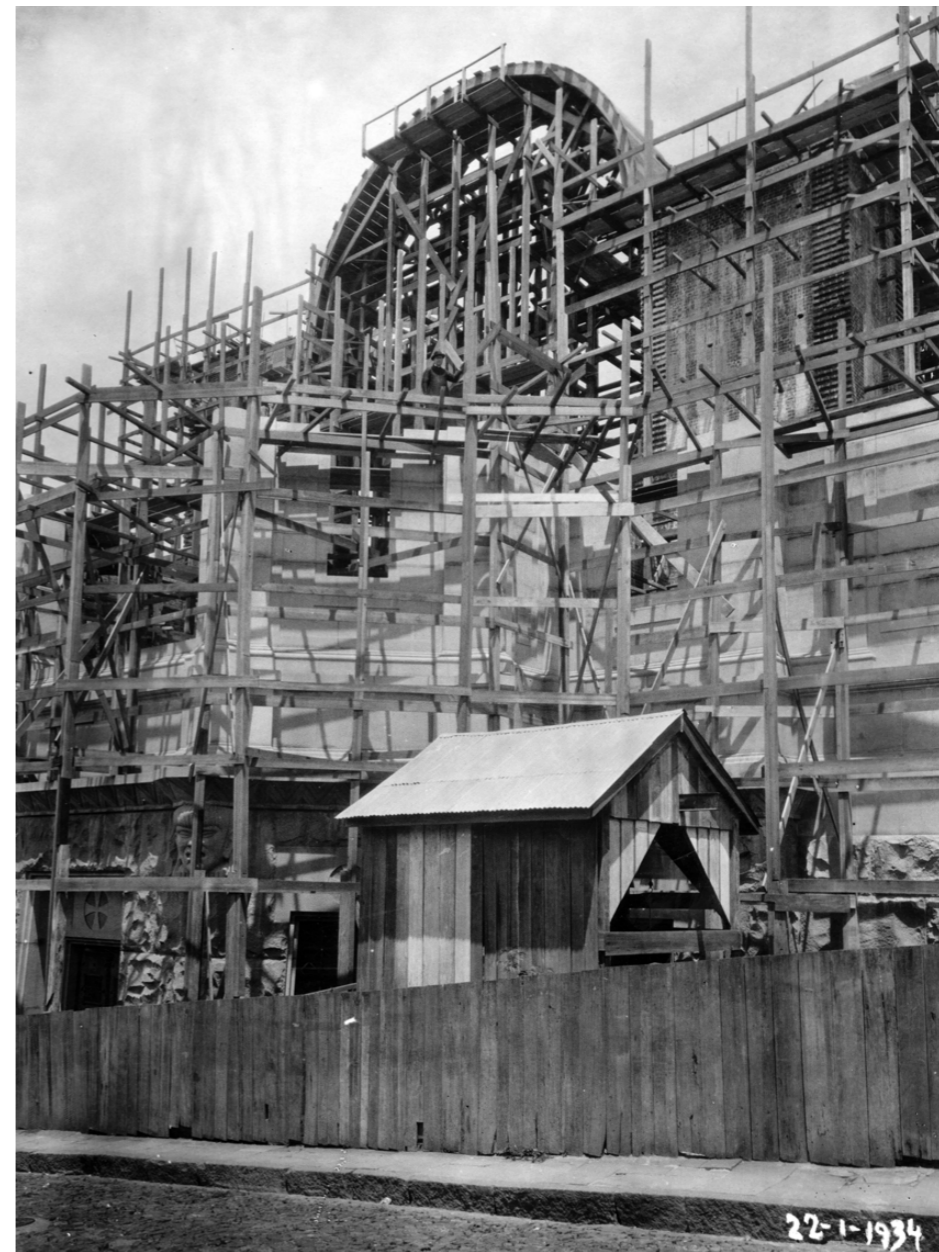
▲ Foto 82. As obras e seu entorno, em fotografia tirada no antigo Colégio Anchieta. Em primeiro plano, declive do terreno, revelando os fundos do Museu Julio de Castilhos, e residências do Dr. Borges de Medeiros e do Dr. Plínio Casado. Coberto de andaimes, pouco se denota do prédio da Catedral que estava sendo erguido, a não ser a parte sul da cripta. Na sequência, à esquerda, a Cúria Metropolitana e, atrás, o Colégio Paula Soares. O Palácio Piratini já tinha seu espaço definido. A seu turno, as torres (as da igreja das Dores) e a casa do Dr. Adroaldo Mesquita da Costa encerram o rápido olhar da imagem.



▲ Foto 83. Pódio elevado do embasamento concluído, visto desde a praça da Matriz. No centro, Mons. Balem e operários.



- ▲ Fotos 84 e 85. Armação das fôrmas de madeira para construção dos arcos, em cimento armado, que sustentarão o tambor da cúpula. A instalação das madeiras foi feita pelo carpinteiro bávaro João Widholzer, seus filhos e mais três operários. Enquanto se elevavam as paredes mistas, de tijolos e pedras, as paredes internas da nave já chegavam na altura da cimalha.





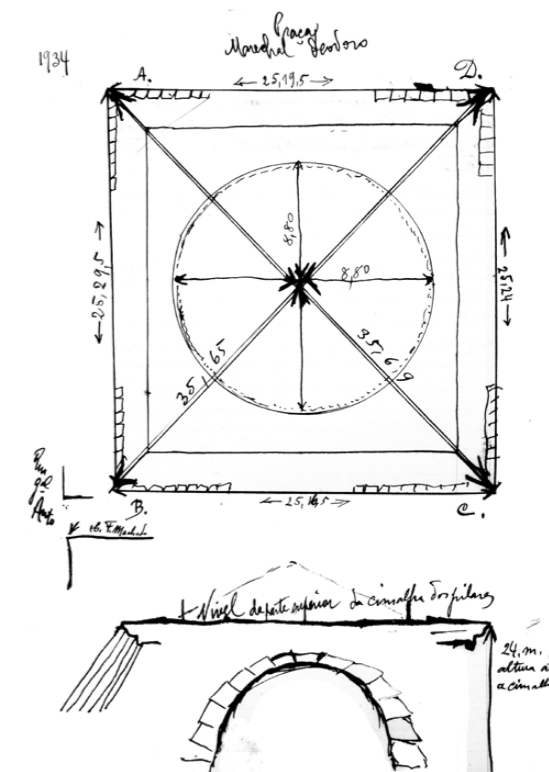
◀ Foto 86.

▶ Foto 87.
Chegada do fuste de uma das colunas da entrada principal.

Quinta-feira – chegou a coluna para o pórtico, veio em um caminhão da prefeitura, nº 27-64, marca internacional da Cia. Transportadora nº motor 15757, conduzido pelo motorista Eugênio Edele, alemão. O carreto custou 800\$000 réis. Foi descarregado por meio de um cavalete e uma talha de 10 mil kg. Os bondes ‘Duque de Caxias’ pararam às 11h00 e só puderam caminhar às 11h45. A manhã toda estava nublada e garoava. De tarde foi iniciado o levantamento, com a presença de centenas de pessoas, enquanto no Auditório Araújo Vianna, lá em frente, a banda municipal, dirigida pelo maestro José Leonardi, executava o variado programa musical: Ruggero, de Russo; Rosa de Amor, de Bayer; Princesa de Circo, de Kálmán; L’Arlésienne, de Bizet; Rigoletto, de Verdi e o Barbeiro de Sevilha, de Rossini. O Sr. José Brunelli, meu auxiliar, dirigiu com maestria, o levantamento do fuste da coluna que tem 6,50 metros de altura por 0,80 metros e 0,70 metros de grossura, e 8 toneladas de peso. Doze homens executaram perfeitamente as ordens e os movimentos.

Mons. Balem



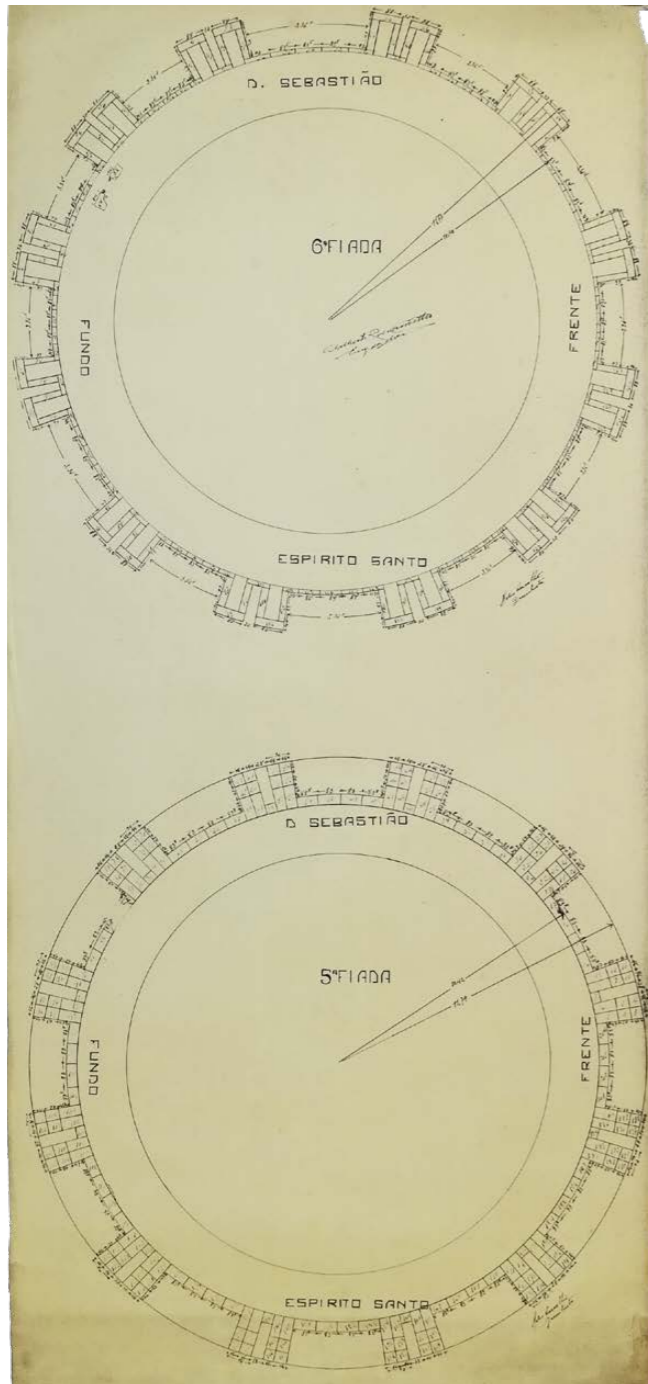


▲ Figura 6.

Duílio Bernardi, Helio Carvalho
[irmão do Dr. Adalberto], Luiz Marques
e eu fizemos a medição das quatro
frentes dos pilares.

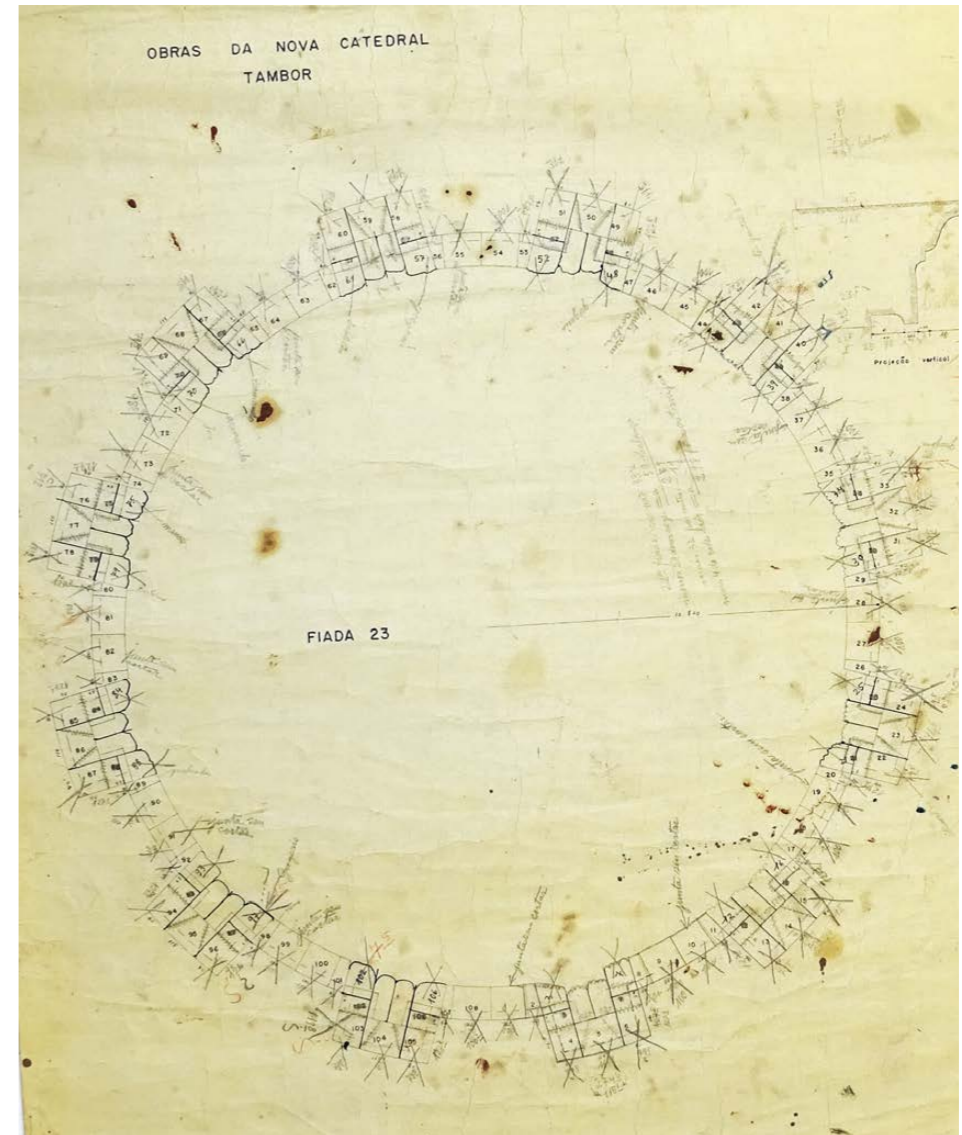
Mons. Balem
31 de Julho 1934

◀ Foto 88. Mons. Balem sobre a murada onde se elevarão os arcos e pendentes de sustentação do tambor da cúpula. Instalação das cimilhas em cantaria de pedra e grampos em ferro. Ao fundo, a enseada de Belas.



◀ Figura 7. Projeto executivo detalhando a quinta e sexta fiadas de alvenaria do tambor da cúpula. Essas fiadas sustentarão as colunas de granito e os vãos que iluminam o interior da cúpula. Planta assinada pelo engenheiro Adalberto Rodrigues de Carvalho e pelo desenhista Helio Carvalho.

▶ Figura 8. Projeto executivo detalhando a 23ª fiada, já sobre as janelas e colunas de granito. No desenho há um detalhe da cimalha em corte que arremata o tambor antes do início do domo da cúpula. O desenho provavelmente foi utilizado em canteiro de obras devido às anotações a lápis e à caneta.





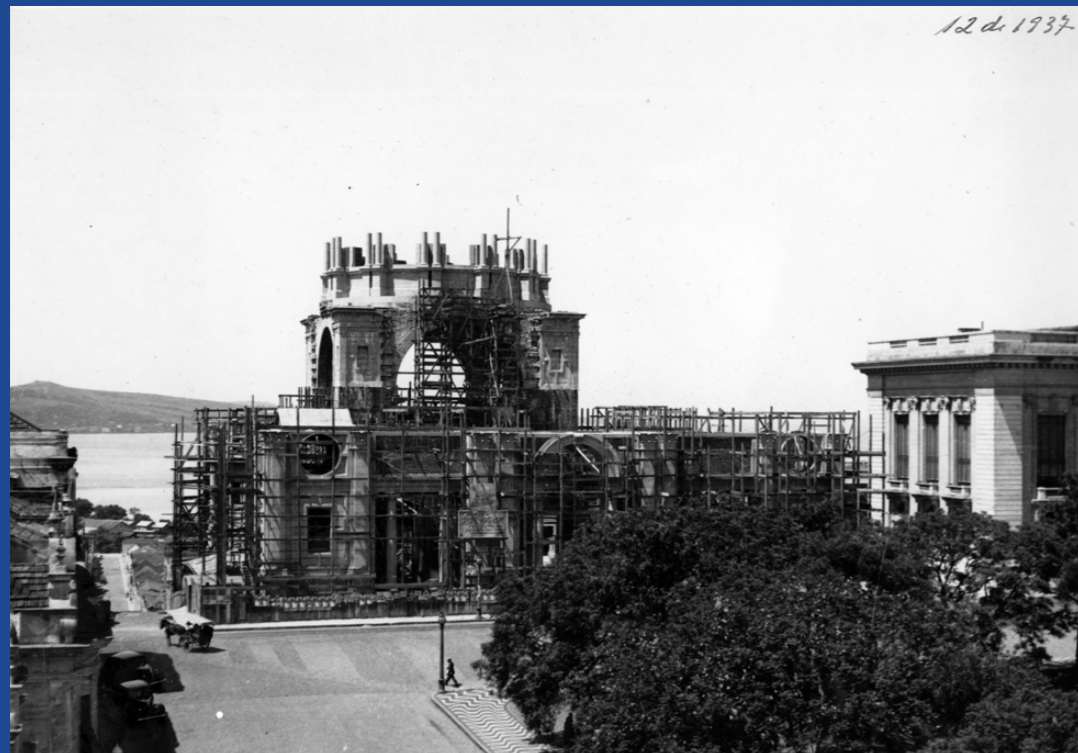
Aos 20 de março de 1935, Duílio Bernardi (diretor das obras e engenheiro fiscal por parte da Escola de Engenharia) e Adalberto de Carvalho (engenheiro construtor) encaminharam cartas à Comissão de Obras, nas quais levantavam dúvidas a respeito das técnicas exigidas para o prosseguimento dos trabalhos de construção da cúpula simultaneamente com a edificação das paredes laterais que fazem o contraforte da cúpula.

Bernardi expunha ter averiguado más consequências no decorrer dos trabalhos de levantamento da cúpula, e exigia que fossem feitos cálculos exatos da estabilidade dos pilares; explicou que sua ideia inicial era fazer a cúpula de cimento armado, ou seja, faria o tambor da cúpula e depois a revestiria de granito.

Adalberto, no entanto, apesar das preocupações de Bernardi, seguiu as obras enquanto o diretor das obras esteve ausente e informou não se lembrar sobre a execução do tambor e cúpula em cimento armado. Alegou que, pelos cálculos que fizera, ficava patente a inconveniência de dar continuidade ao tambor da cúpula sem antes levantar as paredes que serviam de contraforte dos pilares.

Por fim, a Comissão deliberou que logo depois do assentamento das fiadas de pedra, já iniciadas no tambor da cúpula, ficariam suspensos os trabalhos, com a finalidade de que antes fossem levantadas as paredes laterais, absides e pilares internos. Em junho de 1935 foi colocado o último pedaço do fuste da terceira fiada das colunas do tambor da cúpula e iniciada a retirada dos andaimes do mesmo tambor da cúpula, para não apodrecerem até a retomada dos trabalhos.



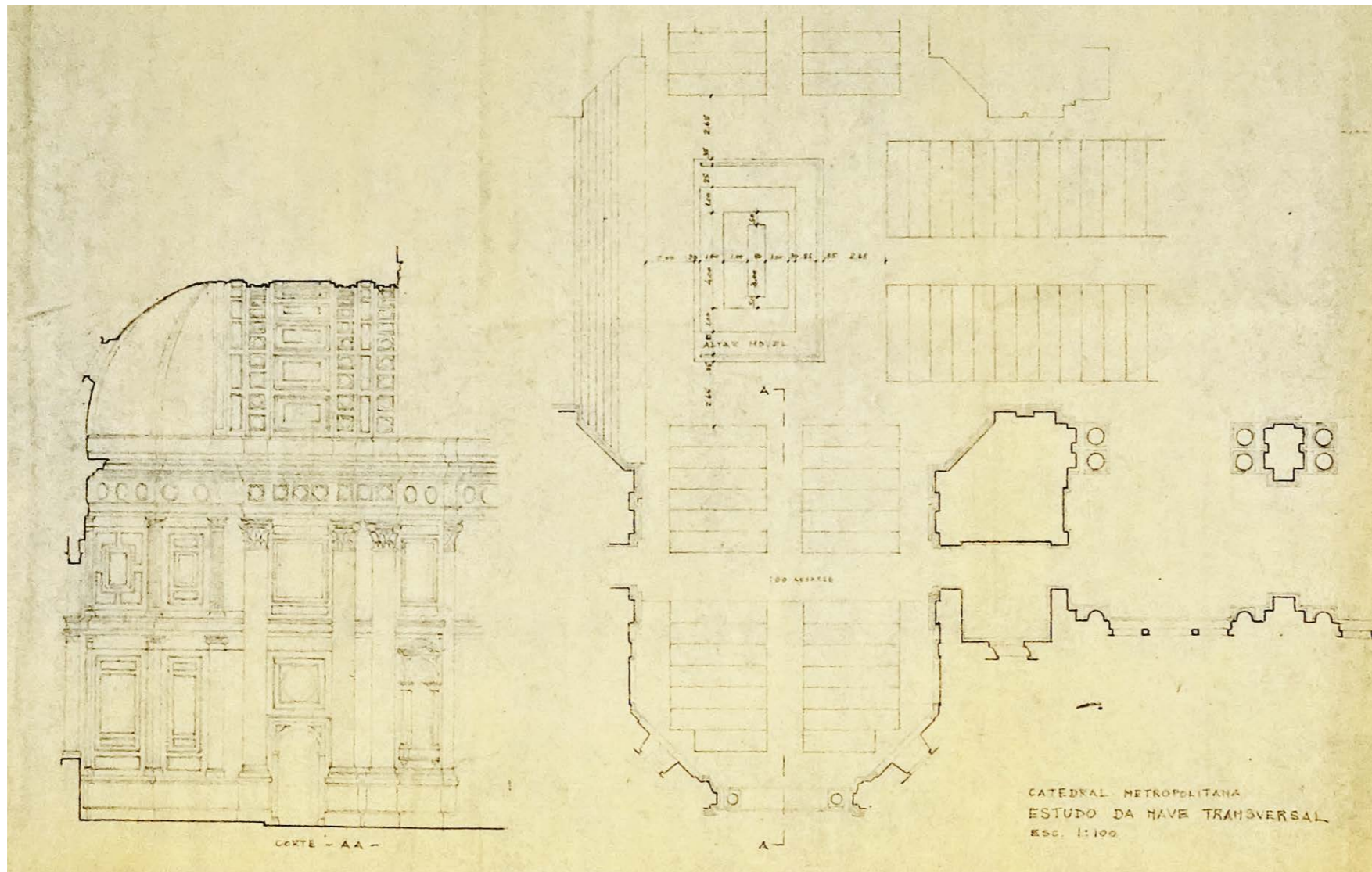


No início de 1937 foram levantadas as primeiras fiadas de pedras da abside da capela-mor. A partir de novembro do mesmo ano foi executada a verga de cimento armado sobre a tribuna da capela-mor, lado da Epístola, e iniciado, por meio de talha, o levantamento da primeira parte da cimalha externa da abside da capela-mor.

Em dezembro concluiu-se o levantamento das 45 pedras da primeira parte da cimalha externa da abside da capela-mor, que foram levantadas por meio de talha-patente.

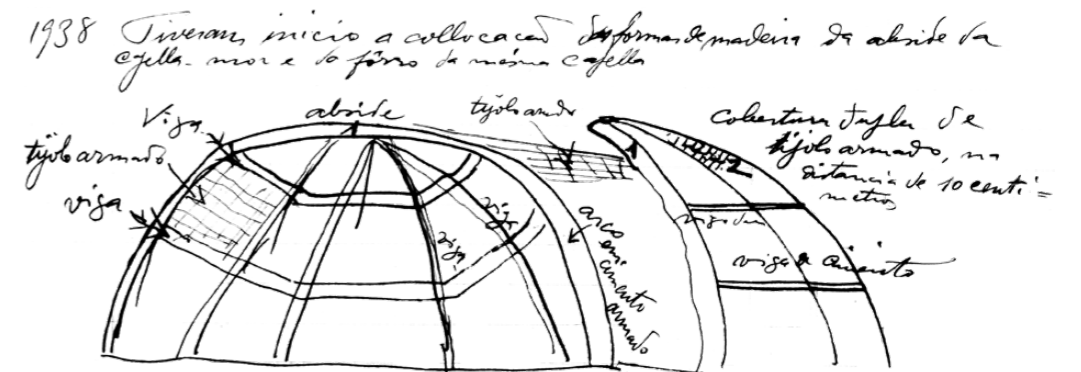
Também foram suspendidos os quatro capitéis das $\frac{3}{4}$ de colunas da abside lateral da rua Espírito Santo e colocado o capitel quadrado das pilastras do lado da mesma rua, após a abside lateral, próximo à sacristia.

O capitel levou quatro horas para ser levantado. Havia somente três homens (José, Januário e Bruno) puxando a talha grande, e mais o capataz Luiz Marques.



▼ Figura 10. Mons. Balem rascunha um croqui esquematizando o sistema construtivo das absides da capela-mor e do seu forro, julho de 1938.

▲ Figura 9. Estudo em corte transversal e planta baixa na escala 1:10 da abside da rua Espírito Santo, destacando a ornamentação do interior e a disposição dos bancos dos fiéis convergindo para um altar móvel no transepto.





- ▲ Foto 93: Fachada sul. Execução da abside do altar-mor e a finalização das paredes que elevam o altar-mor. O tambor da cúpula começava a tomar forma, com parte da colunata erguida.
- ▶ Foto 94. Pórtico do acesso principal ao átrio, totalmente sustentado pela pedra em cantaria.





▲ Foto 95. Simultaneamente, trabalhava-se na abside lateral da rua Espírito Santo e na parte interna da igreja, destacando-se a instalação das colunas de granito dos arcos da nave.

► Foto 96. A fim de dar o devido destaque à cúpula e elevar sua altura, mas limitado pela extensão do terreno, foi necessário afastar as absides, garantindo amplitude proporcional entre altura e diâmetro. Em 1940, as obras externas das absides foram concluídas.





◀ Fotos 97 e 98. [1945] Nave e capela intercomunicante direita. Abside oeste concluída, e ainda não rebocada. Na semi-cúpula, um óculo que foi cancelado posteriormente.





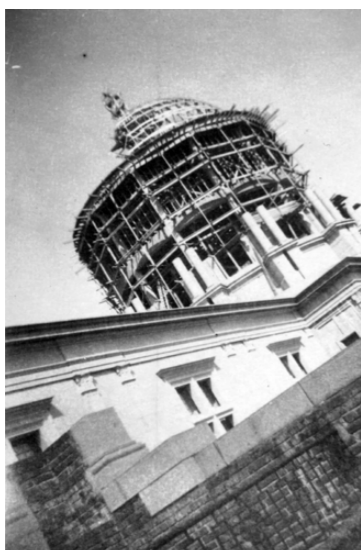
▲ Fotos 99 e 100. [ca. 1947] Catedral parcialmente concluída para a inauguração provisória.



▲ Foto 101. [1948] Internamente, durante o V Congresso Eucarístico Nacional.

Após o falecimento de Dom João Becker, seu sucessor, Dom Vicente Scherer, deu início a uma nova fase da construção. Com o objetivo de inaugurá-la provisoriamente durante o V Congresso Eucarístico Nacional de 1948, priorizou a finalização das lajes superior e inferior, telhado, portas e escadas da entrada.

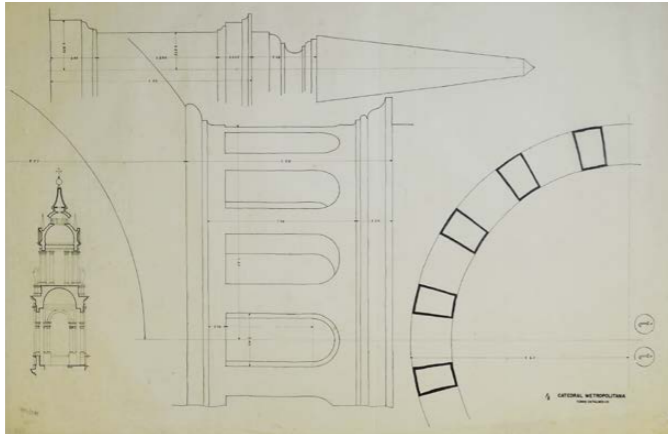
Desde a inauguração provisória, os trabalhos na obra ficaram praticamente suspensos, sendo mantidos apenas operários com estabilidade legal. Em outubro de 1953, Dom Vicente Scherer lançou uma nova campanha, a Semana Pró-Cúpula da Catedral, visando a obtenção de recursos para a finalização das obras.



- ▶ Fotos 102, 103 e 104. Execução da ferragem de armação da casca de concreto externa. A parte interna já se encontrava finalizada e é sustentada por pilares de concreto armado com consoles. Ao mesmo tempo que aconteciam os trabalhos na cúpula, ia-se erguendo a colunata em seções de pedra maciça que sustentará a casca de concreto externa.

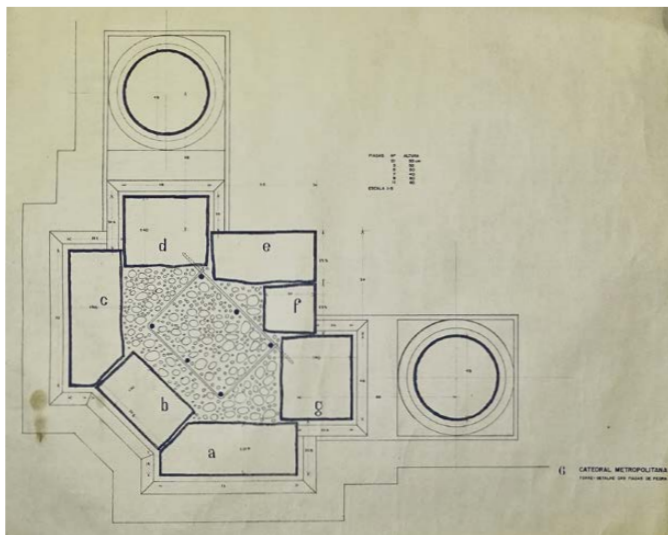


Mesmo sem as torres, os seis sinos foram inaugurados em 23 de dezembro de 1957. A partir dessa data, e engajado em outras prioridades, o governo da Arquidiocese praticamente paralisou as obras, aguardando a entrada de recursos financeiros. Apenas em 1968 as preocupações com as obras retomaram, com o objetivo de concluir a parte externa, as torres e a cúpula até 1972, ano do bicentenário de fundação da matriz.



► Foto 105. Embora Mons. Balem tenha registrado na própria fotografia que se tratava da colocação do “zimbório”, o momento representa a colocação do lanternim da torre oeste.

◄ Figura 11. Detalhe de um coruchêu da torre.

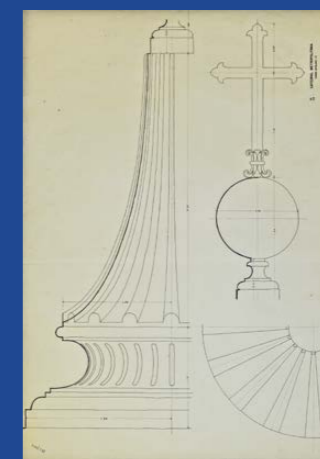


◄ Figura 12. Planta baixa na escala 1:5 de detalhe construtivo de uma das quinas das torres. A fiada em destaque se refere ao patamar do compartimento dos sinos. Nota-se o sistema construtivo da estrutura composta por blocos de pedra, ferros e enchimento de concreto. É guarnecida por duas colunas monolíticas de granito rosa.



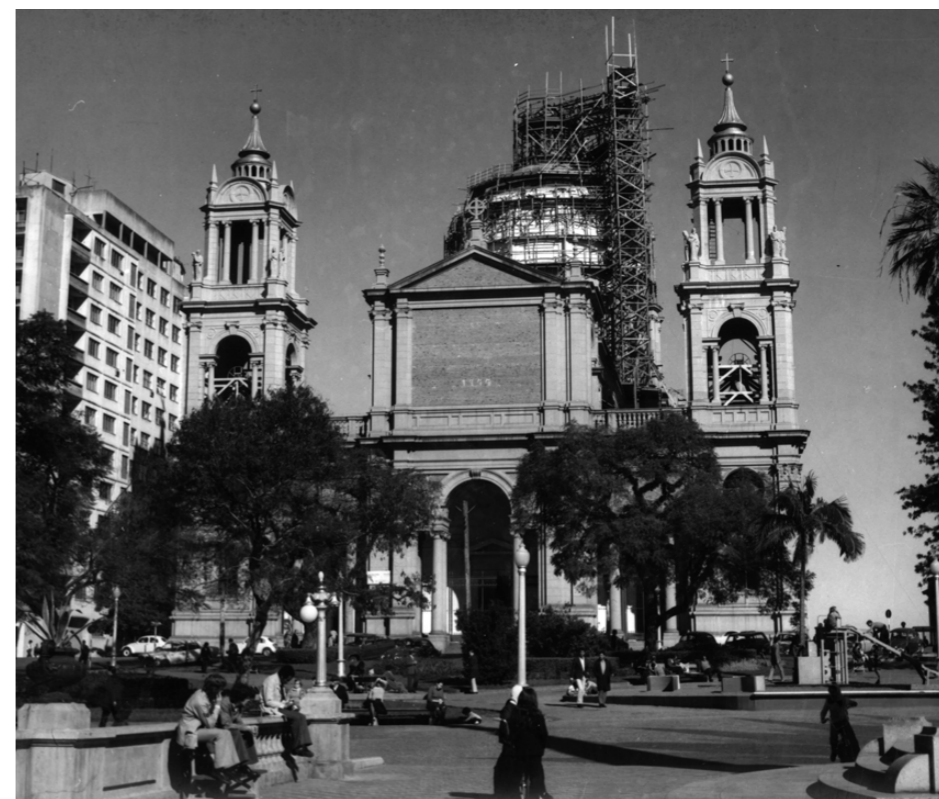


▲ Fotos 106, 107, 108 e 109. [14/03/1970]
Inauguração da torre, lado da rua Espírito Santo, com a colocação do lanternim. O trabalho teve início no pátio do Instituto Parobé.



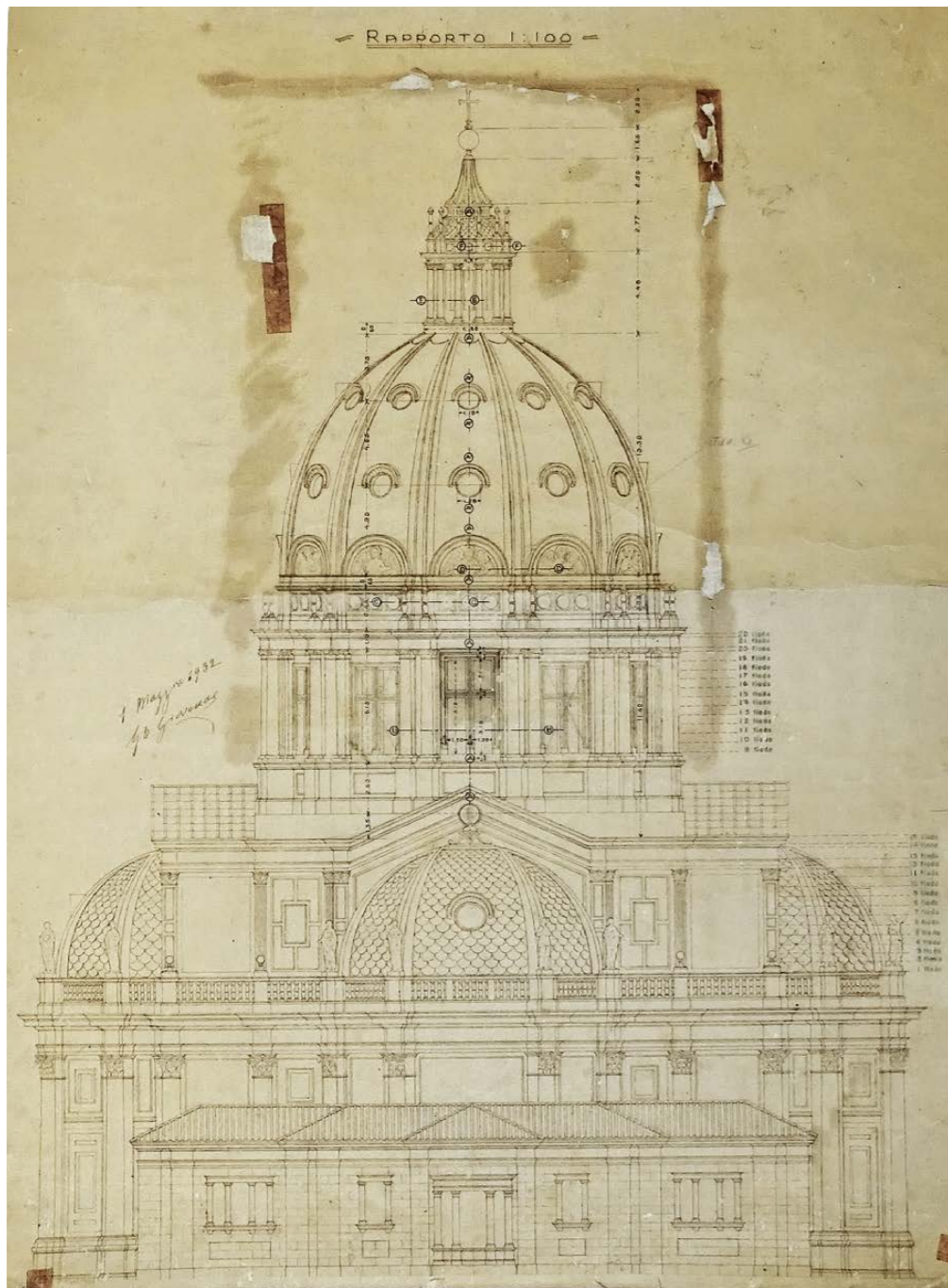
◀ Fotos 110 e 111.
[29/05/1971] Inauguração
da segunda torre.

▶ Figura 13. Detalhamento
do lanternim.

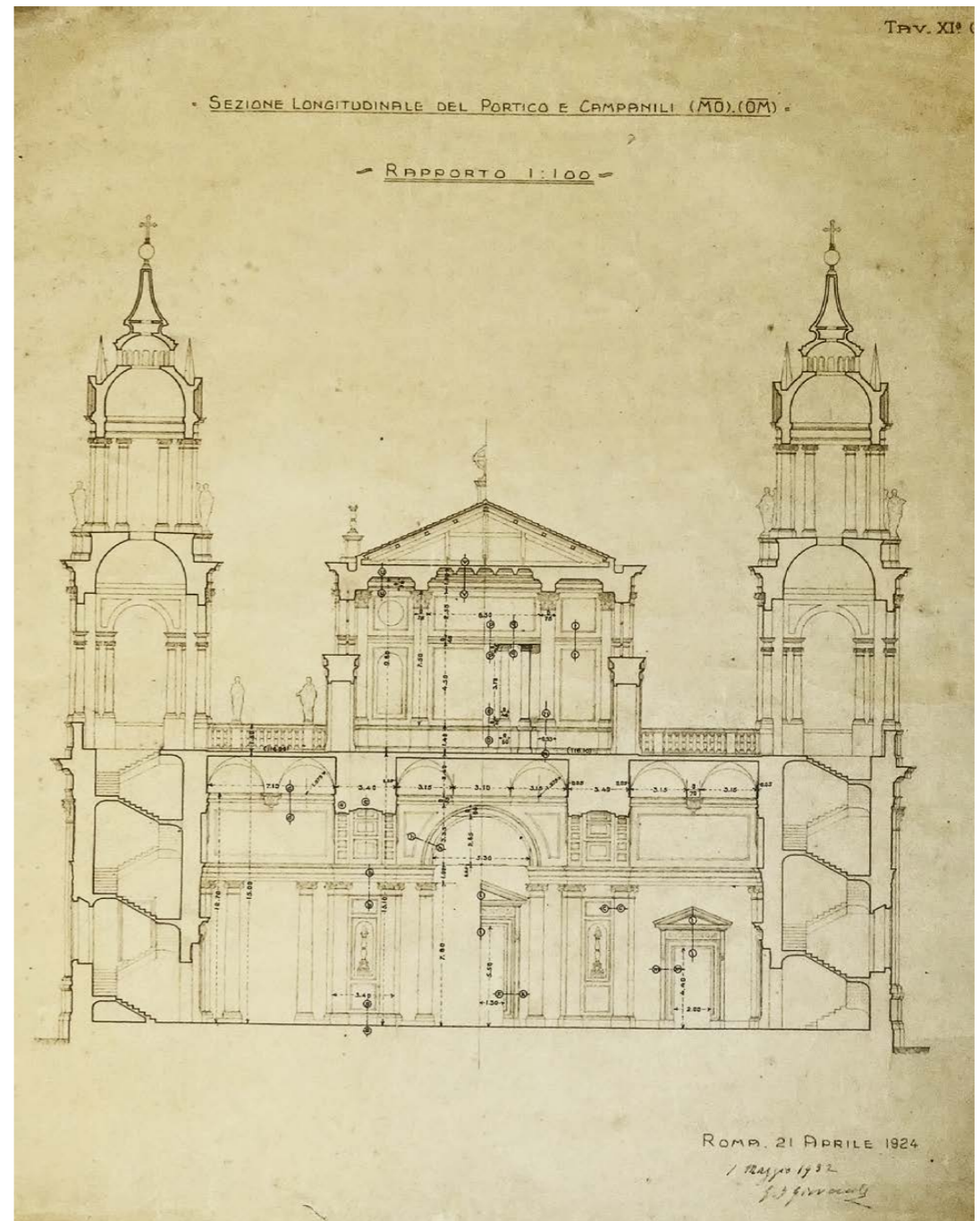


▲ Foto 113. Desde o início de 1972 as equipes trabalhavam no revestimento em placas de mármore da cúpula. Ao fundo, a estrutura de andaimes que serviam também para a instalação do zimbório. O revestimento de cobre dos telhados e abside leste ainda não havia sido executado. No frontispício, nota-se a ausência dos mosaicos que ainda não haviam sido instalados.

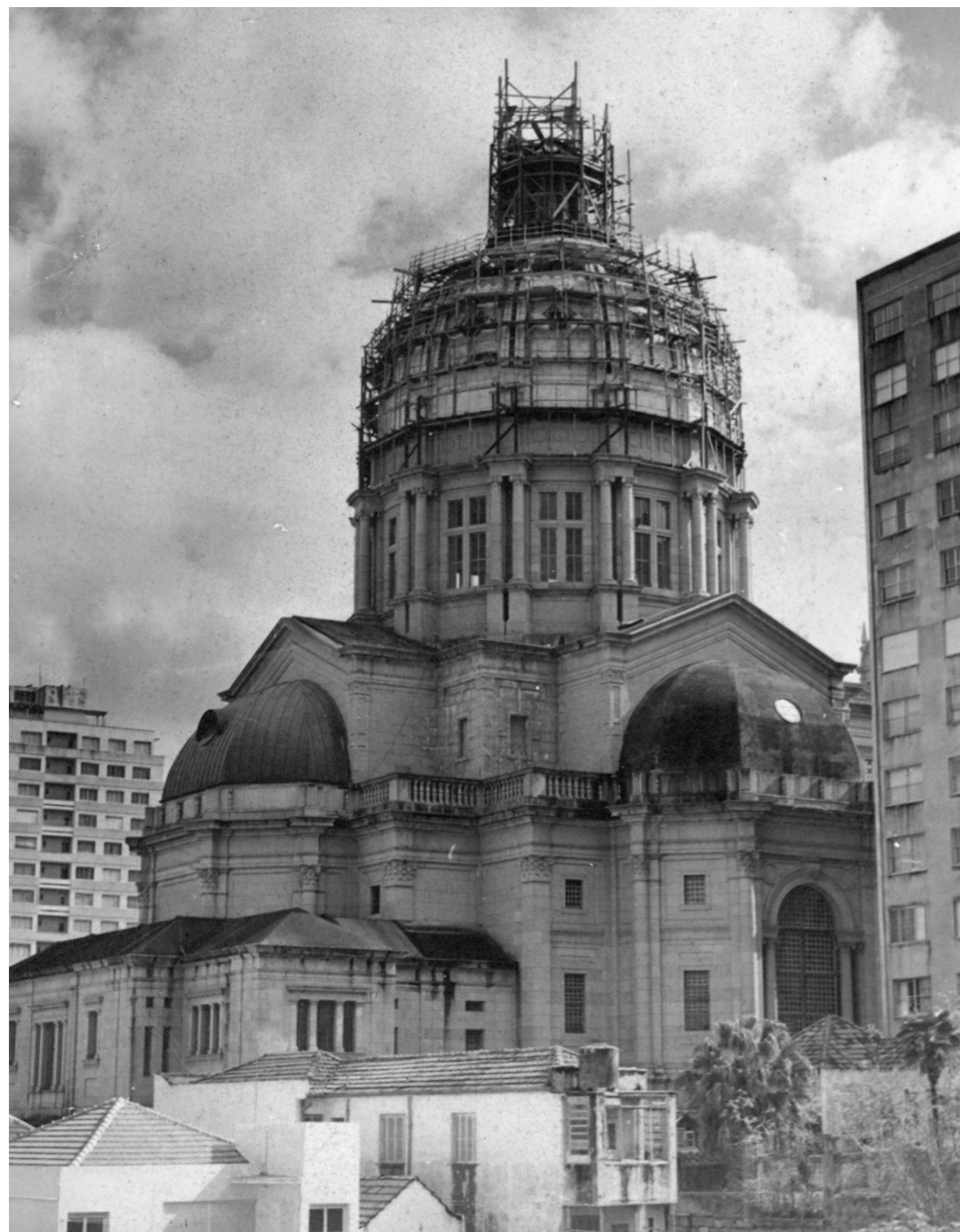
◀ Foto 112. Processo de revestimento do concreto da cúpula em plaquetas hexagonais de mármore branco.



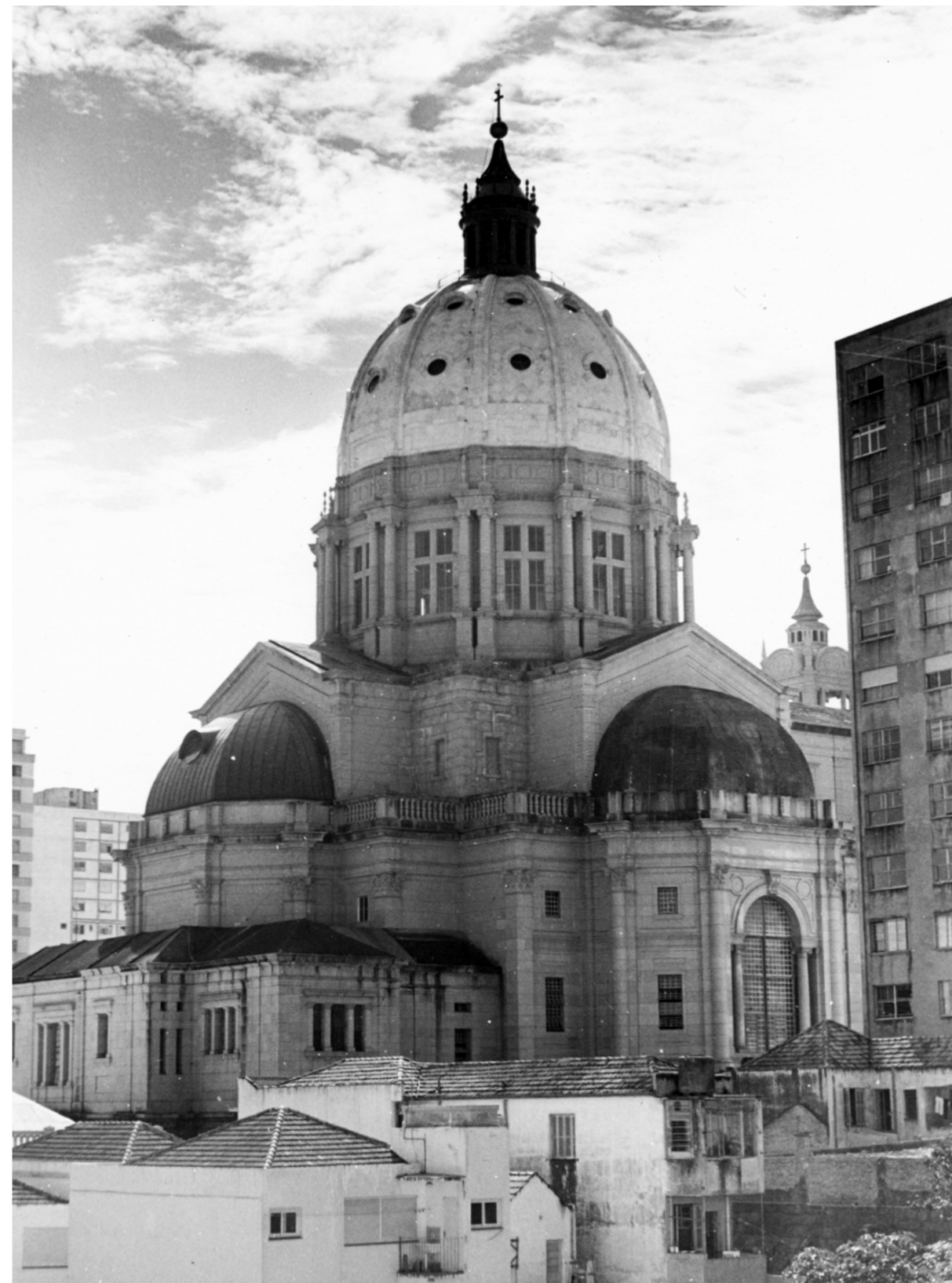
▲ Figura 14. Planta do projeto executivo, fachada sul dando destaque para o conjunto da cúpula e as absides elaboradas na Itália pelo escritório de Giovenale.



▲ Figura 15. Corte transversal, na escala 1:100, destacando o acesso às torres sineiras e ao coro, e ressaltando a decoração do átrio. Note-se um desvio no corte para detalhar a ornamentação do átrio. Planta assinada por G. B. Giovenale



▲ ► Fotos 114 e 115. [08/1972]
Conclusão do conjunto final
da cúpula.





V.
GRANITO
E MÁRMORE,
CARRANCAS
E CAPITÉIS

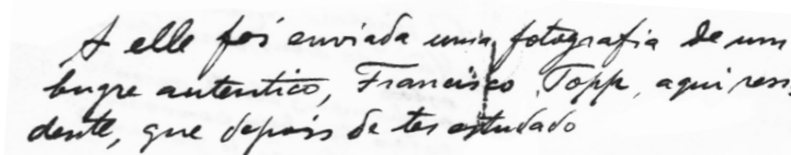
Da mão do homem se faz a arte, que da
pedra bruta destaca o trabalho à parte.
Entre capitéis clássicos que da história
fazem parte, um rosto inspirará a arte.

Desde os primeiros contatos de Mons. Balem com Giovenale, além do estilo geral da obra, era importante para o arquiteto italiano imprimir sua identidade no projeto. Ao ser abordado por Balem, que vislumbrava a execução de um projeto a partir do desenho publicado na Revista Catholicum (1899), Giovenale respondeu, em carta de 07 de junho de 1920:

“encontrei sua honrada carta de 12 de março [1920] com o qual me participa a intenção de edificar aí uma igreja inspirada na Basílica do Rosário por mim projetada em 1895 para Patrasso; e isso lisonjeou meu amor-próprio de artista, mas ao mesmo tempo despertou-me certa surpresa e certa preocupação. Não consigo compreender em quais elementos gráficos possa ser inspirada a igreja que pretendeis construir aí, já que os pequenos cartões ilustrados, que foram então difundidos a título de propaganda, realmente não podem ser suficientes para desenvolver um projeto de execução; daí me provém o temor de que, interpretando livremente aqueles pequenos desenhos, resulte uma obra que involuntariamente comprometa minha reputação artística.”

O processo foi longo, mas chegaram ao consenso dos materiais, como revestimento de granito rosa, e outros detalhes estilísticos. A pedra transformada em arte e o resultado do cruzamento de inspirações e possibilidades nos entregou uma Nova Cathedral.

Integra o imaginário da cidade a presença das carrancas indígenas como elemento decorativo da cripta. Mas qual é a história por trás disso? Na correspondência do arquiteto italiano, esse detalhe decorativo seria uma de suas marcas artísticas no projeto. Referidas sempre como “míslas antropomórficas”, Mons. Balem acabou revelando o modelo que as inspirou apenas em um pequeno pedaço de papel, por ele próprio anotado, mas nunca publicado. Escreveu que:



A elle foi enviada uma fotografia de um bugre autentico, Francisco Topp, aqui residente, que depois de ter estudado

Mons. Balem registrou que enviara a Giovenale uma fotografia de “um bugre autêntico”. De fato, Francisco Cogogn Topp pertencia ao povo Xokleng, e foi uma de tantas crianças indígenas que fizeram parte das “adoções civilizatórias” que ocorreram no Vale do Itajaí (SC) no final do século XIX. Ele foi “adotado” pelo Pe. Francisco Topp, que batizou o menino e deu-lhe seu nome. De Florianópolis foi mandado para o Seminário de Pareci Novo e depois para o Seminário Episcopal, em Porto Alegre. Foi contemporâneo de Balem em ambos os locais. Embora o pai adotivo desejasse a vida sacerdotal para seu tutelado, Francisco casou-se em 1912 em Guaporé, com Rachele Cassiamani, tendo falecido aos 04/06/1942 em Passo Fundo, sepultado no cemitério Vera Cruz.



▲ Foto 117. Francisco Cogogn Topp que inspirou as carrancas.

Dentre a expressão artística que Giovenale imprimiu ao projeto, destacam-se as mísulas antropomórficas de caráter étnico que apareceram nos primeiros desenhos enviados por ele em 5 de janeiro de 1922. Para o arquiteto, as mísulas antropomórficas remetiam aos “antigos indígenas, autores da obra megalítica”, aos quais aludia na base da construção (Giovenale, 1/6/1922). Ao referir-se à “obra megalítica”, Giovenale pareceu associar a região aos antigos templos incas, quiçá devido à situação geográfica de Porto Alegre, na América do Sul.

De qualquer modo, foi o que Mons. Balem passou a transmitir em seus escritos, quando tratava do estilo da cripta:

A fim de aumentar o aspecto de solidez desta parte básica do monumento, à semelhança das antigas construções dos Incas do Peru, quis que as paredes externas da cripta fossem feitas de colossais cantos de pedra tosca [...]. Em forma de cariátides, as cabeças gigantes de bugre, soberbas, magníficas, esculturas em imensos cantos de granito e estilizadas, em número de oito, saem de entre as pedras toscas das paredes, sob as grandes cimalthas de granito, simulando arcar penosamente com o peso das colunas das absides da igreja superior.

► Foto 120. No telheiro da cantaria vê-se o molde em cimento tombado.

▼ Fotos 118 e 119. Bloco de granito em processo de escultura.





◀ Foto 121. No canto esquerdo, Chofer Gomes. À direita da carranca, Luiz Tamanini, e ao canto direito da foto João Ruaro.



▲ Foto 122. Equipe de canteiros posam com Mons. Balem entre as misulas de sustentação das absides da Catedral.

Giovenale afirmava, sempre que se referia às misulas, que enviaria o molde. Por enquanto, elaborava os desenhos, como escreveu a 1º de junho de 1922, quando informou que corrigiria o equívoco, pois, “tendo estilizado a abundante cabeleira, assumiram o aspecto de klaft egípcio”. Especula-se que no vai-e-vem das correspondências, Mons. Balem teria demonstrado suas impressões a Giovenale, que reconheceu a excessiva estilização.

Na carta de 10 de outubro de 1924 era comunicada a remessa do modelo em gesso, juntamente com as posições onde deveriam ser colocadas as cabeças de índios estilizados. De autoria do escultor romano Cesare del Beato, os moldes tinham 1/3 do tamanho original, cuja maquete de cimento foi realizada por André Arjonas, artista da Casa Aloys Friedrichs. Os canteiros da oficina na pedreira Teresópolis immortalizaram a figura no granito rosa.



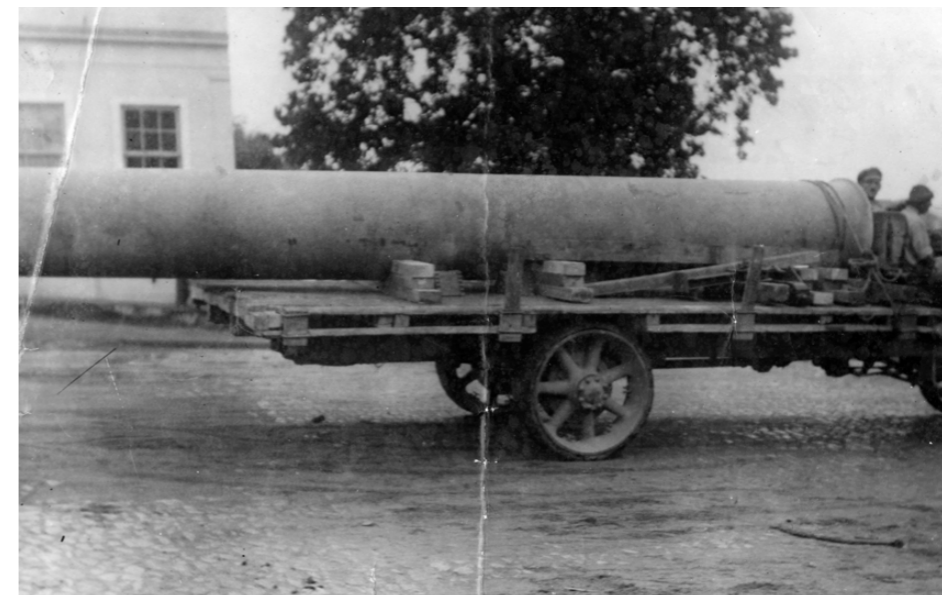
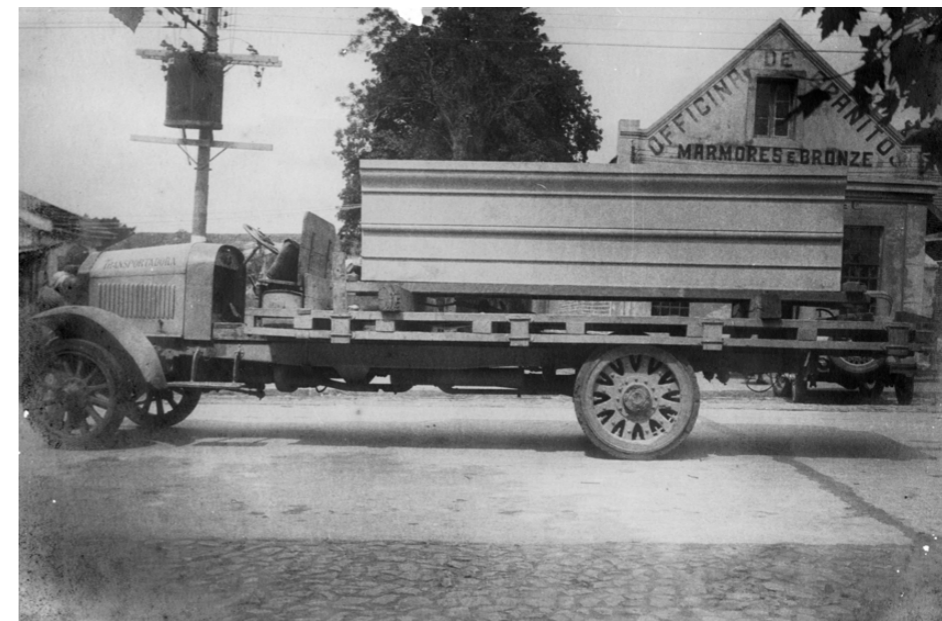
► Figura 16. Primeiro desenho de Giovenale, cuja estilização deu ares de um “Klaft egípcio”. (Fonte: Giovan Battista Giovenale (1849-1934) Architetto e Teorico. Maria Richiello.)



▲ Foto 123. Bloco de pedra onde será esculpida uma das colunas da cripta. Na foto aparecem Luiz Tamanini (1º capataz da pedreira), Mons. Balem e Pedro “canteiro”.

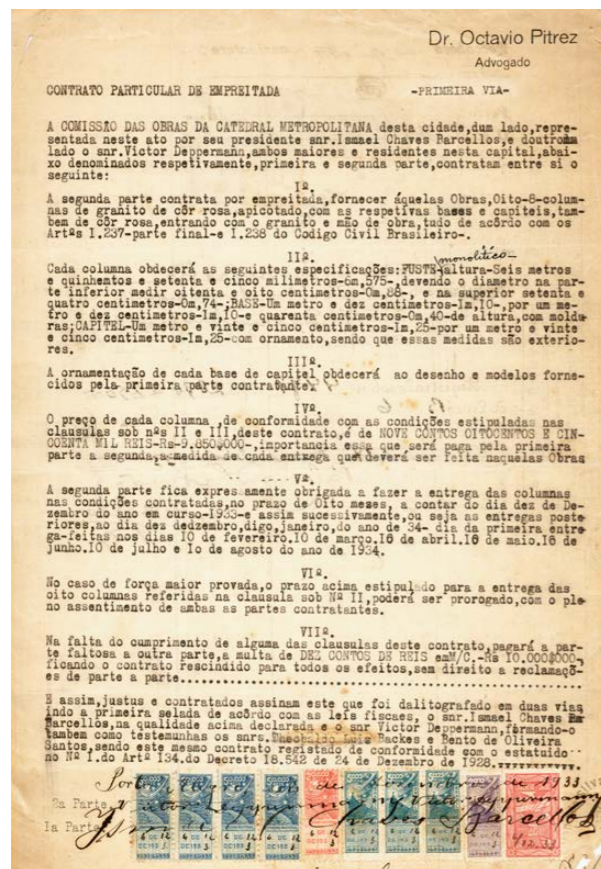


► Foto 124. A transformação da pedra, que passa de grande monólito a colunas e blocos de revestimento.



▲ Fotos 125 e 126. [1934] Moderno transporte de uma coluna e de uma arquitrave do pórtico.

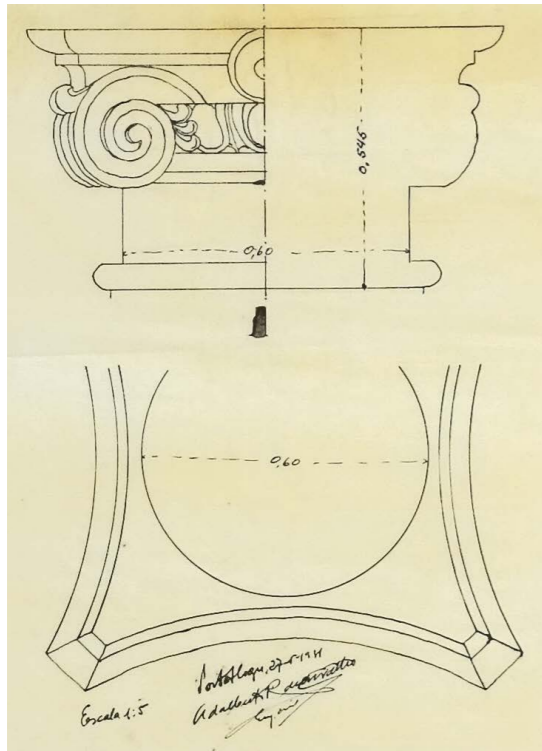
A confecção das colunas, vergas, arquitraves, pedras das fiadas etc. contava com os funcionários das pedreiras e de empresas contratadas, que também as instalavam. Participaram do processo diversas firmas, como Irmãos De Angeli; Irmãos Piatelli; J. Aloys Friederichs; Bertagna, Keller & Cia.; José Floriani Fº; Lonardi, Teixeira & Cia. Para as oito colunas de granito rosa apicoado, destinadas ao átrio da Catedral, foram abertas chamadas públicas em 1931 e em 1933, sendo escolhida a empresa de Victor Deppermann com execução da Firma Irmãos De Angeli. Assim, em março de 1934, iniciaram em sua oficina o aparelhamento da primeira coluna da frente. A mesma empresa foi responsável pela confecção dos oito capitéis de pedra – modelados pelo escultor italiano Luís Sanguin – que acompanham as colunas da frente.



▶ Figura 17. Contrato particular de empreitada, assinado em 6 de dezembro de 1933 entre a Comissão de Obras (representada por Ismael Chaves Barcelos) e Victor Deppermann.

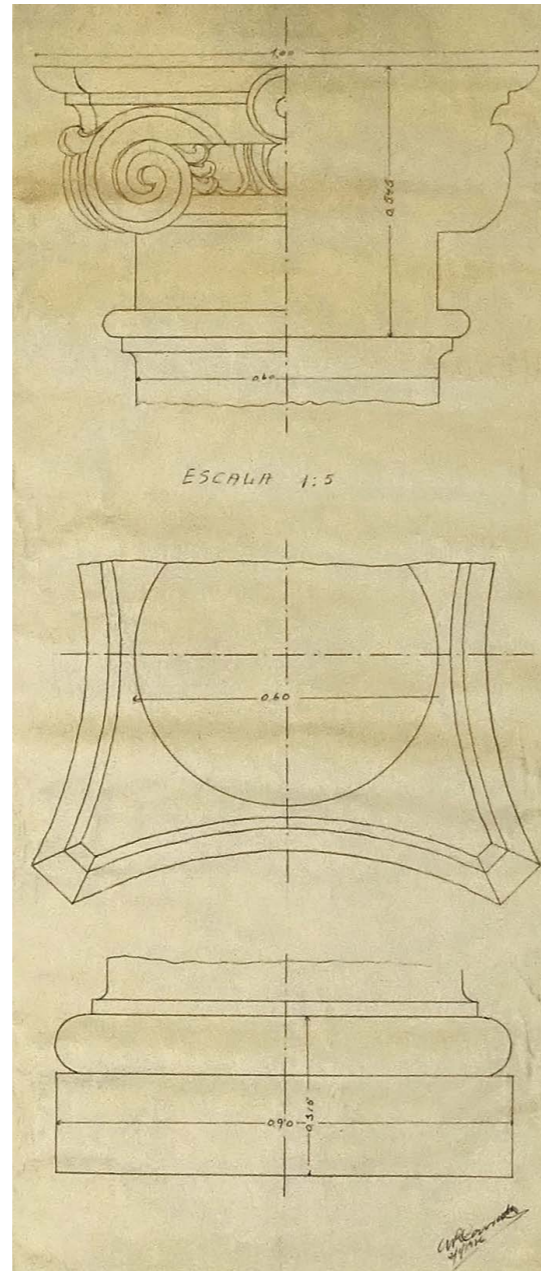
▶ Fotos 127 e 128. Em 11 de junho de 1934, Mons. Balem visitou duas oficinas: a dos Irmãos De Angeli, onde registrou as colunas dois e três do pórtico, presentes a receberem os últimos retoques. E a oficina de Lonardi, Teixeira & Cia., onde posou entre os capitéis dos pilares, e ao lado de Luís Sanguin e Leone Lonardi, este último ao fundo sobre uma pedra.





▲ Figura 18. Detalhamento de um capitel jônico na escala 1:5.

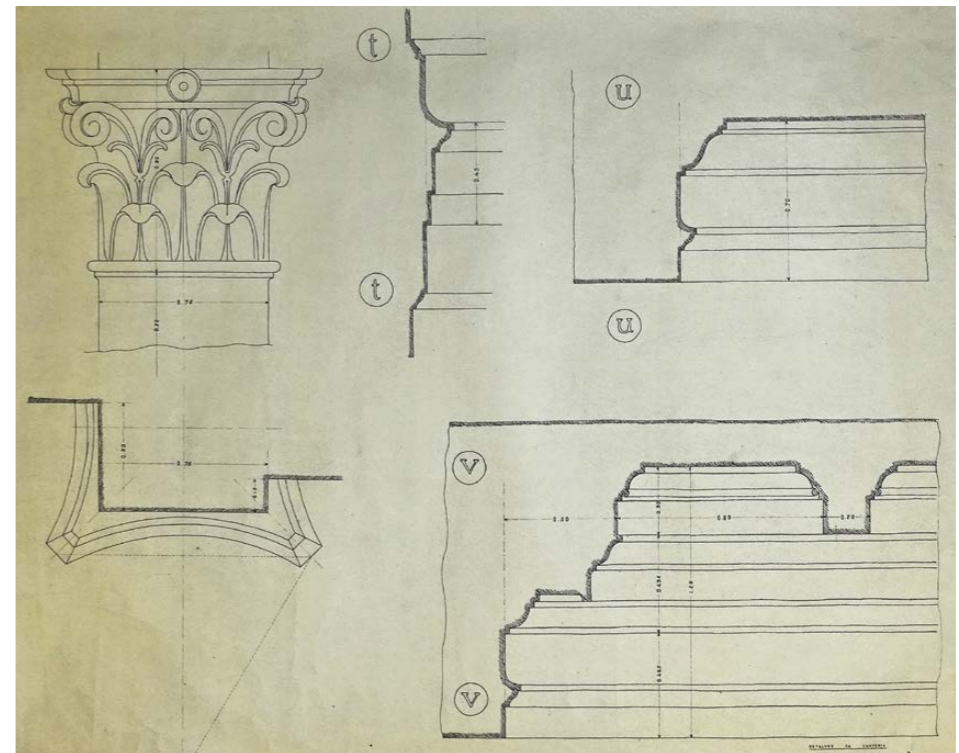
▶ Figura 19. Detalhamento de capitel e base de coluna de ordem jônica na escala 1:5.



▲ Foto 129. Capitel jônico, esculpido em granito. Instalado nas pilastras que guarnecem os pórticos de acesso à Catedral.



◀ Foto 130. Capitel da ordem compósita, conforma parte de um dos cunhais.



▲ Figura 20. Detalhamento de uma pilastra da ordem compósita, em cantaria, na escala 1:5.

◀ Foto 131. Capitel esculpido em granito, da ordem coríntia, de uma das pilastras.

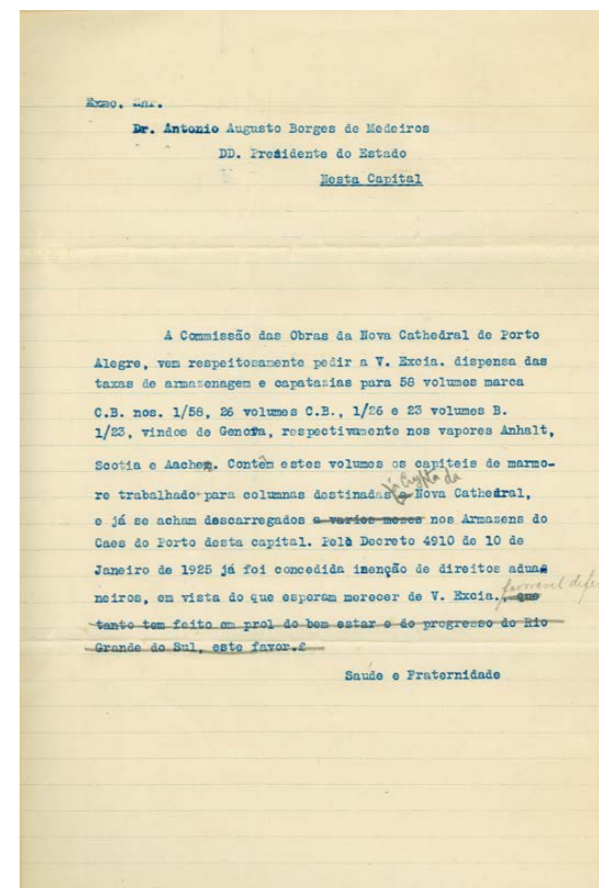
Desde que Giovenale apresentou o projeto, em 1922, prevendo que as bases das colunas da cripta fossem feitas de mármore, Mons. Balem apressou-se em encomendar com o arquiteto o mármore carrara, oriundo da Itália. Atendendo ao seu contratante, Giovenale solicitou orçamentos às casas e fornecedores locais. Em setembro de 1922, o arquiteto encaminhou três orçamentos para Balem.

Foi somente dois anos depois, em novembro de 1924, que o arcebispo Dom João Becker finalmente deu uma resposta sobre o mármore italiano. Com o objetivo de buscar melhores ofertas, em 1925, a Comissão de Obras solicitou, através de Aloys Friederichs e José Floriani, um orçamento de mármore branco mineiro, cuja proposta foi negada pela Comissão.

No mesmo ano de 1925, optaram pelo mármore carrara, sendo enviado a Giovenale o primeiro pagamento da encomenda e, em meados de julho de 1925, após diversas negociações, visto a alteração de valores desde o orçamento de 1922, Giovenale encomendou bases e capitéis da empresa Giovanni Beretta, de Gênova. A primeira remessa partiu de Gênova em outubro de 1925, composta por 58 caixas contendo 109 peças de bases e capitéis.

Porém, a história estava longe de acabar: um ano depois, as caixas seguiam retidas na alfândega, enquanto a Comissão de Obras da Catedral tentava obter a isenção dos direitos aduaneiros dos mármore. Ainda em 1925, a empresa Beretta informava que mandaria a segunda remessa prontamente.

Apenas em maio de 1927, o ministro da Fazenda, Getúlio Vargas, interveio e determinou que os direitos aduaneiros fossem praticamente isentos. Em abril de 1929, Giovanni Baretta forneceu mais mármore, o qual, em janeiro de 1930, seguia retido na alfândega, pois, embora isento de impostos, era necessário pagar o depósito aos cofres alfandegários. Alguns meses depois, o deputado federal João Simplicio de Carvalho conseguiu a isenção dos direitos aduaneiros do mármore italiano.



◀ Figura 21. Rascunho do requerimento da Comissão de Obras encaminhada ao presidente do estado, Borges de Medeiros, solicitando a isenção dos impostos aduaneiros.



VI.
NEM SÓ
DE PEDRA
SE CONSTRÓI
UMA CATEDRAL

E da pedra rosa se ergueu uma
catedral, processo em que o
homem se fez fundamental.

Nenhuma construção pode ser levada a cabo sem a inventividade humana. Do pensamento nasce a execução da obra, possibilitada pelo aporte coletivo de saberes e práticas.

Este último capítulo é uma homenagem às mulheres e aos homens que contribuíram para a criação do monumento Nova Catedral de Porto Alegre.

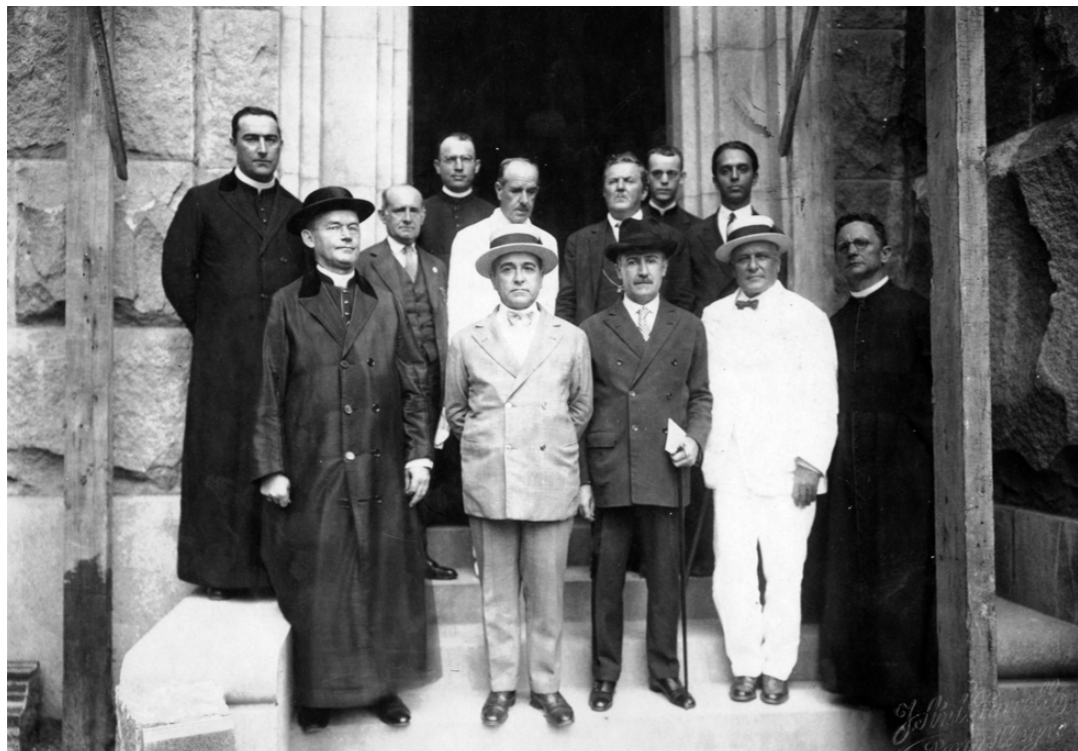
Desde os donativos recebidos, os empregados dos canteiros de obras e da cantaria, as empresas prestadoras de serviço, aos arranjos políticos e participação de todo o clero, construir a Nova Catedral requereu a soma de incontáveis esforços individuais.

Apesar de não termos a exata noção do número de trabalhadores, tendo em vista a terceirização de determinados trabalhos, além do emprego de mão de obra de apenas no final da década de 1940, parece-nos significativo e importante representá-los em nome de todos.



▲ Figura 22. Maria do Carmo Gazulha Dierchx, admitida como cobradora, foi a única mulher que integrou o quadro funcional da qual se tem notícia. A função do cobrador estava ligada à Secretaria da Legião dos 10.000 Construtores, dirigida por Mons. José De Nadal, e seu trabalho consistia em efetuar a cobrança das cadernetas de contribuições dos Legionários inscritos.

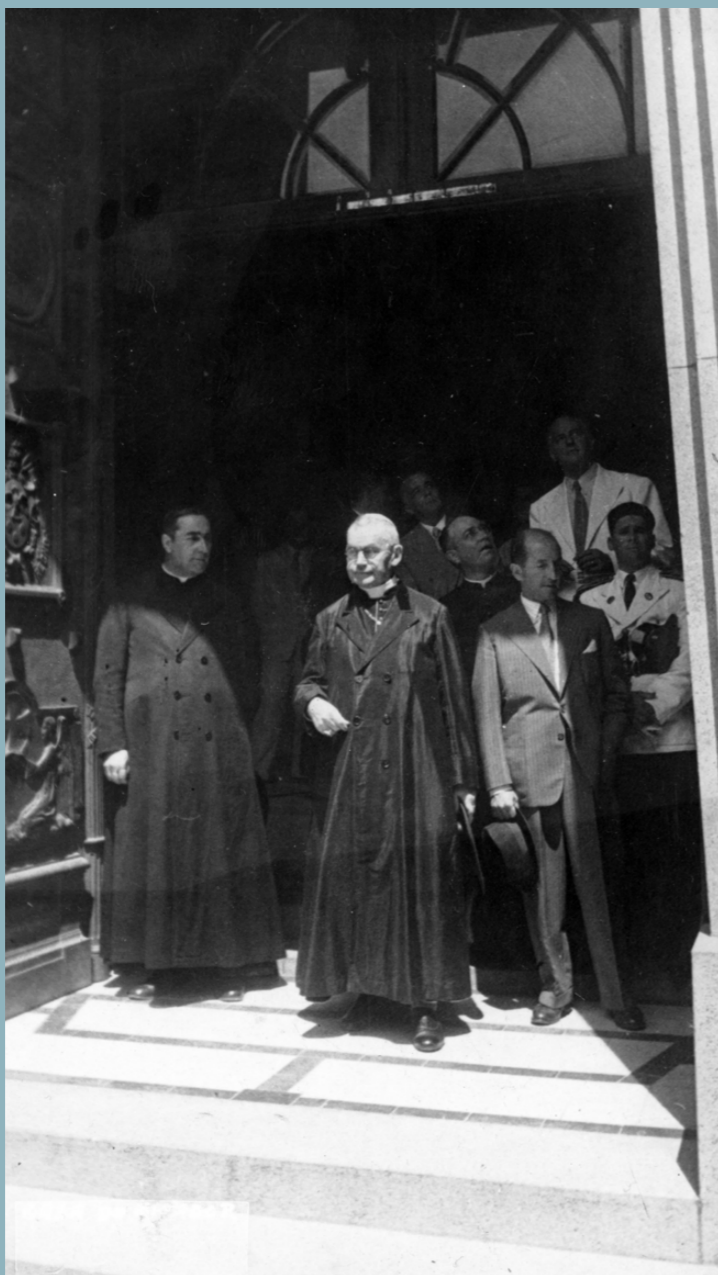
◀ Figura 23. Diploma de Legionário concedido a “uma devota de Nossa Senhora”, em 9 de janeiro de 1930. A arte, de autoria do artista Giuseppe Gaudenzi, foi assinada por Dom João Becker e por membros da Comissão de Obras, como Mons. Balem, Antônio Chaves Barcellos Filho, Félix Christiano Kessler e Oscar Leyraud.



▲ Foto 133: Getúlio Vargas, como presidente do estado do Rio Grande do Sul, visitou as obras da Catedral em julho de 1929. Acompanharam-no o arcebispo Dom João Becker e a Comissão de Obras. Na fileira da frente, da esquerda para a direita: Dom João Becker, Getúlio Vargas, Firmino Paim (secretário da Fazenda do estado), Alberto Bins (prefeito de Porto Alegre) e Mons. Nicolau Marx. Na fileira de trás: Mons. João Maria Balem, Otávio Pitrez, Côn. José De Nadal, Antônio Chaves Barcellos Filho, Oscar Leyraud, Côn. Vicente Scherer (secretário do arcebispo) e Adalberto Rodrigues de Carvalho.

► Foto 134: Getúlio Vargas, como presidente do Brasil, participou da missa em comemoração ao Centenário Farroupilha, celebrada na Catedral, aos 22 de setembro de 1935. À direita, Dom João Becker e o governador Gal. Flores da Cunha. Ao fundo, assinalado com o n. 4, Côn. João Cordeiro da Silva (Capelão do Pão dos Pobres), e Mons. Balem, assinalado com o n. 5.

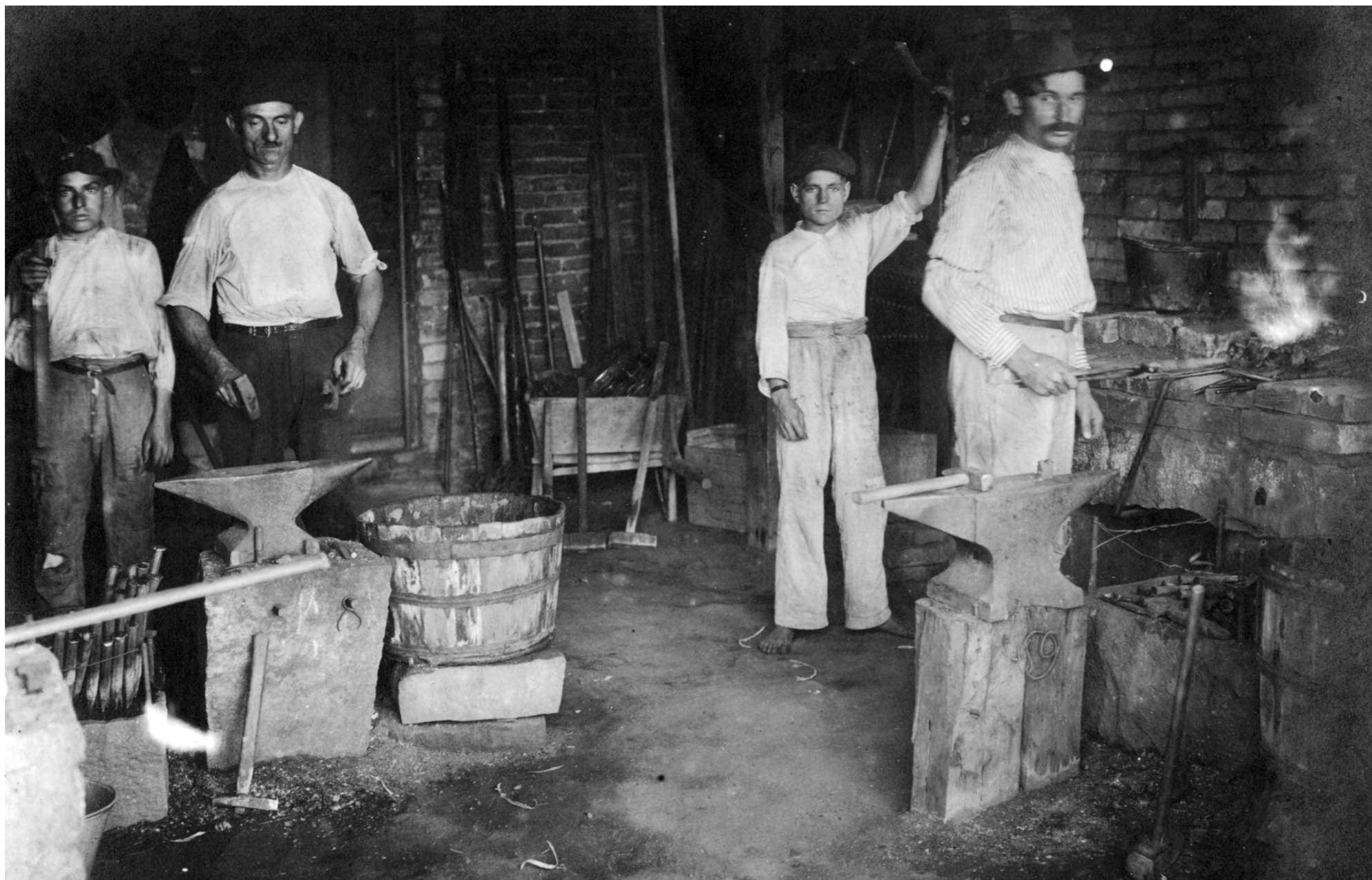




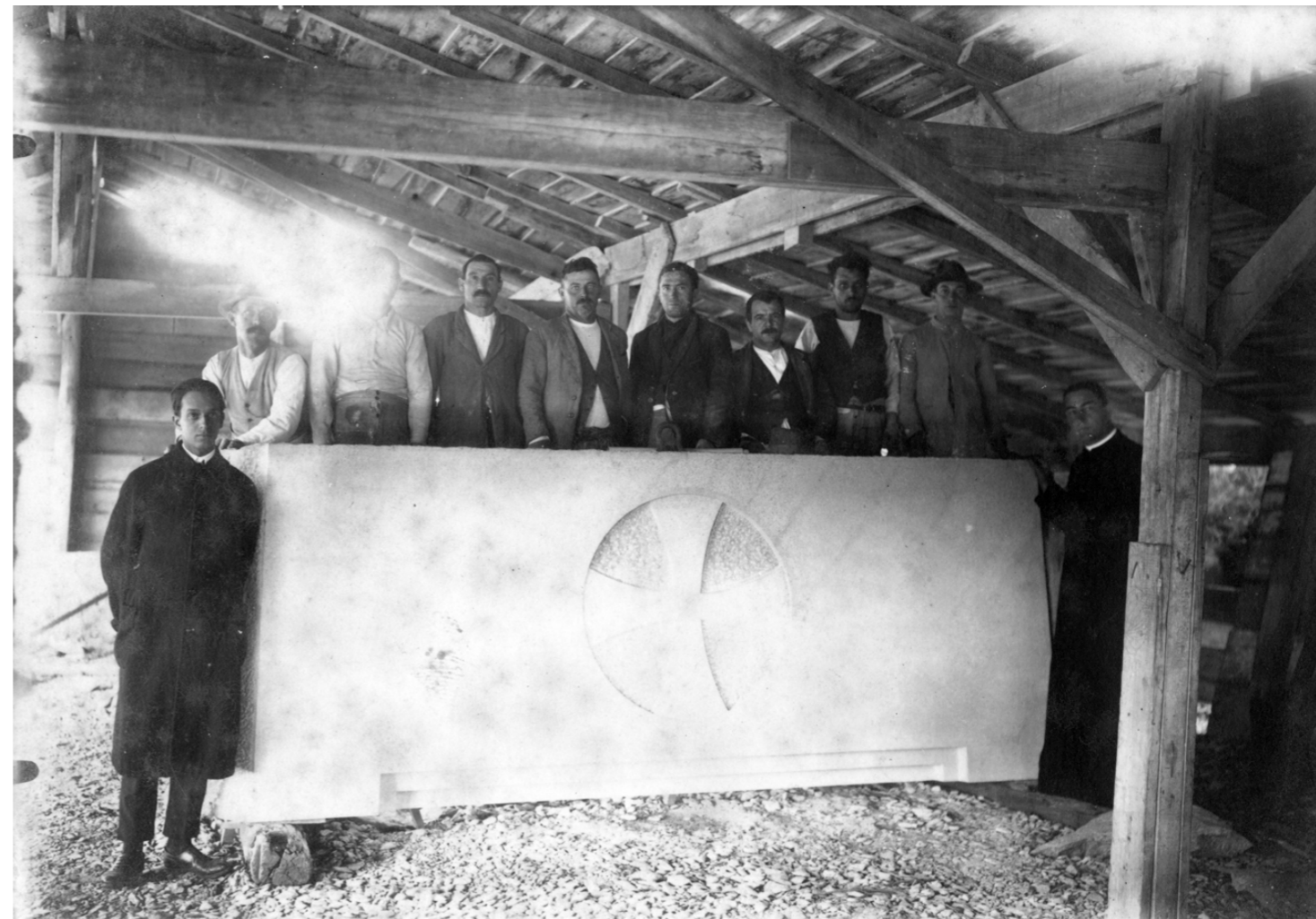
◀ Foto 135. Visita do interventor Ernesto Dornelles em 7 de dezembro de 1943. Na porta da cripta, da esquerda para a direita, Mons. Balem, Dom João Becker e o Interventor. Entre outras autoridades civis e do clero, destaca-se Walter Jobim (secretário da Viação e Obras Públicas do estado), ao fundo, de terno claro.



▲ Foto 136. Visita do interventor Ernesto Dornelles em 7 de dezembro de 1943. Na última fila de pedra na construção da Catedral, da esquerda para a direita, Pe. José Massimi (salesiano), Aquiles Soares, Mons. Balem, o interventor, Cristiano Kessler, Major Walter Perachi Barcellos, Walter Jobim e o porteiro Carlitos. No fundo da imagem, a residência de Adroaldo Mesquita da Costa (onde atualmente é a Assembleia Legislativa).



◀ Foto 137. Pequena fundição na pedreira de Teresópolis, onde os cinzéis, as escassilhadeiras e os ponteiros eram afiados. No centro, bigornas de ferro. Nas primeiras décadas de trabalho, utilizavam-se cerca de 50 ponteiros por dia. Entre 1920 e 1940, atuaram na ferraria João Flores os ferreiros Santino Donati, Gustavo Henrique Sundin e Julio Bizelo. Convém dizer que para o processo de transformação da pedra, os instrumentos que lhe davam forma contavam com as habilidades do ferreiro que os preparavam.

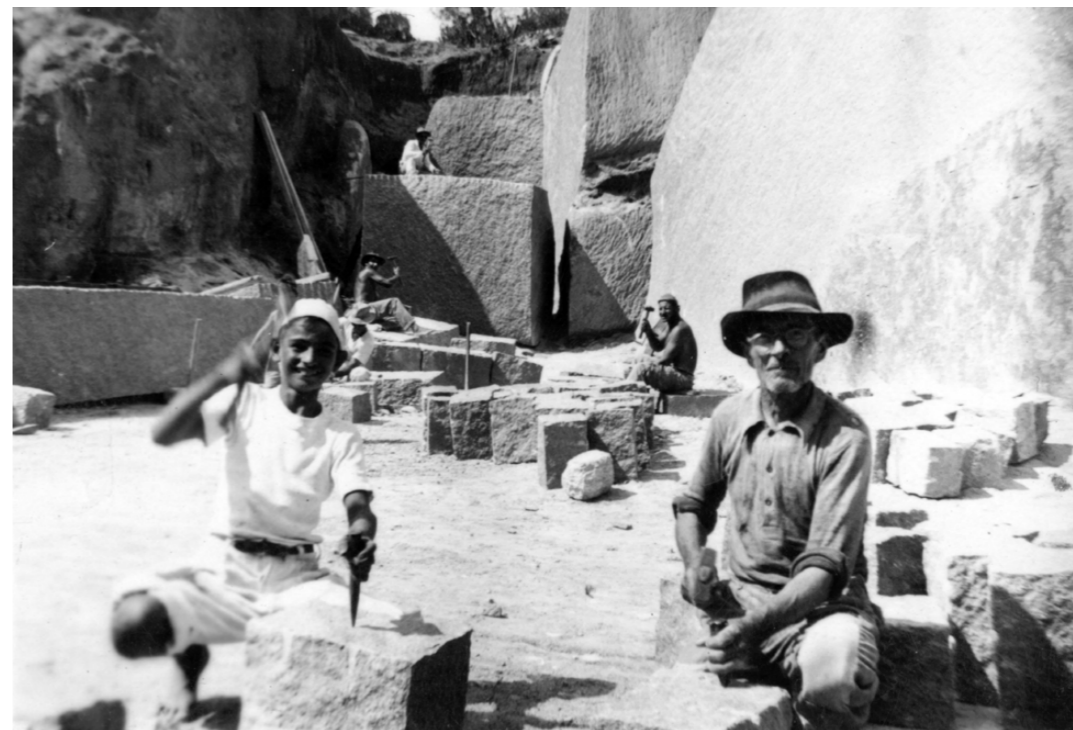


◀ Foto 138. O arquiteto Josef Hruby encontra-se entre dois operários em uma janela trífora da cripta. Hruby foi o responsável por acompanhar a execução das plantas e dos trabalhos na nova Catedral no período entre 1920 e 1925. Posteriormente, foi substituído por Adalberto Rodrigues de Carvalho.

▲ Foto 139. Na oficina de cantaria de Teresópolis, uma trave da porta principal da cripta, do lado da rua Dom Sebastião, pesando 6 toneladas, aproximadamente, com 4 metros x 1,30 metros. Da esquerda para a direita: Dr. Adalberto Rodrigues de Carvalho (engenheiro assistente das obras), João Ruaro, Albino dos Santos, [sem identificação], Luiz Tamanini (1º capataz, hábil canteiro e cortador de pedra), Jesus Carracedo Paupin, [sem identificação], [sem identificação], Oswaldo Tamanini (filho de Luiz Tamanini) e Mons. Balem.

Algumas famílias destacaram-se pela transmissão do ofício de pai para filho. Antonio, Francisco, Laurindo e Demétrio Nichele trabalhavam, na década de 1940, ao lado do pai como cortadores de pedra. Jesús Carracedo Paupin, registrado como capataz, era um hábil canteiro e levava seu filho como ajudante na oficina de cantaria. Floro Piatelli e seu filho Sérgio, provenientes da Itália, foram canteiros na pedreira de Teresópolis, assim como Luiz Tamanini e seu filho Oswaldo.

► Foto 140. [30/03/1950] Laurindo Nichele e seu pai, Cristiano Nichele, na pedreira da Aberta dos Morros.



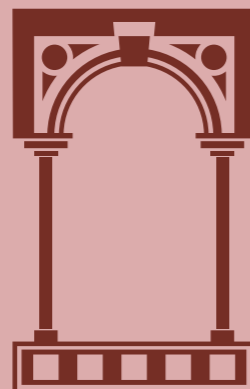


▲ Foto 141. Luiz Marques, a quem Mons. Balem chamava ora “mes-tre”, ora “capataz”, ora “chefe de pedreiros”, exerceu suas atividades no canteiro de obras. Por cerca de 20 anos esteve à frente no assentamento das pedras, colunas e pilares.

◀ Foto 142. Mons. Balem, ao fundo, acompanha o trabalho dos funcionários da obra, em um dia de concretagem. À direita, a ferragem da armadura das abóbadas do entrepiso da cripta sobre caixaria em tábuas de madeira. O entrepiso era concretado com o concreto transportado desde a betonera até o local por car-rinhos, sendo espalhado e adensado manualmente com pilões.

▼ Próxima página: Foto 143. Canteiros e cortadores, serventes e operários da pedreira de Teresópolis. Na imagem também posam Mons. Balem e José Brunelli. Entre canteiros, seus aprendizes e os cortadores de pedra, foram identificados 39 indivíduos, com idades que variaram entre 17 e 51 anos.





Notas Finais

Todas as imagens fotográficas utilizadas nesta publicação são custodiadas pelo Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre (AHCMPA).

COLEÇÃO CATEDRAL METROPOLITANA (AHCMPA)

Autor: José Antônio Porcello

Fotos 1, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 87, 88, 121, 122, 123, 127, 128, 132, 133

Autor: desconhecido

Fotos 2, 3, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 67, 69, 70, 71, 73, 84, 85, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 115, 116, 118, 119, 120, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143

Autor: Idelfonso Robles

Foto 4

Autor: A. F. F. Homrich

Fotos 5, 10, 40, 41

Autor: Casa do Amador

Fotos 97, 98, 135, 136

COLEÇÃO V CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL DE 1948 (AHCMPA)

Autor: desconhecido

Foto 101

COLEÇÃO DOM VICENTE SCHERER (AHCMPA)

Autor: Ir. Alfredo Valdemar Bösing (Sociedade Cultural e Beneficente Padre Reus)

Fotos 112, 114

COLEÇÃO ACERVO PESSOAL MONS. JOÃO MARIA BALEM (AHCMPA)

Autor: desconhecido

Foto 117

[A mesma imagem foi publicada por SANTOS, Silvio Coelho dos Santos. Os índios Xokleng: memória visual. Florianópolis/Itajaí: Ed. da UFSC/Ed. da UNIVALI, 1997 e também por WITTMANN, Luisa Tombini. Atos do contato: histórias do povo indígena Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926). Dissertação de Mestrado – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2005.]

As imagens que reproduzem documentos e desenhos arquitetônicos são custodiadas pelo AHCMPA e pelo arquivo paroquial Mãe de Deus – Catedral Metropolitana.

Desenhos arquitetônicos e detalhamentos Catedral Metropolitana (Arquivo Paroquial Mãe de Deus – Catedral Metropolitana)

Figuras 4, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20

COLEÇÃO ACERVO PESSOAL MONS. JOÃO MARIA BALEM (AHCMPA)

Documentos

Figuras 6, 10

COLEÇÃO CATEDRAL METROPOLITANA (AHCMPA)

Documentos

Figuras 17, 21, 22, 23

AS IMAGENS ESPECIALMENTE CRIADAS PELA OUTUBRO DESIGN

Figuras 1, 2 e 3

VANESSA GOMES DE CAMPOS

Arquivista, pela UFRGS, e historiógrafa, pela PUCRS, atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF) com Bolsa Capes. Especialista em **Gestão em Arquivos** pela UFSM. Atua desde 1997 no Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre (AHCMPA). De 2012 a 2020 prestou serviço como arquivista no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), tendo participado e organizado publicações, sobretudo técnicas. Tem vasta experiência em Paleografia e coordena o **Grupo de Estudos Paleografia na Prática**, do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF). Integra a Rede de Pesquisa em Acervos e Patrimônio Cultural (REPAC) e participa do Grupo de Pesquisa e Discussão do Laboratório de Estudos das Crenças (LEC), ambos vinculados ao Núcleo de Estudos de Memória e Cultura (NEMEC) do PPGH/UPF.

CAROLINE ZUCHETTI

Museóloga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desde 2015 atua na área de concentração dos Bens Culturais da Igreja, desenvolvendo atividades de preservação, pesquisa, documentação, produção e promoção do patrimônio artístico e histórico da Arquidiocese de Porto Alegre. Especialista em **Gestão Cultural: cultura, desenvolvimento** e mercado pelo Senac (2017), tem experiência em diferentes instituições culturais. Sócia fundadora da CZ CULTURAL que atua na produção e execução de serviços museológicos.

LUCAS BERNARDES VOLPATTO

Arquiteto pela UniRitter, mestre em **Arquitetura e Cidade: o Projeto como Investigação/ Edificações Culturais** (UniRitter Mackenzie) e especialista em **Gestão e Prática de Obras de Conservação e Restauro do Patrimônio Edificado** pelo CECI/UFPE. Atua como docente desde 2017 nos cursos de graduação e de especialização do UniRitter. É conselheiro do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico Cultural de Porto Alegre (COMPAHC) e do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul (CAU/RS). É membro da Comissão Arquidiocesana de Arte Sacra de Porto Alegre (CAAS). Sócio fundador do **Studio1 Arquitetura**, atuando na área de projetos e execuções de conservação e restauro e em outras áreas da arquitetura.

